



AMAZÔNIA CARIBENHA: MEMÓRIA E HISTÓRIA

O trajeto e o desdobramento em
outras narrativas históricas de uma
família nordestina para Roraima

Reginaldo Gomes de Oliveira



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA - UFRR

REITOR

José Geraldo Ticianeli

VICE-REITOR

Silvestre Lopes da Nóbrega

EDITORA DA UFRR

Diretor da EDUFRR

Fábio Almeida de Carvalho

CONSELHO EDITORIAL

Alcir Gursen de Miranda

Anderson dos Santos Paiva

Bianca Jorge Sequeira Costa

Fabio Luiz de Arruda Herrig

Georgia Patrícia Ferko da Silva

Guido Nunes Lopes

José Ivanildo de Lima

José Manuel Flores Lopes

Luiza Câmara Beserra Neta

Núbia Abrantes Gomes

Rafael Assumpção Rocha

Rickson Rios Figueira

Rileuda de Sena Rebouças



Editora da Universidade Federal de Roraima
Campus do Paricarana - Av. Cap. Ene Garcez, 2413,
Aeroporto - CEP.: 69.310-000. Boa Vista - RR - Brasil
e-mail: editora@ufr.br / editoraufrr@gmail.com

Fone: + 55 95 3621 3111

A Editora da UFRR é filiada à:



UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA

AMAZÔNIA CARIBENHA: MEMÓRIA E HISTÓRIA
O trajeto e o desdobramento em outras narrativas históricas
de uma família nordestina para Roraima

Reginaldo Gomes de Oliveira



EDUFRR
Boa Vista - RR
2020

Copyright © 2020
Editora da Universidade Federal de Roraima

Todos os direitos reservados ao autor, na forma da Lei.
A reprodução não autorizada desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação dos direitos autorais (Lei n. 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Revisão Ortográfica

Maria Alves Albuquerque

Projeto Gráfico

Cezário Paulino B. de Queiroz

Diagramação

Cezário Paulino B. de Queiroz

Capa

Aline dos Santos Rodrigues

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

O46a Oliveira, Reginaldo Gomes de.

Amazônia caribenha : memória e história o trajeto e o desdobramento em outras narrativas históricas de uma família nordestina para Roraima / Reginaldo Gomes de Oliveira. - Boa Vista : Editora da UFRR, 2020.

223 p. : il.

ISBN: 978-65-5955-007-4

1 - Amazônia caribenha. 2 - Memória. 3 - História regional.
4 - Migração interna. 5 - Narrativas históricas. I - Título. II -
Universidade Federal de Roraima.

CDU - 316.2(811.4)

Ficha Catalográfica elaborada pela Bibliotecária/Documentalista:
Shiridoill Batalha de Souza - CRB-11/573 - AM

A exatidão das informações, conceitos e opiniões é
de exclusiva responsabilidade dos autores

SUMÁRIO

Prólogo.....	10
Parte 1. Introdução.....	12
Parte 2. Notas iniciais da história regional.....	14
Parte 3. Breve relato sobre a história do estado de Roraima.....	20
Parte 4. Por que a história da família?.....	25
Parte 5. Algumas informações a respeito dos sobrenomes desse grupo familiar.....	27
Parte 6. Quando começou nossa história de família.....	28
Parte 7. Antônio e a viagem com a família de Camocim para a Amazônia.....	31
Parte 8. Antônio e a família foram instalados no seringal em Fonte Boa.....	36
Parte 9. Antônio, Amélia e as filhas: o cotidiano no seringal não era fácil.....	38
Parte 10. O casal Raimundo e Doralice: a imigração de Manaus para Boa Vista.....	42
Parte 11. A viúva Amélia e a filha Delzira: o deslocamento de Manaus para Boa Vista	49

Parte 12. Os pais de José Nelson de Oliveira.....	55
Parte 13. Boa Vista: a nova vida do casal João Lídio e Antônia acompanhado dos filhos.....	57
Parte 14. Boa Vista: outros aspectos da dinâmica urbana, sociocultural e econômica durante a década de 1950.....	63
Parte 15. O encontro de Nelson e Delzira no ano de 1951.....	67
Parte 16. A vida de Nelson e Delzira: outros desdobramentos com a separação.....	73
Parte 17. A vida de Delzira e as três crianças na casa da avó Amélia.....	76
Parte 18. Reconciliação de Nelson e Delzira.....	80
Parte 19. Recomeçando a rotina: duas mulheres e quatro crianças pequenas.....	86
Parte 20. A decisão de deixar Boa Vista e imigrar para o Nordeste brasileiro.....	89
Parte 21. Desembarque em Manaus: uma surpresa esperava pelas duas mulheres.....	91
Parte 22. A vida em Manaus na década de 1960: novos desdobramentos na história das duas mulheres e das crianças.....	94
Parte 23. A chegada de Doralice e a família: de Boa Vista para Manaus.....	108
Parte 24. Os pais de Paulino da Silva e características da região onde nasceu.....	111

Parte 25. A viúva Francisca, os filhos e a fazenda.....	113
Parte 26. Paulino na capital Rio de Janeiro: o Exército e o primeiro casamento.....	114
Parte 27. Paulino da Silva e Delzira Gomes Bezerra iniciaram outro ramo da família: os Gomes da Silva.....	116
Parte 28. O retorno de José Nelson a Manaus: o encontro com a nova família.....	121
Parte 29. Retomada da rotina e a chegada do novo bebê de Paulino e Delzira.....	125
Parte 30. Delzira e o retorno para Boa Vista como família militar do 6º BEC.....	131
Parte 31. A primeira experiência na cidade que recebeu a família real portuguesa em 1808.....	139
Parte 32. O ano de 1973: o jovem Reginaldo e outras experiências socioculturais em Manaus.....	142
Parte 33. O retorno de outros membros da família para Boa Vista, capital do Território Federal de Roraima.....	147
Parte 34. Imigração de Régio viajando no Fusca de Manaus para Boa Vista.....	150
Parte 35. O jovem professor leigo: outras narrativas do fim dos anos 1970.....	153
Parte 36. O ano de 1979: outras mudanças ocorridas em Boa Vista e na família.....	156

Parte 37. De Boa Vista para o Rio de Janeiro: o jovem Reginaldo e as experiências no processo acadêmico de aprendizagem.....	160
Parte 38. Outras informações sobre o processo de formação acadêmica de Régio.....	164
Parte 39. Régio e os membros da família Paulino da Silva no Rio de Janeiro.....	169
Parte 40. Do Rio de Janeiro para Boa Vista: outros projetos e troca de saberes no campo da Arte e da Educação.....	172
Parte 41. Outros desdobramentos históricos na família na década de 1980.....	178
Parte 42. O ano de 1988: Paulo Richard e Reginaldo, os estudos acadêmicos no Rio de Janeiro.....	182
Parte 43. Outros desdobramentos narrativos na década de 1990.....	189
Parte 44. Régio e a entrada na Universidade Federal de Roraima (UFRR).....	193
Parte 45. A família e as primeiras décadas do século XXI.....	199
Parte 46. Régio e outros desdobramentos na História da Família a partir de 2018.....	207
Parte 47. Encaminhamentos para o fim da narrativa histórica.....	212
Referência	214

Bibliografia.....214

Anexos.....217

Prólogo

Esta obra é uma narrativa informal que recria lembranças feitas por pessoas simples, consideradas testemunhas vivas da nossa História Regional e Nacional. É um livro que mistura memórias com fragmentos históricos, contados pelo neto, sobre os parentes mais idosos. Nesse sentido, são lembranças e pedaços da História de Vida, vivida e sofrida pelos antepassados familiares, em distintos momentos do século XX.

No século XXI, no estilo operístico, surgiu um coro dos jovens da família que entoavam a necessidade de conhecer a épica dos antepassados da família. Os atuais membros da família ampliaram a organização social de parentesco, fazendo crescer outras experiências e novas lembranças. São novos trajetos e memórias que nem sempre reconhecem os espaços dos antigos lugares da cidade de Boa Vista, Roraima, onde os familiares realizaram seus primeiros encontros. Isto é, diversos fatos vividos por diferentes gerações, que estavam provocando rupturas históricas compartilhadas pela grande família.

Eram fragmentos e lembranças vividos que dificultavam a melhor compreensão da História da Família pela nova geração. Assim, no século XXI, os jovens gostariam de compreender as experiências vividas pelos avós, bisavós ou trisavós desfrutadas no século XX.

Grande parte da narrativa se prende à cidade de Boa Vista, capital do estado federado de Roraima (RR). Um espaço urbano que emerge cheio de pessoas e das histórias de vida, com variadas culturas e línguas. São habitantes com distintas memórias e narrativas históricas, que se entrelaçam e são associadas ao espaço urbano de Boa Vista-RR, em seus variados momentos do processo histórico e sociocultural.

Na década de 1940, era uma pequena cidade, conhecida como município do Amazonas e denominada de Boa Vista.

Depois, tornou-se capital do Território Federal do Rio Branco (1943), em seguida Território Federal de Roraima (1962). Logo depois, tornou-se a capital do estado de Roraima (1988). Lugar com diferentes caminhos históricos, processos socioculturais e geopolíticos, que tornaram Boa Vista o espaço de encontros e desencontros vividos pelos nossos antepassados familiares.

Nesse sentido, não é um livro de memória nem de História, mas são lembranças e notas semelhantes aos retalhos, escolhidos pelo artesão historiador, que foi costurando e elaborando as narrativas e as memórias dos trajetos históricos da família. São fragmentos, portanto, de uma paisagem de vidas, colhidos e anotados pelo próprio personagem-narrador. São retalhos de experiências vividas, que compõem o registro da história e trajetória de vida dos familiares mais idosos, que foram ampliando-se com o nascimento das novas gerações no século XXI.

Aos leitores e jovens familiares, uma boa leitura.

O Autor.

Parte 1

Introdução

É importante dizer que este livro nasceu da ideia trazida por alguns jovens familiares, interessados em conhecer melhor a origem e os laços de família que nos unem. Como os primeiros avós chegaram a Boa Vista, Roraima? De onde eles vieram? Como foi o encontro deles no pequeno município? Como era o município de Boa Vista ao chegarem e se instalarem no seu espaço urbano?

Essas questões deram ao autor elementos para pensar no traçado que marcou a elaboração desta obra: são lembranças e memórias coletadas e incorporadas aos dados narrativos e às lembranças do próprio autor. Assim, o personagem-narrador conta parte da experiência, que é sua história, incorporando ao que ouviu e anotou da história da família.

Primeiramente, a obra expressa passagens da memória de sua família materna: os Gomes de Oliveira e Pereira de Albuquerque, que imigraram do Ceará para a Amazônia. Em seguida, expressa outras passagens da memória da família paterna: os Gomes de Oliveira, que imigraram do Acre para Boa Vista, Roraima. A seguir, foi incorporando alguns desdobramentos da trajetória histórica, inserindo informações de alguns novos ramos da família, que foram sendo incorporados como os Gomes da Silva.

O autor não se preocupou em seguir um modelo teórico-metodológico, mas o personagem-narrador investigou e tornou-se em ferramenta, sujeito e objeto do trabalho elaborado. As narrações expressas ou descritas permitiram elaborar e socializar o texto de sentido familiar, que o neto primogênito da avó Amélia e segundo neto da avó Antônia escreveu e homenageou as avós.

O livro foi estruturado em subtítulos, para facilitar o entendimento diante de tantas informações fragmentadas que

descrevem o processo histórico e da memória, de modo a lembrar os diferentes fatos que foram sendo costurados e inter cruzados na elaboração da obra. Notas e lembranças da saga vivida pela família cearense, acreana e fluminense, da qual descendem as novas gerações, nascidas em fins dos anos 1940 até os anos 1960.

Falar da família é fazer emergir os fragmentos das lembranças e interpretar os contextos da História de Vida dos familiares idosos. Fragmentos reveladores dos vínculos de parentesco – como uma forma de socializar com as novas gerações da família aquilo que elas desconheciam sobre sua história – e das situações vividas pela família no tempo passado. O tempo do século XX, bem distinto do século XXI em consequência das tecnologias digitais e da internet.

Nessa perspectiva, este livro se inicia com esclarecimentos sobre a História Regional e um breve relato sobre a História de Roraima, o lugar que registrou o encontro das famílias e marcou vivas recordações, delimitando o parentesco e o desenrolar como uma grande família amazônica caribenha.

Parte 2

Notas iniciais da história regional

Ao falar de Amazônia Caribenha, estamos assinalando para um recorte regional da região amazônica na América do Sul, que no século XVI foi identificada como a ilha da Guiana. O termo Guiana é originário dos povos Arawak e foi interpretado como “Terra de muitas águas” ou “Terra de muitos rios”. É uma singular e internacional região amazônica, habitada por sociedades de cinco países de línguas e culturas diferentes: Brasil, Venezuela, Guyana, Suriname e França. São países que, no período colonial, eram parte das colônias distribuídas na ilha como Guiana Espanhola, Guiana Holandesa, Guiana Francesa, Guiana Portuguesa e Guiana Britânica.

A Guiana Portuguesa era formada pela área territorial que hoje são os estados do Amapá (no litoral) e Roraima (no interior). Além desse processo histórico e geopolítico de cultura e língua europeia, a região é compartilhada pelos denominados primeiros habitantes: os povos indígenas do tronco linguístico Karíb¹ (Makuxi, Patamano, Ingarikó, Wai Vai, etc.) e Arawak (Wapichana, Atorai, Lokono, etc.)

Os povos indígenas têm suas narrativas históricas e cosmogônicas vinculadas ao contexto regional Circum-Roraima, que é marcado pelo ponto geopolítico mais expressivo na região, com o nome de Monte Roraima. Hoje, o Monte Roraima, como parte integrante do conjunto das serras Pacaraima, é o marco da tríplice fronteira entre Brasil, Guyana² e Venezuela. O Circum- Roraima considerado como o território do herói cultural

¹ A grafia Karíb faz parte dos estudos linguísticos. Identifica o tronco linguístico dos povos indígenas dessa região. Sentido semelhante é o termo Arawak. O termo Caribe faz referência ao território ou região, ao mar (Atlântico Norte) com suas inúmeras ilhas, como também à sociedade regional.

² O Termo Guyana identifica a nova República Cooperativa de Guyana, ex-Guiana Britânica.

Makunaima, que, nas memórias cosmogônicas, lendas e mitos, deu origem ao universo indígena e a todas as coisas existentes.

São dois recortes regionais: Amazônia Caribenha e Circum-Roraima, que dialogam e se inter cruzam na formação histórica e sociocultural da região. É uma região de plurais relações socioculturais e narrativas híbridas entre as experiências de vida indígena e da sociedade nacional. Território das Guianas, Amazônico Caribenho e Circum-Roraima, nosso lugar de serras, florestas, savanas ou lavrados, rios, lagos e igarapés. Nossa terra natal amazônica, onde a cultura do gado foi introduzida na segunda metade do século XVIII, que fascinou e trouxe muitos imigrantes, especialmente do Nordeste brasileiro.

Região que, na segunda metade do século XIX e primeiras décadas do século XX, vivenciou dois grandes ciclos de imigração nordestina brasileira: o primeiro foi com o ciclo da borracha, que trouxe o sonho de construir uma região moderna e de economia em ascensão. O segundo foi com a descoberta dos garimpos de ouro e diamante nos diferentes territórios das Guianas. Movimento garimpeiro que atraiu diferentes grupos de imigrantes, que sonhavam com o enriquecimento fácil. Sonho que reanimou o imaginário do século XVI, com o El Dorado e a cidade de Manoa.

Sonhos e distintos caminhos históricos envolvendo a vida de variadas famílias, que buscavam melhores condições de vida nesse específico lugar da Amazônica Caribenha. Vidas e histórias que se misturaram às dos povos indígenas, que foram incorporando-se ao processo colonizador desde a chegada dos denominados pioneiros. Eram famílias que chegaram e se instalaram na região e foram ampliando suas relações socioculturais e familiares ao incorporarem os povos indígenas ao mesmo contexto histórico.

Nesse sentido, as experiências vivenciadas no antigo Forte São Joaquim do Rio Branco foram ampliando-se com as experiências compartilhadas pelos grupos sociais nas antigas

fazendas de criação de gado bovino e de cavalos. Outras vivências socioculturais e familiares foram incorporando os povos indígenas como trabalhadores, ou como familiares, ou pelos laços de compadrio.

Assim, a região viu surgir uma mistura sociocultural que deu origem à miscigenação e à formação de uma sociedade intercultural. Sociedade plural e de convívio familiar, com variados laços de parentesco, entre as regiões dos rios Branco (Brasil), Rupununi (Guyana) e Orinoco (Venezuela). Foi nesse cenário amazônico caribenho internacional que as famílias se formaram e os laços de parentesco se ampliaram.

Ao analisarmos o mapa holandês de Jodocus Hondius, percebemos que ele pôs em evidência o rio Orinoco, com suas conexões entre caminhos fluviais e caminhos terrestres (Figura 1). Esses caminhos aquáticos e terrestres conduziam os povos indígenas, depois os europeus, entre os territórios montanhosos e de savanas, em direção aos rios Negro, Amazonas e a região andina. Caminhos que no século XX e XXI ainda são usados em especial pelos homens do garimpo em busca do El Dorado, divulgado no século XVI como lugar de ouro e pedras preciosas.

Figura 1 – Mapa da Amazônia no século XVI com destaque para Ilha da Guiana



Fonte: Cedido pelo professor Lodewijk Hulsman em 2008. Mapa elaborado por Jodocus Hondius em 1599, com base nas informações da Expedição de Walter Raleigh (1594) e de Lawrence Keymis (1596).

Nesse mapa de Hondius, quase não há informações sobre o rio Amazonas, pois ele ficou mais conhecido com a viagem do português Pedro Teixeira (1637-1639), que navegou pelo referido rio e levantou mais informações sobre a fauna, flora e sociedades indígenas na região do rio das denominadas guerreiras Amazonas. Pedro Teixeira realizou a viagem autorizado pelo rei Filipe IV da Espanha, pois na época essa região era espanhola pelo Tratado de Tordesilhas (1494). Era um período em que os portugueses estavam unificados ao reino espanhol, com a denominada fase da União Ibérica (1580-1640). Assim, os portugueses eram considerados súditos da Espanha.

Faço uma pausa para explicar que, na primeira década do século XXI, o neto e personagem-narrador (Reginaldo) é um dos pesquisadores e coordenador do Núcleo de Pesquisas Eleitorais e Políticas da Amazônia (Nupepa), vinculado à Universidade Federal de Roraima (UFRR). Como professor e pesquisador no campo da História, dedicou-se aos estudos regionais amazônicos e caribenhos. Nesse sentido, ao coordenar o grupo de pesquisa, revitalizou os estudos sobre a ilha da Guiana, ou seja, deu visibilidade à ilha, que havia desaparecido dos estudos cartográficos desde o fim do século XIX.

Com isso, no século XX, a cartografia e a historiografia privilegiaram o litoral e divulgaram apenas as três Guianas: Britânica, Holandesa e Francesa, as mais conhecidas no decorrer do referido século. Após a 2ª Guerra Mundial, com as novas mudanças históricas e geopolíticas, as Guianas Britânica e Holandesa conquistaram independência. A Francesa foi extinta e seu território foi incorporado pela França, que denominou a região como Departamento Ultramarino da França. Isto é, o único país da Europa com terras na Amazônia.

Nesse sentido, ao entrar em contato com a literatura e cartografia histórica neerlandesa, como também com o acervo documental e bibliográfico das bibliotecas municipais e das universidades dos países vizinhos, Guyana, Venezuela e Suriname, Reginaldo atualizou o nome de ilha Guiana para ilha da Amazônia Caribenha (Figura 2).

Figura 2 – Mapa da Ilha da Guiana ou ilha Amazônia Caribenha com destaque para as cinco colônias europeias: Portuguesa, Espanhola, Britânica, Holandesa e Francesa no século XIX



Fonte: Guiana (2011).

Mapa com atualização geopolítica regional de Reginaldo Oliveira e Maximiliano Valente em 2011.

O termo surgiu como uma homenagem aos povos Karíb, que são majoritários na referida ilha no século XXI. Nesse caso, a capital do estado de Roraima marca o centro da ilha, com grande contingente de povos indígenas Karíb, mas tem muitas famílias do tronco Arawak também.

Parte 3

Breve relato sobre a história do estado de Roraima

O estado de Roraima, com sua capital Boa Vista, lugar de nossa história familiar, localiza-se nesse panorama regional amazônico caribenho; é um estado brasileiro e parte da Amazônia ou da Pan-Amazônia, que é composta por nove países: Brasil, Bolívia, Peru, Equador, Colômbia, Venezuela, Guyana, Suriname e França ou Departamento Ultramarino da França.

Ao lançarmos outro olhar histórico e cartográfico, identificamos como parte territorial da Amazônia brasileira, composta pelos estados do Norte: Amazonas, Acre, Amapá, Pará, Roraima, Rondônia, Tocantins, mais Mato Grosso e Maranhão, ou como território da ilha da Amazônia Caribenha, compartilhada pelos cinco países: Brasil, Venezuela, Guyana, Suriname e França.

Nesse cenário regional com seus recortes nacionais e internacionais, o estado de Roraima tem o lugar geopolítico privilegiado no centro da ilha Amazônia Caribenha. Tornamos a repetir que é um lugar com grande contingente dos povos indígenas dos troncos linguísticos: Karíb, Arawak e Yanomami. São povos nacionais, internacionais e indígenas, que, aos poucos, vão incorporando-se e organizando-se socialmente no contexto urbano da cidade de Boa Vista.

Cidade que se localiza além da Linha do Equador; cidade que nasceu de um aglomerado de casas de trabalhadores ao redor da sede da Fazenda Boa Vista do Rio Branco, fundada em 1830. Nesse referido ano, o capitão Inácio Lopes de Magalhães comandava o Forte São Joaquim no rio Branco, quando resolveu fundar a fazenda particular na margem direita do rio Branco, entre as malocas dos povos Paraviana, Makuxi e Wapichana.

Os povos indígenas Karíb e Arawak foram os primeiros trabalhadores na agropecuária do rio Branco. Depois foram

chegando os nordestinos, que se integraram aos serviços da fazenda Boa Vista, pertencente ao capitão Inácio Magalhães. Os carmelitas chegaram e foram autorizados a construir uma capela nas proximidades da sede da referida fazenda. Nesse cenário rural da fazenda e seu grupo de trabalhadores indígenas e não indígenas a cidade de Boa Vista teve sua origem.

Em 1858, após o momento de paz com a derrota dos rebeldes na Revolta da Cabanagem (1835-1840), o imperador D. Pedro II autorizou o governo da Província Imperial do Amazonas a instalar uma Freguesia no rio Branco. Desse modo, foi decretada e homologada a criação da Freguesia Nossa Senhora do Carmo no aglomerado de casas ao redor da citada fazenda. Durante a Primeira República (1889-1930), em 1890, foi autorizada ao recém-estado do Amazonas a criação do Decreto e a elevação da categoria de freguesia para município de Boa Vista, pertencente ao referido estado.

Com o período do Estado Novo (1937-1946), no governo do presidente Getúlio Vargas, criou-se o Território Federal do Rio Branco, com terras desmembradas do estado do Amazonas. Assim, em 1943, Boa Vista foi homologada como capital do Território Federal do Rio Branco.

Seu primeiro governador, Ene Garcez dos Reis, convidou o engenheiro Darcy Aleixo Derenusson para elaborar o projeto da nova capital em 1944. O referido engenheiro trouxe do Rio de Janeiro a empresa Riobras e, juntos, iniciaram o projeto de transformação urbana de Boa Vista. Para o governador Ene Garcez, ao se tornar capital, Boa Vista tinha de perder o aspecto rural, dando lugar a uma capital moderna, com amplas avenidas, praças e arquitetura moderna para as novas residências.

Nesse caso, no projeto piloto de urbanização, contemplou-se também a construção de casas de tijolos, cobertas de telhas de barro. Eram construções que ampliaram o embelezamento urbano, modernas construções em substituição às casas rústicas, com paredes de pau-a-pique e cobertura de palha de buriti.

Para esse empreendimento, chegaram novas empresas de construção e novos imigrantes trabalhadores da construção civil e terraplanagem.

Nesse período de urbanização da capital, ampliou-se o abastecimento de água para as residências. A pequena população burguesa reclamava do abastecimento, que, em geral, era feito por vendedores de água trazida do rio Branco. A população de baixa renda usava o tradicional poço cavado no quintal, ou água do igarapé carregada em latões.

Nesse contexto de planejamento e urbanização chegou o mestre de obras João Mineiro, homem que ajudou a popularizar o esporte de futebol na cidade. Para isso, fez uso dos serviços de seus operários, que, nos momentos de lazer, formaram times de futebol, construíram o estádio de futebol, que recebeu seu nome: Estádio João Mineiro.

João Mineiro, nesse conjunto de ações esportivas e recreativas, auxiliado pelos operários da construção civil, construiu a sede da União Operária. Um espaço popular de confraternização, ou de lazer sociocultural e de formação profissional, inaugurado em novembro de 1949.

Nos anos 1950 e 1960, Boa Vista foi modificada com as novas estruturas governamentais e empresariais. Nesse empreendimento modernizador, surgiram escolas, hospital, aeroporto, ampliando-se o comércio e o surgimento de carros de aluguel. Os transportes, na maioria, eram feitos em carros puxados por bois, ou carregados em cavalos.

Em 1962, o nome do Território Federal foi trocado de Rio Branco para Roraima, o nome do monte compartilhado pela tríplice fronteira. A justificativa legislativa foi a confusão que se fazia com a capital do Acre, Rio Branco, desencaminhando a correspondência, mercadorias e passageiros, que seguiam para a capital do Acre ou para o Território Federal.

Nesse ínterim houve um aumento migratório de civis, mas também chegaram novos militares, em especial do 6º Batalhão

de Engenharia e Construção (6º BEC). No fim dos anos 1960, os militares do 6º BEC retomaram o projeto urbano da capital, que tinha sido iniciado pelo engenheiro Derenusson nos anos 1940, concluindo no fim da década de 1970.

Nos anos 1970 e 1980, a cidade de Boa Vista vivenciou um novo impulso imigratório, que transformou seu contingente populacional, sociocultural e sua economia. Foi a era denominada transição política brasileira: fim do governo militar à década da democracia, com o Movimento Diretas Já. Momento de transformação do Território Federal em Estado Federado de Roraima pela Constituição federal de 1988.

Esse período foi marcado também pela chegada de um maior grupo de profissionais, com formação universitária, para o trabalho em Boa Vista, profissionais que, em parte, foram selecionados para a área da Educação. Período em que se registrou, com mais visibilidade, o retorno dos estudantes roraimenses, que receberam formação universitária fora do convívio familiar. Nessa época, Boa Vista tinha apenas o denominado ensino de 1º grau e de 2º grau além do jardim de infância e ensino primário.

Porém, com a chegada da década de 1990, a capital Boa Vista tornou-se capital do Estado Federado de Roraima, ação política oficializada com a primeira eleição para governador. Ao ser eleito em outubro de 1990, o governador Ottomar Pinto assumiu o cargo em 1º de janeiro de 1991. Ação que fez surgir novas estruturas governamentais, criadas para auxiliar no desenvolvimento do novo estado, como a Assembleia Legislativa, o Tribunal de Contas, Tribunal de Justiça, entre outros órgãos e secretarias estaduais.

Nessa ação de expansão e transformação urbana criou-se a Universidade Federal de Roraima (UFRR) em 1990. Instituição de ensino superior que possibilitou aos roraimenses obter uma qualificação profissional universitária sem necessidade de deixar Boa Vista.

Esta breve história, que descreveu a região de Roraima, tornou-se necessária para compreendermos alguns percursos

históricos e socioculturais de nossa família: os Gomes de Oliveira e os Pereira de Albuquerque, que se deslocaram do Ceará para Boa Vista. Além do outro ramo dos Gomes de Oliveira que imigrou do Acre para Boa Vista. Essas famílias, ao chegarem à pequena cidade de Boa Vista, estabeleceram seus laços familiares, de amizade e de compadrio. Assim, deram origem às novas gerações familiares, que nasceram no fim dos anos 1940 e na década de 1950, estendendo-se nas outras décadas em diante.

Parte 4

Por que a história da família?

A História da Família vincula-se a uma sociedade que tem princípios fundamentados na História da Humanidade. Assim, a família tornou-se o núcleo natural e fundamental da sociedade. Nesse sentido, falar da família é comentar sobre um processo tradicional e de organização sociocultural, que tem origem na história da civilização. O núcleo familiar surgiu de modo natural entre os seres humanos, como forma de estabelecer segurança ou proteção, dando origem às relações afetivas de forma estável, com sujeição ao chefe familiar, que foi denominado pater.

Nessa perspectiva histórica, o termo família foi originado no processo civilizador do Mundo Antigo: Grécia e Roma, designando um grupo de pessoas submetidas a um chefe - o pater familias, ou seja, o mais elevado estatuto familiar, de tradição patriarcal: o pai da família, com os próprios costumes e suas tradições.

Desse modo, ao estudar a trajetória histórica de nossa família, temos a oportunidade de conhecer melhor quem somos? Ou de onde veio nossa família e como se conheceram na cidade de Boa Vista, Roraima? Que trajetórias históricas conhecemos dos nossos ancestrais? O que sabemos dos nossos avós, que são quatro: dois paternos e dois maternos; ou o que conhecemos sobre nossos bisavós, que são oito: quatro paternos e quatro maternos; ou, ainda, sobre nossos distantes trisavós, que são dezesseis: oito paternos e oito maternos. Curiosidades que despertam o conhecimento de nossos tetravós, que são trinta e dois: dezesseis paternos e dezesseis maternos.

Narrativas familiares que conduzem a outras gerações de ancestrais, com vivências que se foram perdendo no longínquo tempo passado. São partes de nossa memória familiar, que deram origem aos nossos pais até nosso nascimento. Ao nascer,

fomos integrados como membro dessa família. Por isso, nesta obra, tento narrar um pouco da memória desta grande família, que misturou suas histórias e deu origem ao ramo familiar amazônico caribenho.

Nessa perspectiva temos os familiares ascendentes e os familiares descendentes, que em nosso caso vou-me referir aos primeiros membros familiares nascidos em Boa Vista. Esse grupo familiar vou denominar como os descendentes do encontro dessas famílias imigrantes, que tiveram o encontro em Boa Vista, capital do atual estado de Roraima, na década de 1950.

São famílias que foram chegando a essa cidade na década de 1940. São famílias que buscavam novas oportunidades e gostaram do pequeno município Boa Vista. São famílias que nesse lugar mais setentrional do Brasil interiorano foram firmando raízes e ampliando as relações de parentesco. Uma região marcada pelo Monte Caburaí na fronteira do Brasil com Guyana ou pelo Monte Roraima, limitando a tríplice fronteira: Brasil, Guyana e Venezuela. Uma região de território fronteiriço internacional entre as formações das serras Pacaraima e as savanas (lavrados).

Região amazônica e caribenha, com variados processos históricos e organizações socioculturais. Como citado, região que vivenciou diferentes processos de colonização e incorporação dos processos históricos dos povos indígenas do tronco linguístico Karíb e Arawak. Povos indígenas que se deslocam entre as terras percorridas pelos três rios: Branco (Brasil), Rupununi (Guyana) e Orinoco (Venezuela). Foi nesse especial território que, na cidade de Boa Vista, essas famílias constituíram laços de parentesco e iniciaram outra história familiar. Assim sendo, na década de 1950 em diante, com o nascimento da nova geração de filhos, originaram-se os Gomes de Oliveira, os Pereira de Albuquerque e os Gomes da Silva.

Parte 5

Algumas informações a respeito dos sobrenomes desse grupo familiar

Primeiramente, informamos que, unidos pelo casamento e por laços afetivos, a família carrega na sua trajetória histórica o nome familiar ascendente. É o denominado nome da família ou sobrenome, que dá a identidade ao núcleo da família. É uma ação de organização de parentesco a que a literatura histórica deu notícias e origem no mundo oriental. O termo sobrenome teve sua origem na China antiga por volta do ano 2852 antes de Cristo.

De modo geral, os chineses usavam três nomes. Porém, com o passar dos séculos, a reorganização de parentesco e os núcleos familiares foram alterando a forma de interpretar o sobrenome da família, que ora seguia uma linha matriarcal (sobrenome da mãe), ora a linha patriarcal (sobrenome do pai), ou misturavam os dois sobrenomes do casal.

No encontro dos sobrenomes de nossa família, temos trajetórias pontuais dos ancestrais que se deslocaram do Ceará e do Acre, ou de Fonte Boa (Amazonas), passando por Belém (Pará), Parintins (Amazonas), Santarém (Pará), Manaus (Amazonas) até Boa Vista (Rio Branco/Roraima). Na capital Boa Vista, todos se conheceram e formaram os laços de parentesco dos quais somos parte.

Mais tarde, um membro militar entrou em nossa família, vindo do Rio de Janeiro para Manaus (capital do estado do Amazonas) e Boa Vista. Assim, no encontro desses grupos familiares em Boa Vista e em Manaus, surgiram os Gomes de Oliveira, os Pereira de Albuquerque e os Gomes da Silva, geradores do grande clã familiar na cidade de Boa Vista, nascidos no fim dos anos 1940-1950 aos dias atuais em 2020.

Parte 6

Quando começou nossa história de família

Não tenho dados suficientes para falar dos pais, dos avós e bisavós dos nossos avós, que nasceram e viveram parte da vida deles no século XIX. Quando falo dos nossos avós, estou referindo-me aos avós da geração da família, que nasceram entre o fim dos anos 1940 e a década de 1960. Desse modo, comentar sobre o século XIX seria uma narrativa da história familiar envolvendo a vida de nossos trisavós, são 16; tetravós 32 e pentavós 64, que viveram durante o Brasil Império (1822-1889), governado pelo imperador Dom Pedro I e depois pelo filho Dom Pedro II. Mais tarde, pelo presidente Marechal Deodoro da Fonseca no Brasil da Primeira República (1889-1930).

Vou tentar narrar alguns fatos da história de vida dos nossos avós, já nascidos nas primeiras décadas do século XX. Evidenciando sua trajetória e o desdobramento da organização de parentesco, com o nascimento das novas gerações a partir da segunda metade do século XX.

Para iniciar esta história da família, escolhi o casal Antônio Gomes de Oliveira e Lucinda Amélia Bezerra, que são os pais de Doralice Gomes de Oliveira, nascida em 1929 ou 1930; Delzira Gomes Bezerra, nascida em 1934. Duas irmãs com sobrenomes diferentes. Doralice foi registrada usando o sobrenome do pai e Delzira usando o Gomes do pai e o Bezerra da mãe.

O casal Antônio e Lucinda Amélia – simplesmente, Amélia – teve oito filhos, mas, diante das dificuldades econômicas e a fragilidade na área da Saúde, dos oito filhos, somente duas meninas conseguiram sobreviver.

Amélia nasceu em dezembro de 1908, na cidade litorânea de Camocim, em uma região intermediária de Sobral no Ceará. No passado, foi terra dos povos indígenas Tabajara, Tremembé, entre outros grupos de origem Tupi-Guarani. Além da tradição

da pesca e agricultura, a região foi colonizada pelos portugueses por volta de 1792, os quais introduziram a pecuária. Foi o momento de migração do Maranhão para o Ceará.

Nesse cenário litorâneo, Amélia era filha do casal Joaquim Camelo e Waldimira Bezerra de Melo, nascidos no século XIX. Joaquim, nascido na família Camelo de Camocim e Waldimira nascida no Ceará, como parte do ramo familiar Bezerra de Melo no Ceará e Pernambuco. Eles se conheceram e casaram na cidade de Camocim no fim da última década do século XIX.

Não tenho a data do casamento de Amélia com Antônio Gomes de Oliveira; deve ter-se realizado no fim da década de 1920. Antônio era um dos filhos do casal Joaquim Gomes e Maria Gomes, criadores de gado e comerciantes na região de Sobral. Parece que os pais de Antônio não aprovaram o casamento, pois Amélia não tinha boa relação com os sogros. As filhas de Amélia e Antônio não conheceram os avós, nem tios ou primos paternos.

Entre o fim da década de 1920 e início de 1930, Antônio e Amélia residiram um tempo em Camocim, depois migraram para Sobral, Crato, Canindé, visitando parentes e buscando trabalho para melhorar as condições de vida. O período de seca sempre trazia muito desemprego, e os jovens casais viviam migrando entre as cidades e alojando-se em casa de parentes ou amigos em busca de serviços. No geral, os serviços eram temporários.

Ressalto que, em 1929, houve uma grande crise econômica no mundo. Essa crise, conhecida como Grande Depressão, desencadeou uma forte recessão econômica, afetando os negócios e empregos no Brasil. No início do século XX, os Estados Unidos haviam despontado, após a 1ª Guerra Mundial (1914-1918), como grande potência econômica. O país era o maior comprador de café brasileiro. A economia no Nordeste e na Amazônia brasileira também vivenciava dificuldades.

Outro fator que trouxe nova crise econômica e política foi a Revolução de 1930. Foi o ano em que o Brasil viveu um movimento armado liderado por Minas Gerais, Paraíba e Rio Grande do Sul. Essa revolta culminou com o golpe de Estado,

ao depor o presidente do Brasil, Washington Luís, e impediu a posse do presidente eleito, Júlio Prestes.

Assim, a Revolução de 1930 pôs fim à chamada Primeira República (1889-1930). Como líder do movimento revolucionário, Getúlio Vargas assumiu o governo provisório do Brasil. Era um período bastante conturbado no campo da política e da economia, afetando também as famílias no Nordeste e na Amazônia. São regiões consideradas como territórios longe do poder central, estabelecido no Rio de Janeiro.

Nesse difícil panorama brasileiro, dia 24 de março de 1934, Delzira nasceu na cidade de Camocim, Ceará. Como mencionado, o casal Antônio e Amélia teve oito filhos, mas por motivo das poucas condições financeiras, de moradia instável e má alimentação, as crianças faleciam com poucos meses de idade. Doralice e Delzira acompanhavam os pais nessa trajetória de retirantes em busca de trabalho, com deslocamento muitas vezes por longas caminhadas entre uma cidade e outra.

Como exemplo, entre 1942 e início de 1943, quando Delzira estava com 8 anos, Antônio e Amélia caminharam com as duas filhas pelo litoral de Camocim até Parnaíba no Piauí. Caminhavam durante o dia e pernoitavam em alpendre ou varanda, cedido pelos moradores ao longo do caminho. Algumas das casas, onde se hospedaram durante o pernoite, eram de conhecidos ou parentes. Em Parnaíba, o casal não conseguiu estabilidade financeira e retornou para Camocim, novamente andando a pé.

Amélia era uma mulher guerreira e muito dinâmica. Comentava que Antônio estava sempre procurando trabalho, que gostava de bebida e jogo do bicho. Para Amélia, essa mania “meio malandra” de Antônio dificultava a permanência dele por muito tempo no serviço. Quando podia, Amélia se dedicava à agricultura familiar e à criação de galinhas. Antônio era considerado um homem branco de traços finos, com origem portuguesa. Amélia trazia no seu histórico familiar ascendência mestiça: portuguesa, africana e indígena. Uma mistura nordestina gerada no século XIX.

Parte 7

Antônio e a viagem com a família de Camocim para a Amazônia

Ainda no ano de 1943, em Camocim, Antônio ficou interessado na propaganda do governo federal sobre o alistamento de homens para o serviço de corte da borracha na Amazônia. Ele não imaginava como seria esse tipo de trabalho seringueiro, nem tinha ideia de como seria a floresta com imensos rios na Amazônia. Era um lugar distante e desconhecido para o cearense.

No entanto, Antônio foi atraído pela promessa de ganhar dinheiro, de possibilitar farta alimentação para o sustento da família. Amélia se preocupava com o estudo primário para as meninas, porém a necessidade mais significativa era a alimentação. Assim, Antônio foi até o setor de alistamento e fez sua inscrição com a família para o trabalho como soldado da borracha no seringal da Amazônia. O lugar do El Dorado.

Os navios para os seringais amazônicos deixavam os portos nordestinos em direção ao rio Amazonas, com parada em Belém, e depois navegavam até Manaus. As cidades de Belém e Manaus eram os grandes centros urbanos de serviços de aviamento, com estabelecimentos comerciais e escritórios, onde se realizavam os diferentes negócios da borracha.

Esses navios transportavam cargas e grupos de soldados da borracha, e alguns estavam acompanhados da família. Grande parte do contingente masculino era de jovens solteiros. Todos embarcavam nos navios que partiam em direção ao mundo amazônico. Eram navios que, em seu porão, alojavam os inúmeros grupos de homens, mulheres e crianças por vários dias de viagem, desde o litoral brasileiro até Manaus no rio Negro.

Na cidade de Manaus, os soldados da borracha eram transportados em barcos menores para os diferentes destinos

nos arredores do rio Amazonas ou Solimões, rio Negro até o baixo rio Branco. Eram os lugares dos diferentes seringais, com execução de diversificados serviços na coleta da borracha. Todos sonhavam com os lucros provenientes da árvore da borracha.

Era um período de conflitos armados, pois viviam os embates da 2ª Guerra Mundial (1939-1945). Nesse sentido, o termo “soldados da borracha” foi denominado por viverem a grande guerra. Os comandantes dos navios sabiam que as longas viagens pela costa brasileira eram desafiantes e perigosas. Muitos navios foram bombardeados e afundaram no mar pelos torpedos disparados por submarinos enviados pela Alemanha de Hitler.

Durante essa longa viagem, os passageiros, no porão do navio, sabiam dos perigos de naufrágio, que eram propagados pelas ameaças dos alemães, que enviavam submarinos com torpedos para a costa atlântica brasileira. Uma das metas desses torpedeiros era mandar para o fundo do mar os navios com os soldados, da borracha ou do Exército, que se deslocavam pelo Atlântico.

Nesse conflituoso cenário, Antônio, Amélia e as duas filhas deixaram Camocim e foram para Fortaleza, onde embarcariam no navio para Manaus. Em Fortaleza, a família ficou em uma hospedaria aguardando o dia do embarque. Nessa época, a mãe de Lucinda Amélia - Waldimira - era uma jovem senhora, já viúva, e também entrou na lista de viagem para o Amazonas, acompanhada de um neto de nome Isaías. Waldimira não queria deixar a filha, Amélia, viajar para uma terra longe e desconhecida, sozinha com o marido e duas filhas.

Delzira relatou que, em um momento da viagem, apagaram todas as luzes e pediram silêncio total. Os homens foram convocados para o convés do navio, as mulheres com as crianças assustadas e no escuro ficaram no porão do navio. Foram longos momentos de silêncio e medo do navio ser bombardeado. Finalmente, o perigo passou, os homens voltaram para junto da família no porão, e o navio seguiu rumo ao seu destino amazônico.

No porão, alguns passageiros sentiam mal-estar, dores no corpo, fraqueza, febre, ânsia de vômito.

Após mais de um mês de viagem, entre o fim de 1943 e início de 1944, Antônio e sua família, ampliada com a sogra e o neto, chegaram a Manaus. Nessa cidade, nas margens do rio Negro, todos foram alojados em uma hospedaria que recebia os soldados da borracha. A hospedaria era também o local onde os intermediários negociavam com os novos trabalhadores para os seringais.

Eram representantes dos donos dos seringais, o lugar de trabalho para o novo contingente de homens que chegavam. Todos eram selecionados por conhecimento dos serviços que poderiam desempenhar na cadeia de tarefas disponíveis no cotidiano do seringal. Entretanto, grande parte do contingente de nordestinos desconhecia a região e seu mundo aquático. Escutaram conversas que divulgavam um maravilhoso mundo de floresta, provedora de esperanças e desenvolvimento socioeconômico fácil.

Pura ilusão, Antônio descobriu isso mais tarde!

Amélia comentou que Antônio foi alertado na hospedaria, por um desconhecido, que ele tinha uma família com numerosas mulheres. O tema mulher no seringal era um dilema, onde muitas eram raptadas por outros seringueiros ou sofriam estupro às margens dos rios ou igarapés enquanto lavavam roupas ou cuidavam de pequena plantação: milho, mandioca, batata, feijão. A roça era proibida para os seringueiros, mas sempre havia um jeito de plantar.

Foi assim que o desconhecido sugeriu a Antônio escolher um seringal na região do médio Solimões, e não no interior, Acre por exemplo. Os seringais no médio Solimões eram próximos das cidades ribeirinhas, a família poderia desfrutar o lugar, e não ficar muito tempo isolada na floresta, como era o caso dos seringais no Acre e seus arredores.

Seguindo essa orientação, Antônio negociou o trabalho para um seringal nos arredores do município de Fonte Boa,

que pertencia ao seringalista da família Lins e Albuquerque, que também tinha vindo do Ceará. Era uma família com poder político e econômico no referido município. Assim, em um dia de sol inclemente, a família de Antônio foi até o porto fluvial de Manaus e embarcou em um navio, conhecido como “gaiola”, soltando muita fumaça pela chaminé, com demasiado número de passageiros balançando em sua rede de dormir.

A gaiola era um barco a vapor com o mínimo de conforto, mas era uma embarcação de porte médio, muito usada nas rotas fluviais entre os seringais e Manaus. O porto estava sempre abarrotado de passageiros, cargas e animais, que embarcavam e comprimiam-se no barco, deixando pouco espaço para os passageiros caminharem de um lado para outro no convés. Para se acomodar, cada um sentava em sua rede armada de gancho a gancho. Todos se acomodavam à medida que o navio avançava, deixando ao longe a cidade de Manaus no rio Negro, e entrava no rio Solimões, cheio de mistérios e oferecendo uma vida de incertezas ao novo soldado da borracha, Antônio e sua família.

Nesse percurso fluvial, a família de Antônio foi deslocada nesse barco a vapor pelo rio Amazonas. Navegaram subindo o rio Amazonas desde o porto de Manaus até o porto de Fonte Boa. A distância entre as duas cidades ribeirinhas é de 678 km. O volume de água e a correnteza do rio Solimões impressionava os retirantes, que olhavam surpresos o tamanho do rio e suas margens com imensas árvores. Em alguns trechos da margem do rio, havia barrancos altos, que eram quebrados e arrastados com árvores pelo rio, que parecia devorar tudo. É o natural processo de desbarrancamento causado pelas fortes correntezas do rio.

Fonte Boa apareceu na literatura histórica no século XVII. A origem desse lugar do seringal dos Lins e Albuquerque era o antigo lugar de aldeias de famílias indígenas do povo Omágua. O missionário jesuíta Samuel Fritz deu notícias desse aldeamento quando chegou em missão espanhola para a evangelização. Ao chegar à região, o jesuíta Fritz fundou a missão católica Nossa

Senhora de Guadalupe, que se tornou a padroeira da cidade. No processo colonizador espanhol, os aldeamentos foram-se destruindo nos embates dos Omágua contra os espanhóis.

Depois, com a chegada portuguesa à região e realizando alianças com os indígenas Omágua contra os espanhóis, o aldeamento foi restabelecido. Por volta de 1759, com a política do Marquês de Pombal, o aldeamento foi elevado à categoria de lugar, com o nome Fonte Boa. Com o Brasil na Primeira República, por volta de 1891, Fonte Boa foi transformada em vila. Durante o Brasil do Estado Novo, com o presidente Getúlio Vargas, Fonte Boa tornou-se município em 1938.

Parte 8

Antônio e a família foram instalados no seringal em Fonte Boa

Depois de vários dias subindo o rio Solimões, Antônio e a família desembarcaram no porto da cidade de Fonte Boa, alto rio Solimões. No desembarque, grupos de seringueiros eram distribuídos para os serviços da borracha. Em seguida, os homens ou as famílias eram deslocados em barcos menores, ou canoas, para os seringais no interior da floresta.

Uma parte dos futuros seringueiros foi contratada para trabalhar no seringal da família Lins e Albuquerque. Antônio fazia parte desse segundo grupo e recebeu orientações no denominado “Barracão”, lugar do capataz e do guarda-livros. No Barracão, Antônio foi orientado sobre o local de trabalho, onde encontraria um tapiri para alojamento – choupana de palha construída para abrigar de modo provisório o soldado da borracha. Recebeu também autorização para compra de gêneros de necessidade (alimentos, equipamentos, roupas). O pagamento da viagem e dos produtos comprados era descontado no dinheiro que receberiam pela entrega da borracha no depósito do Barracão.

No interior de Fonte Boa, próximo da margem do rio, Antônio e a família ocuparam o tapiri. De madrugada, Antônio saía pela trilha na floresta em busca da árvore da borracha, acompanhado de Amélia. As filhas ficavam no tapiri com a avó materna, Waldimira, que trabalhava em uma pequena roça.

Aproveitando melhor o lugar, Waldimira começou a cultivar tabaco, e aprendeu a colher e secar as folhas. Aprendeu também o preparo em “rolos” de tabaco, que poderiam ser comercializados ou para o uso familiar. Waldimira e a filha, Amélia, mascavam o tabaco, que era também picado para o fumo no cachimbo. Assim, o tabaco picado era usado para o fumo da família; o que sobrava era comercializado com outros seringueiros fumantes que passavam no local.

Em um dia de verão amazônico, um besouro picou com o ferrão o seio de Waldimira, que ficou muito tempo inflamado; causou sofrimento e dor, com uma ferida que demorou para sarar. Ao chegar o início de 1945, a viúva Waldimira continuava assustada com a vida ribeirinha amazônica. Os jacarés, as doenças e os bichos peçonhentos – serpentes, aranhas, escorpiões, abelhas, arraias, ... – incomodavam a idosa senhora, que resolveu deixar a Amazônia.

Assim, a viúva Waldimira decidiu voltar para o Ceará. Ela conversou com Amélia e aconselhou-a a retornar com ela. Entretanto, Amélia estava decidida a continuar na Amazônia com Antônio e as filhas. Dias depois, Waldimira, na companhia do neto, Isaías, embarcou no barco a vapor para Manaus. Do Porto Fluvial Roadway, em Manaus, seguiram de navio para o Ceará. É um notável porto flutuante construído e inaugurado pelos ingleses em 1907 durante o auge do ciclo da borracha: fim do século XIX e início do século XX.

Parte 9

Antônio, Amélia e as filhas: o cotidiano no seringal não era fácil

Amélia comentou que Antônio não era bom seringueiro, tinha dificuldades para se adaptar ao serviço pesado, que era compartilhado com Amélia. Ambos faziam o corte da seringueira para extração da seiva e defumavam o látex para fazer as bolas. Em alguns momentos, trabalhavam também no corte de madeira para embarcações a vapor, que negociavam com os ribeirinhos. No seringal, a labuta começava de madrugada, com lamparina acesa sobre o capacete de latão, botas de cernambi para proteção de espinhos e cobras, carregavam uma machadinha, os baldes para colher o leite (látex), as tigelinhas e o terçado. Além disso, um pouco de alimento e água, pois o retorno era no meio da tarde.

Antônio e Amélia percorriam as “estradas” ou trilhas em ziguezague, distanciando-se um do outro e encontrando-se no meio da tarde no retorno para a choupana. No caminho, recolhiam as tigelas cheias do látex e as esvaziavam nos baldes. Ao chegarem ao tapiri, acendiam o fogo e iniciavam a segunda parte do trabalho, que era a defumação de todo o látex colhido.

Na defumação, o látex era transformado, por meio do processo de coagulação do leite, em bolas de borracha, que pesavam aproximadamente 50 quilos. Todo o produto era entregue ao patrão, e, na maioria das vezes, o saldo era insignificante. Essa dura e penosa realidade no seringal deixava Antônio cada vez mais triste, e começou a perder o encantamento pelo mundo amazônico. Amélia dizia que Antônio reclamava muito. Para ele, a vida no seringal era cheia de solidão, havia muitos perigos nem sempre visíveis.

Nesse ínterim, Doralice completou 15 anos. Assim, na cidade de Fonte Boa, ela foi pedida em casamento por um

seringueiro, e efetivaram o casamento. Contudo, o casamento não deu certo. Imediatamente, o casal separou-se, e não tiveram filhos. Esse episódio magoou Doralice, que proibiu qualquer comentário pela família sobre esse fracassado casamento.

Em uma dessas visitas à cidade de Fonte Boa, a família conheceu Raimundo Pereira de Albuquerque, um jovem cearense e sobrinho da família proprietária do seringal. Era filho de um dos membros pobres da família Lins e Albuquerque, proprietária do seringal. Assim sendo, ele foi trazido do Ceará para Fonte Boa pelo tio Belarmino durante a visita aos familiares no Ceará.

O jovem Raimundo tornou-se um bom seringueiro, mas passou a desenvolver diferentes serviços no seringal do tio Lins e Albuquerque. Havia momentos em que Raimundo assumia o papel de confiança e auxiliava na segurança do seringal. Em outros momentos, Raimundo executava castigos aos seringueiros que não cumpriam seus deveres ou não fazia o pagamento das dívidas ao patrão seringalista. Desse modo, ficou temido e conhecido como “Raimundo Brabo”.

Raimundo Brabo sempre demonstrou amizade à família de Antônio e interesse por Doralice, que, após o triste episódio do primeiro casamento, resolveu aceitar o namoro com ele. Logo resolveram formar uma família, e Doralice e Raimundo Brabo iniciaram a geração Pereira de Albuquerque, netos de Antônio e Amélia, e sobrinhos de Delzira.

Ao ficar sozinhos no Tapiri, o casal Antônio e Amélia continuou a labuta na coleta do látex e na transformação em bola de borracha, para ser entregue no Barracão. A filha Delzira, de 11 anos, passou a acompanhar a mãe no caminho em busca da coleta do látex. Amélia sempre comentava que Antônio estava cada vez mais desanimado com seu serviço no seringal, com as condições do duro trabalho na floresta em busca da árvore seringueira. Depois da partida da sogra, Waldimira, Antônio resolveu voltar para o Ceará, gostaria de visitar a família deixada lá e investigar a possibilidade de melhores condições de vida no Nordeste.

Assim, em meados do ano de 1945, Amélia e Delzira acompanharam Antônio até Manaus na viagem ao Ceará. A filha Doralice e Raimundo Brabo ficaram em Fonte Boa. Porém, na hospedaria em Manaus, Amélia ficou dividida emocionalmente entre a relação com a filha mais velha, que havia ficado em Fonte Boa, e o marido Raimundo Brabo. Então, ela decidiu que não acompanharia o marido no retorno para o Ceará.

Amélia conversou com Antônio sobre sua decisão de ficar no Amazonas com a filha. Ele estava determinado a retornar para o Nordeste, mas sua esposa, Amélia, não gostaria de abandonar a filha Doralice na Amazônia. Ela lembrava que, dos oito filhos com Antônio, sobreviveram apenas Doralice e Delzira.

Desse modo, em Manaus, houve a despedida no Roadway; o navio atracado no porto flutuante e o embarque dos passageiros sendo concluído, então Antônio se despediu da mulher e da filha. Às margens do rio Negro, em frente à Igreja Nossa Senhora da Conceição, Amélia, acompanhada de Delzira, viu o marido partir no navio com destino ao Ceará. Nesse meio tempo, Delzira adoeceu de malária e foi internada no Hospital Beneficência Portuguesa na Rua Joaquim Nabuco em Manaus. Ela se recuperou e recebeu alta.

Amélia trabalhava em lavagem de roupas e pagava o aluguel da moradia. Delzira passou a ajudar a mãe nos afazeres domésticos e na lavagem de roupas.

Durante essa temporada em Manaus, Amélia recebeu uma carta da família no Ceará informando que Antônio tinha resolvido retornar para a família e embarcara em um navio para Manaus. Quando o navio estava próximo de Belém, foi bombardeado por torpedos de um submarino alemão. O navio naufragou, e não houve sobreviventes.

A jovem viúva Amélia, aos 37 anos, regressou para Fonte Boa com Delzira, que estava com 11 anos. Em abril de 1947, nasceu a primeira neta da viúva Amélia e primeira filha do casal Raimundo e Doralice: Maria de Jesus Pereira de Albuquerque.

O casal seguiu a tradição patriarcal do sobrenome, o mesmo que havia ocorrido com o sobrenome de Doralice. Assim, todos os filhos do referido casal receberam o sobrenome Pereira de Albuquerque. No ano seguinte, em 1948, Amélia resolveu voltar para Manaus e levou a filha Delzira.

Com o fim da 2ª Guerra Mundial, em agosto de 1945, os lucros da borracha começaram a declinar. Os proprietários dos seringais começaram a investir em outros negócios no mercado de Manaus. Assim, havia chegado o momento de Raimundo Brabo deixar Fonte Boa e o trabalho de seringueiro. Parte da família Lins e Albuquerque estava fixando residência em Manaus e diversificando os negócios da família diante do novo panorama econômico. Além disso, Raimundo tinha um histórico de vida marcado por múltiplos serviços prestados, alguns com violência, aos parentes Lins e Albuquerque, donos do seringal.

Sem muitas perspectivas de melhora com o declínio da borracha, Raimundo Brabo resolveu viajar com a mulher, Doralice, e a filha pequena para Manaus. Lá se encontraram com Amélia e a jovem filha Delzira. Durante a curta temporada na hospedaria em Manaus, Raimundo Brabo soube dos garimpos e da possibilidade de ganhar dinheiro ou ter um trabalho em fazenda de gado em Boa Vista do Rio Branco, recente Território Federal.

Parte 10

O casal Raimundo e Doralice: a imigração de Manaus para Boa Vista

No início de 1949, com o sonho de melhores condições de vida para a família, Raimundo Brabo conversou com Doralice e tomaram a decisão de morar no Território Federal do Rio Branco. Eles não tinham ideia de como seria esse longínquo lugar no rio Branco. A volta para o Nordeste não era considerada uma boa opção.

Nessa perspectiva, Raimundo Brabo, Doralice e a filha de 2 anos (Maria de Jesus, conhecida entre os primos e irmãos por Bibi) chegaram de barco à cidade de Boa Vista, capital do referido Território Federal. Hospedaram-se na casa de outros imigrantes nordestinos conhecidos, que também haviam chegado e se instalado na pequena cidade.

Esse foi o ano da chegada dos missionários e missionárias da Consolata, que substituíram os beneditinos na condução do trabalho missionário no Surumu e também na capital Boa Vista. Esses missionários dinamizaram a educação e a saúde, que já vinham sendo desenvolvidas pelos missionários beneditinos em Boa Vista.

Na época, a capital do Território Federal do Rio Branco tinha três ruas principais. A Floriano Peixoto, à beira do rio Branco, com destaque para a pequena capela – hoje, Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo –, o Colégio de São José, a casa das freiras e o internato de meninas; além dos mercados de carne bovina e de peixe, da fábrica de gelo e do Prédio da Intendência. A segunda rua paralela é a Bento Brasil, com destaque para o prédio da Diocese, a padaria, os Correios e as residências. A terceira rua paralela é a Sebastião Diniz, com comércio e residências.

Havia pequenas ruas que cruzavam essas três ruas, como a Jaime Brasil, Inácio Magalhães, Sílvio Botelho e João Pereira

de Melo. Todas terminavam na Getúlio Vargas. Nas imediações da Sílvio Botelho com a Sebastião Diniz, estava o cemitério da pequena cidade.

No espaço final da Rua Jaime Brasil com a Getúlio Vargas, localizava-se a Praça Capitão Clóvis, e no lado oposto, o Jardim de Infância Princesa Isabel. Antes disso, toda a área do Jardim de Infância era ocupada por residências. Próximo dessa área, havia um areal com um campo de futebol e uma precária pista de pouso de avião. Havia também distintos caminhos em direção ao que se formou nos atuais bairros: São Francisco, São Pedro, São Vicente, Mecejana, com casas de pau-a-pique e cobertura de palha.

Essas áreas dos futuros bairros eram consideradas áreas rurais na periferia da cidade, onde se localizavam sítios e chácaras. Eram propriedades rurais afastadas da cidade, com área modesta, para plantação de pequena lavoura, criação de animais como galinhas, patos, porcos. Havia também criação de vacas leiteiras, fornecendo leite para os moradores de Boa Vista. Eram propriedades do grupo sociocultural de pequenos agricultores e comerciantes.

Nesse caso, o que denominamos hoje de Avenida Getúlio Vargas, Benjamin Constant, Nossa Senhora da Consolata, Ville Roy, Professor Diomedes Souto Maior, Glaycon de Paiva, Mário Homem de Melo, Ene Garcez, Capitão Júlio Bezerra eram mal traçadas ruas e pouco habitadas, eram trilhas que ligavam a denominada periferia ao centro da pequena cidade. O transporte era feito em carro de boi, cavalo, ou as pessoas caminhavam ao se deslocarem de casa para o comércio e as repartições públicas.

Ressaltamos que o Território Federal do Rio Branco foi criado em 13 de setembro de 1943, tendo como primeiro governador, o capitão do Exército Ene Garcez (abril de 1944 a fevereiro de 1946), que trouxe para Boa Vista o engenheiro Darcy Aleixo Derenusson, para pensar na urbanização da cidade.

A ideia era elaborar um projeto de urbanização moderna para a capital, pois a cidade de Boa Vista ainda era marcada pelo

cenário rural da antiga fazenda de gado, com casas semelhantes às malocas dos povos indígenas. O pequeno espaço urbano ainda era cortado por tortuosos caminhos denominados de ruas, ocupado pelos casebres cobertos de palha. Esses casebres, na maioria, eram iluminados por candeeiro ou lamparina, com pavio, que geralmente enchia a casa de fumaça.

Nessa perspectiva, o engenheiro Derenusson iniciou o projeto topográfico e a elaboração da maquete, mostrando o projeto urbanístico da capital modernizada. Para isso, trouxe do Rio de Janeiro uma empresa de construção civil, a Riobras. Com a propaganda governamental, o projeto atraiu muitos imigrantes operários da construção civil, que começaram a chegar à cidade buscando oportunidade de trabalho no novo projeto urbano. Alguns trabalhadores não se adaptaram ao serviço de construção civil e imigraram para as áreas de garimpo, ou para o trabalho nas fazendas de gado.

De fevereiro de 1946 a maio de 1947, assumiu o governo do Território Federal o tenente-coronel do Exército Félix Valois de Araújo. Em seguida, de maio de 1947 a março de 1949, assumiu o governo o secretário de Administração de Boa Vista, Clóvis Nova da Costa. Foi substituído no governo territorial pelo superintendente de desenvolvimento da região Norte do Brasil, Miguel Ximenes de Melo (março de 1949 a fevereiro de 1951).

No contexto de mudanças governamentais, no Território Federal do Rio Branco, o projeto de urbanização coordenado pelo engenheiro Derenusson seguiu lentamente. As equipes executavam o serviço topográfico, de saneamento, ou do traçado das novas e amplas avenidas, ou de construção de residências em arquitetura moderna de tijolo e cobertura de telha.

Havia reclamação da falta de trabalhadores qualificados para os serviços de construção civil, como também dificuldade em obter o material de construção. Tudo isso era justificado pelo precário transporte de barco entre Manaus e Boa Vista. Havia um período curto de navegação, realizado entre Boa Vista e Manaus (abril a agosto).

Entretanto, um novo cemitério já estava funcionando em área mais elevada e considerada periférica urbana. Hoje é o Centro Cívico, próximo ao prédio da Catedral Cristo Redentor. Havia também uma proposta de novo aeroporto em área mais distante da cidade – Aeroporto Araújo Neto, hoje, Aeroporto Internacional de Boa Vista.

Nesse contexto de mudanças estruturais e urbanas na capital Boa Vista, os governadores também foram projetando e ampliando a proposta no campo da Educação e da Saúde. Assim, criou-se o Curso Normal Regional Monteiro Lobato, que se destinou à formação de Regente de Ensino para os recentemente inaugurados grupos escolares, com o ensino do curso primário.

Para efetivar os projetos educacionais, o citado Curso Normal funcionou onde hoje é a Escola Oswaldo Cruz na Praça da Bandeira. O curso habilitava profissionais para o Magistério do curso primário. Anexa à referida escola, havia uma pequena Escola de Aplicação para os normalistas praticarem os estágios.

Com a chegada dos novos imigrantes, para os trabalhos que foram ampliados na esfera do governo local, surgiu também uma proposta de construção de casas populares que pudesse abrigar o novo imigrante trabalhador em Boa Vista. Eram trabalhadores convocados tanto para os serviços na construção civil quanto para os serviços na esfera de governo, ou em busca de garimpo, ou trabalho nas fazendas de gado em área rural.

Em geral, o comércio era desenvolvido por familiares, ou compadres, ou afilhados dos fazendeiros, que, historicamente, vinham exercendo poder político e econômico na região do rio Branco desde a segunda metade do século XVIII. Nesse sentido, a cidade de Boa Vista era organizada e manipulada em uma rede sociocultural, onde todos se conheciam. Era uma sociedade tradicional que mantinha vínculos de compadrio, ou parentesco, com os familiares de poder político e econômico local. Era uma sociedade em que o pequeno grupo burguês influenciava no controle da organização sociocultural, como se todos fizessem parte de uma grande família patriarcal.

Os jovens indígenas chegavam a Boa Vista trazidos das áreas rurais, onde a maloca se misturava com a fazenda de gado. Parte desses jovens eram filhos fora do casamento ou afilhados dos fazendeiros. Desde a criação do município de Boa Vista, em 1890, os fazendeiros e comerciantes começaram a estabelecer residência em Boa Vista, onde a esposa acompanhava os filhos para os estudos primários.

Assim, jovens indígenas - meninos e meninas - eram trazidos para os trabalhos gerais de apoio às famílias abastadas na cidade. Os indígenas desempenhavam serviços domésticos: de babá, de auxiliar nas compras ou de recados entre outros afazeres.

Nesse complexo cenário organizacional sociocultural e econômico, igualmente de oportunidades de trabalho, com as mudanças desenvolvidas em Boa Vista, Doralice foi selecionada para trabalhar na administração do governo territorial. No entanto, o contrato era para o trabalho de auxiliar no setor de Serviços Gerais. Na verdade, eram variadas tarefas desenvolvidas na secretaria de escolas, na biblioteca escolar, na inspeção de alunos ou na cozinha e merenda escolar. Enquanto isso, Raimundo Brabo desenvolvia pequenas atividades temporárias.

Em Manaus, continuava residindo Amélia e a filha Delzira, que retomou os estudos do curso primário. Amélia tinha cursado a metade do curso primário e dominava a escrita, a leitura, a matemática, que ensinava a Delzira e, depois, aos primeiros netos. Os filhos de Delzira foram alfabetizados pela avó Amélia. Quando eles chegavam ao primeiro ano do curso primário, já sabiam soletrar, escrever, realizavam a leitura inicial e a tabuada de somar e diminuir.

Nessa época, o curso primário em Manaus iniciava-se aos 7 anos, com uma estrutura curricular dividida nas seguintes dez séries, conforme o Quadro seguinte.

Quadro – Estrutura curricular do curso primário em Manaus, anos 1945-1960

Série	Observação
Primeira – A Fraco	Alunos na alfabetização
Primeira – A Forte	Alunos alfabetizados e conhecimento básico de números
Primeira – B Fraco	Alunos com leitura, escrita e domínio da operação matemática de somar e diminuir
Primeira – B Forte	Alunos com leitura, escrita, ditado, domínio da operação matemática de multiplicar e dividir
Primeira - C	Alunos com revisão e reforço dos estudos das séries A e B
Segunda, Terceira, Quarta, Quinta e Sexta	Conclusão do curso na Sexta Série

Fonte: Elaboração do autor.

Após o curso primário, havia o exame de admissão (ao curso secundário), e o estudante começava o curso ginásial com duração de quatro anos. Depois, o ensino médio ou profissional por mais três anos. O curso universitário era um sonho muito longe de muitos nascidos em Boa Vista.

Ainda sobre o processo de ensino formal, antes dos 7 anos, por volta dos 6 anos, a criança frequentava o jardim de infância, que misturava o ensino com jogos recreativos e artes. Assim, um bom estudante entrava no curso primário aos 7 anos e tinha a possibilidade de concluir o referido curso aos 15 anos. Assim, estava habilitado para prestar provas no exame de admissão para o curso ginásial.

Se o estudante não conseguisse bom proveito escolar, ele ficava mais tempo cursando o 1º ano: “A Fraco” e depois o “A Forte”, quando passava para o “B Fraco” e depois para o “B Forte”, seguindo para o C. Nesse caso, o estudante permanecia por cinco anos na 1ª série do curso primário. Alguns estudantes desistiam porque, ao ser aprovado para o 2º ano, já estavam com 12 anos

e tinham de ajudar a família com algum trabalho remunerado. Os que conseguiam concluir o curso primário também tinham dificuldade em continuar os estudos por questões financeiras ou porque constituíam família.

Nesse contexto formal do ensino primário, em Manaus, Delzira desenvolvia os estudos. Para o sustento de Amélia e da filha Delzira, o serviço de lavagem de roupa continuava, dava para pagar o aluguel e manter o sustento básico das duas mulheres. Amélia sempre recebia a ajuda de Delzira nos afazeres domésticos, de lavar e passar roupas. A rotina do trabalho e o cansaço não permitiram que Delzira avançasse nos estudos primários.

No fim do ano de 1949, por meio de uma carta, Amélia recebeu notícias de Raimundo e Doralice, que informavam a chegada de mais um filho. Assim, ela decidiu que era o momento de conhecer Boa Vista, com a chegada do novo bebê de Doralice.

Acompanhada de Delzira, que havia completado 16 anos, em março de 1950, Amélia deixou Manaus ainda no primeiro semestre desse ano. No porto do rio Negro, em Manaus, mãe e filha partiram para Boa Vista em um barco que subiu o rio Negro e depois navegou pelo rio Branco, com parada no porto de Caracará e depois no porto do Cimento em Boa Vista. No referido ano, nasceu mais uma filha do casal Raimundo e Doralice: Maria Eunice Pereira de Albuquerque.

Parte 11

A viúva Amélia e a filha Delzira: o deslocamento de Manaus para Boa Vista

Na chegada a Boa Vista, Amélia e Delzira moraram de aluguel no bairro Centro, depois seguiram para o bairro Caxangá, morando de aluguel vizinho à casa de Doralice e Raimundo. Assim, Amélia e Delzira ajudavam nos serviços domésticos e nos cuidados das duas meninas, enquanto Doralice retomava o trabalho na esfera do governo territorial federal. Raimundo continuou com serviços temporários. No entanto, o estado de saúde começou a incomodar o ex-seringueiro e valente capataz do seringal em Fonte Boa.

A capital Boa Vista começou a se modernizar nos anos 1950. O projeto urbanístico de Derenusson começou a estender-se tomando como ponto principal o lugar do areal e do antigo pouso de avião. Nesse espaço, considerado periférico da cidade, foi idealizada uma praça principal que foi denominada Centro Cívico. Dessa praça, originaram-se as amplas avenidas radiais em direção à periferia da cidade, onde encontrariam uma avenida circular fechando o desenho do projeto da cidade. Hoje, as avenidas circulares são Terêncio Lima e Major Williams.

Nessa referida década, a cidade dividia-se em cinco bairros: Centro – Ruas Floriano Peixoto, Bento Brasil, Sebastião Diniz e Jaime Brasil; Porto da Olaria, área do antigo Beiral em direção ao São Vicente; Rói-Couro, área em direção ao São Pedro; Caxangá, área da atual Avenida Glaycon de Paiva, em direção à Rua Professor Diomedes Souto Maior, que seguia em direção ao bairro Porto da Olaria. Nesse contexto urbano, o bairro Caxangá tinha como margem periférica o Igarapé Caxangá. Além desses bairros, existia o bairro do Ipase, área em direção ao São Francisco.

Destacamos que o transporte de carga era feito por cavalos, ou em carro puxado por bois. A pequena população circulava

pelas ruas andando a pé ou era conduzida pelos poucos carros de aluguel (em geral, jipe). Existiam alguns caminhões do governo e do Exército, como também bicicletas.

Nesse período, começou também a construção do imponente prédio que seria inaugurado como o Hotel de Boa Vista do Rio Branco, localizado próximo do areal e do cemitério (hoje Centro Cívico e Aipana Plaza Hotel). A pequena cidade já tomava uma feição urbana distinta dos tortos caminhos que se cruzavam entre as décadas de 1920-1940.

No ano de 1952, nasceu a terceira filha do casal Raimundo e Doralice, de nome Maria Rosimar Pereira de Albuquerque. No entanto, nesses intervalos de “dar à luz”, Doralice teve outros filhos, mas quatro morreram com poucos meses de vida. Assim, Doralice deu à luz oito filhos, e criaram-se apenas quatro: três meninas e um menino.

Nesse sentido, corria o mês de fevereiro de 1955 quando nasceu o filho caçula do casal, que recebeu o nome de João Batista Pereira de Albuquerque. Nessa época, Raimundo Brabo já estava com a saúde bastante debilitada. Suas complicações de saúde eram causadas, em parte, pelos fortes medicamentos tomados para resolver questões vinculadas ao sistema nervoso.

Com o agravamento da saúde, as mãos e os pulsos de Raimundo foram ficando deformados, perdendo os movimentos. As pernas também sofreram atrofia, dificultando o movimento para andar. Além disso, apresentou sintomas de diabetes.

Assim, Raimundo parou de trabalhar e se movimentava dentro de casa com ajuda de cadeira ou banco para apoio. Somente duas décadas depois, em 1970, ele obteve uma cadeira de rodas para facilitar sua locomoção dentro de casa. Por causa da doença, ficava muitas horas na rede ou em uma cadeira espreguiçadeira, e precisava de ajuda para se sentar ou levantar. Com dificuldade, conseguia alimentar-se e tomar banho sozinho. Para sorte do casal, Doralice foi efetivada no quadro permanente do setor público federal, deixando a função de funcionária temporária do governo local.

Aqui destacamos, ainda, alguns pormenores na trajetória de Amélia e Delzira na chegada a Boa Vista a partir de 1950. Ficaram alojadas na casa de Raimundo e Doralice, mas Amélia, como mulher guerreira e independente, resolveu lavar roupas e morar de aluguel, com a filha Delzira, na Rua Sebastião Diniz no Centro de Boa Vista. O local hoje seria uma casa nas proximidades do antigo comércio do japonês e praça do camelô.

Meses depois, as duas mulheres mudaram-se para a região de periferia da cidade, nas proximidades da atual Avenida Major Williams com o antigo campo de futebol João Mineiro, onde Delzira e as amigas assistiam às partidas de futebol aos domingos. Hoje, essa área do Estádio João Mineiro está mais ou menos no Parque, onde está o Portal, na Rua Dr. Arnaldo Brandão, paralela à Avenida Major Williams e à Rua Presidente Costa e Silva, onde se encontra o Hospital e Maternidade Nossa Senhora de Nazaré.

Os times eram formados pelos jovens trabalhadores da construção civil, do comércio, dos filhos de fazendeiros e outros trabalhadores informais. O lazer no domingo era, pela manhã, assistir à missa na Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo. No período vespertino, os jovens faziam parte da torcida, que animava as partidas de futebol no “Mineirão”. Aos sábados, pela manhã e à tarde, também tinha competição de futebol.

Nesse contexto urbano de Boa Vista as duas mulheres se mudaram para a região de periferia do bairro Caxangá, próxima à atual Avenida Willy Roy, perto de onde hoje está a Igreja Nossa Senhora de Nazaré. Amélia continuava lavando roupa para o pagamento do aluguel da casa e compra dos mantimentos básicos para suas necessidades e da filha. As roupas eram lavadas sempre em igarapés perto da moradia de Amélia. Com maior tempo de moradia nessa referida área, o Igarapé Caxangá tornou-se o lugar de trabalho de Amélia, que era acompanhada de outras lavadeiras da cidade.

Destacamos também que, quando morava no Centro, na Rua Sebastião Diniz, Amélia comentou que fazia compras no

comércio de Lúcio Bezerra, avô do popular médico e político Robério Bezerra de Araújo nas décadas de 1970-1990. Ela dizia à filha Delzira que o Sr. Lúcio Bezerra lembrava muito o irmão dela, tinha o mesmo nome e havia deixado o Ceará em direção aos seringais do Acre, e a família não havia mais recebido notícias.

Os anos haviam passado. O bem-sucedido comerciante Lúcio Bezerra não a reconheceu e não mostrou interesse em saber sobre a vida da viúva Amélia Bezerra. Por se sentir inferior economicamente, Amélia não tinha coragem de perguntar ao comerciante sobre os pais dele, que poderiam ser os mesmos dela, Joaquim Camelo e Waldimira Bezerra de Melo, ou se o comerciante tinha vindo do Acre. Amélia tinha receio de ser mal interpretada, ser considerada uma mulher oportunista. Esse episódio foi esquecido.

Aos 16 anos, em 1950, Delzira era uma jovem que chamava a atenção pelo seu porte físico, de cor clara, pois trazia as feições mais próximas do pai: uma mistura indígena e portuguesa. Diferentemente da irmã Doralice, que tinha as feições mais próximas de uma tia materna: português com africano e indígena. Porém, a jovem cearense Delzira era do grupo familiar de imigrantes nordestinos pobres, com poucas oportunidades de trabalho, fora das atividades de doméstica, de babá ou lavagem de roupas.

No entanto, ainda em 1950, a professora de piano Carmem Eugenia Macaggi, irmã da professora e escritora Nenê Macaggi, desenvolvia atividades de ensino musical para crianças na Escola de Aplicação do Curso Normal Regional Monteiro Lobato, que funcionava no que é hoje a Escola Oswaldo Cruz. Nesse ínterim, a jovem Delzira fez inscrição na Divisão de Educação do governo territorial para atividades no denominado Serviços Gerais. Então, foi selecionada para auxiliar de Regente de Ensino, sob os cuidados da professora de piano Carmem Macaggi.

Por volta de 1952, aos 18 anos, a auxiliar de Regente de Ensino Delzira acompanhou a professora Carmem quando foi

transferida para o Jardim de Infância Princesa Isabel. A escola tinha sido inaugurada, e foi a primeira escola infantil de Boa Vista, localizada no fim da Rua Jaime Brasil, em oposição à Praça Capitão Clóvis, perto do areal que seria mais tarde o Centro Cívico. Nesse lugar do areal havia uma palmeira imperial, onde estava também instalado um pequeno comércio.

Alguns funcionários auxiliares de ensino, ou dos Serviços Gerais na Divisão de Educação, eram selecionados para trabalhar durante o ano letivo escolar. No fim do ano, com o longo período de férias, o funcionário era exonerado. Ao iniciar o ano letivo escolar, havia nova seleção e assinava-se um novo contrato, que tinha vigência de dois semestres letivos. Todas essas informações eram divulgadas por um serviço de alto-falante pendurado junto da caixa-d'água, localizada ao lado do prédio do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), próximo da atual Agência da Caixa Econômica, diante da Praça Capitão Clóvis. Esse serviço de alto-falante foi instalado em 1956, por ordem do governador do Território, José Maria Barbosa (de novembro de 1955 a janeiro de 1959). Para melhor funcionamento, foram fixadas quatro cornetas de som voltadas para os denominados pontos cardeais: Norte, Sul, Leste e Oeste. Assim, todos na pequena cidade poderiam ouvir programas variados, musicais, de recados e notícias do governo. Havia uma expressão popular que dizia “fulano caiu da caixa-d'água”, significando que tinha sido exonerado.

Nesse sentido, havia rotatividade entre esses funcionários temporários da Educação, que estavam sempre em busca de outras tarefas opcionais. Assim, após a exoneração, exerciam tarefas domésticas, de costureira ou no comércio, na construção civil, na serralheria, na olaria, vendedores ambulantes, ou migravam para trabalhos em áreas rurais, nas fazendas de gado ou nos garimpos. Eram poucos os que conseguiam ser efetivados e passados para o quadro permanente do governo, como foi o caso de Doralice.

Aqui, abrimos um parêntese nesta narrativa da família, iniciada por Antônio Gomes de Oliveira e Lucinda Amélia Bezerra, para narrar alguns aspectos da história de vida de José Nelson de Oliveira, que, em janeiro de 1952, contraiu núpcias com a jovem Delzira Gomes Bezerra, ela ainda com 17 anos. O novo casal Nelson e Delzira deu origem à geração de sobrinhos de Doralice e Raimundo, com o ramo familiar de sobrenome Gomes de Oliveira, todos nascidos em Boa Vista.

Parte 12

Os pais de José Nelson de Oliveira

José Nelson de Oliveira (conhecido como Nelson) era um jovem de 18 anos quando casou com Delzira em janeiro de 1952. Filho de João Lídio de Oliveira e Antônia Ferreira Gomes, nasceu em 1933 na cidade de Parintins, estado do Amazonas, localizada na margem direita do rio Amazonas, próxima ao estado do Pará. Nelson foi batizado em Santarém (Pará), onde os pais ficaram residindo e trabalhando por um tempo. Em 1934, nasceu em Santarém o filho Otávio de Oliveira, conhecido como Barrigola.

Na segunda metade da década de 1930, o casal João Lídio e Antônia resolveu imigrar para Manaus. Nesse sentido, navegaram com os filhos pelo rio Amazonas até Manaus. Em Manaus, João Lídio trabalhou em serviços temporários, e Antônia ajudava o marido trabalhando na fábrica de descascar e beneficiar a denominada castanha-do-Pará.

João Lídio e Antônia ouviram comentários sobre as possibilidades de trabalho e melhores condições de vida no município de Boa Vista do Rio Branco, que pertencia ao estado do Amazonas. Assim, corria o início da década de 1940 quando o casal decidiu navegar subindo o rio Negro e o rio Branco até Boa Vista, levando os filhos nessa nova empreitada imigratória. No decorrer dessa década, em 13 de setembro de 1943, a região do município de Boa Vista foi desmembrada do estado do Amazonas. Assim, por decreto do presidente Getúlio Vargas, foi criado o Território Federal do Rio Branco, com capital Boa Vista.

Nesse novo contexto geopolítico amazônico Nelson e os irmãos chegaram de barco ao município de Boa Vista, desembarcaram no Porto do Cimento na companhia dos pais. Isso ocorreu em meados de 1943, quando Nelson tinha 10 anos de idade. O irmão mais velho, Francisco (Chico), estava com 16 anos e a irmã mais velha, Angélica, com 14 anos. O irmão Barrigola

(Otávio) estava com 9 anos. A caçula da turma, Etelvina, estava aproximadamente com 2 anos de idade. João Lídio entrou em contato com os amigos nordestinos, que haviam imigrado para o referido município, e buscou notícias sobre trabalho no garimpo (Tepequém) ou trabalho nas fazendas.

Aqui ressalto a história de vida da avó Antônia. Tenho informações de que Antônia trazia na sua trajetória histórica a mistura de famílias nordestinas e famílias indígenas da região acreana. A população indígena do Acre se desloca entre o Brasil, a Bolívia e o Peru, com distintos povos, como Arara, Arara Shawãdawa e Ashaninka, habitando variadas malocas no referido estado fronteiriço internacional.

Nessa área interiorana, a jovem Antônia casou pela primeira vez, mas, logo em seguida, sem deixar filhos, o esposo foi assassinado. Assim, a jovem viúva Antônia conheceu João Lídio de Oliveira, que chegou à região do Acre vindo do Ceará. Na segunda metade da década de 1920, Antônia e João Lídio assumiram um compromisso de casamento, dando origem a um ramo da família com o sobrenome Gomes de Oliveira. Sobrenome que coincidiu com o sobrenome dos filhos de Nelson e Delzira nascidos em Boa Vista.

Aproveito para citar o nome dos filhos de João Lídio e Antônia. Tenho conhecimento do ano de nascimento de alguns: Francisco (Chico) Gomes de Oliveira, 1927; Angélica Gomes de Oliveira, 1929; José Nelson de Oliveira, 1933; Otávio (Barrigola) de Oliveira, 1934; Rubens Gomes de Oliveira e Raimundo Gomes de Oliveira, possivelmente nasceram entre 1935 e 1940; Etelvina Gomes de Oliveira, 1941.

Parte 13

Boa Vista: a nova vida do casal João Lídio e Antônia acompanhado dos filhos

Acomodados na recente capital Boa Vista, a relação matrimonial de João Lídio e Antônia, que não era tão boa, foi agravando-se. João Lídio quase não parava em casa e demonstrava sedução e conquista de outras mulheres. Ação que conduziu ao fracasso da relação do referido casal.

Antônia era uma mulher guerreira, mas se sentia fragilizada diante das responsabilidades, em especial com as filhas, em uma cidade controlada pelo grupo familiar de poder político e econômico. Era uma cidade fiscalizadora e defensora de uma organização sociocultural burguesa e tradicional, que acabava excluindo as jovens imigrantes de poucos recursos financeiros.

No contexto controlador sociocultural de Boa Vista, as jovens imigrantes e pobres quase não tinham oportunidades de trabalho fora das atividades domésticas. No caso de serem seduzidas por um jovem galante e depois abandonadas, a infeliz jovem não tinha a felicidade na escolha de casamento. Outra situação era uma mulher separada do marido, nesse contexto patriarcal e machista, que organizava as relações socioculturais, econômicas e de parentesco. Assim sendo, em Boa Vista, a mulher separada ou mãe solteira era considerada mulher de programa, chamada de vadia ou prostituta.

Em 1944, quando Nelson estava com 11 anos, o pai, João Lídio, estava trabalhando como vaqueiro no Tepequém. Ele era um dos trabalhadores na fazenda do “coronel” Adolfo Brasil. Em Boa Vista, Antônia, com muitos filhos para sustentar, trabalhava em lavagem de roupas, ou na cozinha de pensões (alojamentos temporários) e bares na Zona do Morro, lugar de prostituição.

A famosa Zona do Morro era um lugar de terreno elevado cheio de casebres e bares. Em todas as choupanas, havia alpendres

ou varandas para abrigar os hóspedes e visitantes. Nessas varandas, com mesas e cadeiras, disponibilizavam-se bebidas, cigarros e jogos – baralho, dominó, xadrez –, onde homens jovens e adultos desfrutavam os distintos lazeres.

Nesse sentido, era um espaço de tolerância, onde havia tanto a hospedagem como o encontro dos garimpeiros com mulheres de programa sexual. As mulheres de programa ficavam isoladas em um específico alojamento e eram proibidas de circular na pequena cidade. Algumas eram trazidas de Manaus.

Hoje, a Zona do Morro é a área que envolve a Rua Antônio Bitencourt, entre a Avenida Benjamin Constant e a Getúlio Vargas, próxima do Aipana Plaza Hotel. Lugar perto do areal e antigo campo de futebol, além da pista de pouso de aviões. Hoje é a área do Centro Cívico.

Nesse ambiente, após as partidas de futebol no campo do areal, a maioria dos jovens jogadores participava de confraternização na Zona do Morro. Alguns donos desses pequenos bordéis denominavam de “hotel/pensão”, pois alojavam temporariamente e também serviam refeições em marmitas para diferentes clientes, que, discretamente, vinham buscar a refeição.

Em fins da década de 1940 e durante a década de 1950, ao desenvolver as atividades de cozinheira na pensão, Antônia não era bem-aceita pelas tradicionais famílias abastadas em Boa Vista, pois ela fazia parte do grupo de mulheres separadas do marido, além de trabalhar na Zona do Morro. Em razão dos conflitos emocionais e econômicos, havia momentos em que Antônia consumia bebida alcóolica, e em alguns dias, ela exagerava na ingestão de bebida, ficando completamente embriagada e fora de si.

Nesse tempo, João Lídio estava com outra esposa no Tepequém. Antônia pensava no sustento dos filhos, para isso, trabalhava no que era possível e morava em uma humilde casa com os filhos de nome Nelson, Rubens, Raimundo, Barrigola (Otávio) e Etelvina.

Enquanto isso acontecia na vida de Antônia, o filho mais velho, Francisco (Chico), trabalhava e morava na fazenda de um dos membros da família Thomé na região Serra da Lua. Ele foi afastando-se do convívio da mãe e dos irmãos. A filha Angélica sempre se ausentava da cidade. Ela viajava para a região de garimpo na Venezuela.

Diante desse contexto, Antônia e os filhos moravam de aluguel na periferia da cidade, no bairro Caxangá, na atual Rua Professor Diomedes Souto Maior, próximo da atual Rua Cecília Brasil. A Rua Professor Diomedes era a antiga estrada de ligação de Boa Vista ao vilarejo de Mucajaí, aproximadamente 50 km de distância, e seguia para a cidade de Caracarái, a 150 km de distância de Boa Vista, onde estava o porto fluvial.

O porto fluvial em Caracarái era bastante usado no verão, na temporada sem chuvas. Assim, entre os meses de outubro e março, o nível de água do rio Branco era muito baixo, dificultando a navegação fluvial até Boa Vista. Nesse caso, com o desembarque das cargas e de passageiros em Caracarái, tudo era transportado em carros de boi, ou em cavalos, pela precária estrada. O governo e o Exército faziam uso de jipe e caminhões.

Esclarecemos que os governadores do Território Federal do Rio Branco eram nomeados no Rio de Janeiro pelo presidente da República. Assim, entre outubro de 1951 a junho de 1952, foi indicado ao governo o coronel do Exército Belarmino Neves Galvão pelo recém-eleito presidente Getúlio Vargas.

Entre junho de 1952 e julho de 1953, o governador era o delegado da Comissão de Abastecimento e Preços, Aquilino Mota Duarte. Foi sucedido pelo capitão do Exército José Luís de Araújo Neto, que governou de julho de 1953 a janeiro de 1955. Entre janeiro de 1955 e junho de 1955, o Território foi governado pelo tenente-coronel do Exército Auriz Coelho e Silva; foi quando assumiu o general do Exército Ademar Rocha, junho a novembro de 1955.

Nesse pequeno resumo governamental, percebemos que os governadores chegavam a Boa Vista e permaneciam pouco

tempo no cargo; e se fosse nascido em Boa Vista, como Aquilino Mota Duarte, também ficava uma curta temporada no governo. Desse modo, o projeto urbanístico da cidade desenvolvia-se lentamente. No entanto, a cidade estava sempre recebendo novos imigrantes atraídos pelo trabalho na construção civil, na esfera de governo, nas fazendas de gado ou no garimpo.

Na virada dos anos 1940-1950, nessa circunstância política e socioeconômica, José Nelson começou ainda jovem seu trabalho na construção civil. Em alguns momentos, trabalhava como operário e, em outros, como auxiliar no escritório das firmas de construção. As firmas construtoras eram contratadas pelo governo do Território, com apoio financeiro do governo federal no Rio de Janeiro.

Nessa perspectiva, as firmas de construção desenvolviam diferentes serviços, como topografia, construção da estrutura urbana. Eram ofertados trabalhos na construção de edificações, ou de praças, para o governo local, ou de residência para os civis, que chegavam para o trabalho na esfera do governo local. Os comerciantes e fazendeiros também reformavam ou construíam residências para o conforto dos familiares em Boa Vista.

Foi desse modo que Nelson trabalhou para a Firma de Construção de João Mineiro e também do Sr. Silvino Tavares. O escritório geral dos Tavares ficava onde hoje está instalado o IBGE, na Praça Capitão Clóvis, Avenida Getúlio Vargas. Havia também um barracão de apoio do escritório que ficava nas proximidades do areal onde hoje é a Praça do Centro Cívico Joaquim Nabuco, próximo do Monumento ao Garimpeiro.

No entanto, o destaque maior de Nelson era no futebol; com o irmão caçula, Barrigola, participava das partidas de futebol no Estádio João Mineiro. Muito jovem, Barrigola começou o trabalho consertando bicicletas e depois montou uma oficina. Muito tempo depois, instalou-se em um barracão coberto de palha, localizado na Avenida Sebastião Diniz com a Avenida Jaime Brasil – hoje Lojas Esplanada –, o lugar oficial de sua oficina de bicicletas.

Na oficina, Barrigola consertava e alugava bicicletas para passeios na cidade. Assim, na década de 1950 e no início dos anos 1960, o ciclista logo alcançava as trilhas nos lavrados para os igarapés e lagos, que estavam após o areal, em direção ao que hoje é o bairro de São Vicente, ou Mecejana, ou Aeroporto, ou São Francisco e São Pedro. Lá, refrescavam-se nos banhos de igarapé.

O lazer de muitos jovens, nessa época, era o banho nos igarapés, ou nas margens do rio Branco ou do rio Cauamé. Havia nas margens desse mundo aquático frondosas árvores, que serviam de apoio para os saltos na água. Eram comuns entre os garotos e adolescentes os desafios para aqueles que subissem nos galhos mais altos e exibissem seus saltos. Entretanto, era uma brincadeira de estímulo além das competências físicas. Em algumas brincadeiras, ocorriam acidentes fatais.

Nesse contexto urbano, Chico, irmão de Nelson, quase não participava das confraternizações com a mãe Antônia e os irmãos em Boa Vista. Chico continuava trabalhando na fazenda, na região Serra da Lua. Lá, Chico conheceu a jovem Flora Vasconcelos dos Santos, nascida em 1927.

Entre os anos 1948 e 1949, o casal Chico e Flora resolveu assumir o compromisso de casamento. Assim, deram início a outro ramo da família, que nasceu na região da Serra da Lua. O casal teve os seguintes filhos: Floraci Vasconcelos de Oliveira (1955); Clemildes Vasconcelos de Oliveira; Adonai Vasconcelos de Oliveira; Luiz Francisco Vasconcelos de Oliveira; Haroldo Santos de Oliveira; Eronias Santos de Oliveira; Francinete Santos de Oliveira (1961); Ronivom Santos de Oliveira. Entre parênteses, é o ano de nascimento de que tivemos conhecimento. O sobrenome dos filhos do casal Chico e Flora teve alteração durante o registro, ficando alguns com o sobrenome Vasconcelos de Oliveira e outros com o Santos de Oliveira.

Porém, ao retornarmos aos anos 1950 em Boa Vista, informamos sobre os outros dois jovens irmãos de Nelson e Chico: Rubens e Raimundo, conhecidos músicos seresteiros. Os

dois irmãos estavam sempre tocando violão, considerado fiel companheiro. A irmã de Nelson, Angélica, continuava residindo na Venezuela. Quando Angélica viajava para Boa Vista, trazia presentes para a família. Havia curiosidades sobre as viagens de Angélica, que estava sempre elegantemente vestida, usando joias de ouro e diamante. Nesse tempo, a adolescente Etelvina desenvolvia os estudos finais do curso primário, depois iniciou o curso ginásial no Ginásio Euclides da Cunha, mas não conseguiu finalizar.

Parte 14

Boa Vista: outros aspectos da dinâmica urbana, sociocultural e econômica durante a década de 1950

Conforme o IBGE, a cidade de Boa Vista tinha 5.132 habitantes em 1950. As residências, em grande parte, concentravam-se nos arredores da Praça Barreto Leite, lugar da antiga sede da Fazenda Boa Vista. Nos arredores do Porto de Cimento, as lavadeiras faziam da beira do rio Branco o lugar de trabalho. Havia também o Igarapé Caxangá, que era muito usado pelas lavadeiras. Em todos esses ambientes de lavagem de roupas, o lazer da garotada era pular na água.

A Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo era o lugar de encontro da sociedade aos domingos durante a missa matinal. Era também o espaço religioso dos casamentos, que ampliavam os ramos familiares boa-vistenses. Os bebês eram batizados, os meninos e meninas eram introduzidos na catequese e participavam da Comunhão em Cristo.

Na Rua Floriano Peixoto, a Escola Estadual São José dos anos 1924 passou por reforma nos anos 1940 e 1950, ganhou ampliação na sua estrutura física, com novas salas de aula. O comércio também se ampliou na Avenida Jaime Brasil e arredores.

Na Rua Bento Brasil, esquina com a Avenida Jaime Brasil, estava o Moura Bar, da família Luitgards, um dos pontos da elite boa-vistense, com a sorveteria, e oferecia serviço de bar e bilhar. Na esquina oposta, estava a Casa das 12 Portas, o local de comércio da família Fraxe, ofertando diversificados produtos.

Na esquina da Avenida Jaime Brasil com a Rua Floriano Peixoto, estava o Armazéns Rosas (J. G. Araújo & Cia Ltda. - Filial), com estivas, tecidos, miudezas, ferragens, armarinho, calçados. Depois, foi transformado na Casa Bandeirante da família Said Salomão.

Seguindo pela Avenida Jaime Brasil, encontrava-se a padaria de Felipe Moisés Xaud, disponibilizando confeitaria e

mercearia. O Bar Comercial de Antônio Macellaro, com bebidas geladas, refrescos, charutaria, cigarros, estivas e miudezas, local predileto dos viajantes e dos homens negociantes de diamante.

Foi assim, que, na Avenida Jaime Brasil, surgiram variadas lojas ofertando roupas, calçados, bolsas, redes trazidas de Fortaleza, Ceará. Havia também venda de roupas exclusivas, trazidas do Rio de Janeiro, São Paulo ou de Georgetown, capital da Guiana Britânica.

Da ex-Guiana Britânica, eram trazidos tecidos, especialmente de linho, perfumes, biscoitos, alimentos em conserva. Nesse ambiente urbano, havia os alfaiates e as costureiras/modistas, que traçavam os desenhos e confeccionavam as roupas exclusivas com os novos tecidos que chegavam a Boa Vista. As roupas eram confeccionadas por encomenda pela pequena burguesia.

Na região da Avenida Jaime Brasil, foram instalados restaurantes e lanchonetes, que atraíam as famílias para confraternização na referida avenida, que se tornou o lugar preferido para os desfiles escolares na Semana da Pátria e as festas de carnaval de rua, com blocos e fanfarras. Enfim, toda grande festa popular era na Avenida Jaime Brasil, entre as ruas Bento Brasil e Sebastião Diniz; mais tarde se estendeu até o fim da Avenida na Praça Capitão Clóvis.

Nesse contexto comercial e de lazer urbano, surgiram os pequenos comerciantes ambulantes: o homem do rala-rala (gelo raspado com preparo de groselha), a mulher do tacacá, o garoto do milho verde cozido, ou o garoto do pirulito - torrão doce enfiado em um palito - entre outros.

Na Rua Bento Brasil, o Bazar das Novidades de Said Salomão, ao lado do Ginásio Euclides da Cunha (GEC), oferecia tecidos, estivas, calçados, papelaria, ferragens, cimento, brinquedos, miudezas. O proprietário possuía também o Posto Texaco, com combustível, tintas, óleo, lubrificantes.

Ainda na Avenida Jaime Brasil, desde os anos 1940, o Cine Olímpia, da família Fraxe, divertia as famílias com as sessões de

filmes. Nos anos 1950, o Cine Boa Vista passou a liderar, com Sessão Matinê, em especial, filmes de faroeste.

As estudantes da Escola Estadual São José e os estudantes do GEC animavam a Avenida Jaime Brasil, exibindo seus engomados uniformes, na caminhada de ida e retorno da escola para casa. Nessas caminhadas, havia os flertes, e alguns se tornaram, de simples flertes, compromisso de casamento.

Era nesse ambiente da Avenida Jaime Brasil que os jovens exibiam suas novas roupas e sapatos. Em geral, os passeios eram nos fins de semana, grupos de adolescentes e jovens caminhavam ao longo dessa avenida. Como foi dito, era o lugar predileto para os flertes e encontro dos namorados.

O rádio era bastante usado nas residências mais abastadas, e no Moura Bar, por exemplo, o rádio era uma das atrações para o deleite dos ouvintes clientes. A programação radiofônica era liderada pela BBC de Londres, ou a Voz do Brasil, com notícias e músicas.

Circulavam também jornais, como o *Átomo*, que noticiou na edição de 1º de janeiro de 1953, que, em dezembro de 1952, a Federação Riobranquense de Desporto, do Território Federal de Rio Branco, participou de um campeonato esportivo internacional representando o Brasil. O campeonato realizou-se em Georgetown, capital da Guiana Britânica, onde o time de futebol deixou ótima impressão aos britânicos.

Nesse tempo, a viagem era feita pelos Serviços Aéreos Cruzeiro do Sul, com agentes em Boa Vista localizados na Avenida Jaime Brasil, em escritório junto da Firma J. G. Araújo & Cia. Ltda. O voo realizava-se toda terça-feira, com saída de Manaus (7h) e chegava a Boa Vista às 9h30. O voo deixava Boa Vista às 10h e chegava a Georgetown às 12h. O retorno da capital da Guiana Britânica era às 13h e chegava a Boa Vista às 15h. O voo deixava Boa Vista às 15h30 com chegada a Manaus às 18h5.

Muitas jovens das consideradas tradicionais famílias de Boa Vista eram casadas com britânicos da Guiana e residiam em

Georgetown. Havia também os comerciantes que utilizavam a viagem para os negócios, e no retorno, traziam produtos ingleses da Guiana para o comércio exclusivo em Boa Vista.

Esse tipo de comércio entre britânicos e brasileiros era corriqueiro, desde a segunda metade do século XIX para o XX, entre os fazendeiros e comerciantes na região do Rupununi, onde os produtos chegavam de barco pelos rios Essequibo e Rupununi. Em outros momentos, os produtos percorriam as trilhas do gado, depositados em carros puxados por bois, do litoral para o interior (Rupununi).

Outro destaque eram os campeonatos de futebol em Boa Vista, considerados tradicionais na década de 1920. Durante a passagem por Boa Vista em 1924, Hamilton Rice ficou surpreso com o agito da pequena cidade e a realização dos campeonatos, onde fez alguns registros fotográficos. Contudo, a Federação Riobranquense de Desporto somente foi criada em 1948.

Parte 15

O encontro de Nelson e Delzira no ano de 1951

Nesse cenário de transformações urbanas em Boa Vista, na década de 1950, Nelson trabalhava em serviços gerais em uma firma de construção civil. Delzira trabalhava como auxiliar de Regente de Ensino sob a responsabilidade da professora de piano Carmem Macaggi no Curso Normal.

Evidenciamos que o lazer dos jovens nos fins de semana era a missa dominical na Igreja Matriz, ou torcer pelo time nas partidas de futebol no Estádio João Mineiro. Em geral, os times eram formados na beira do campo de futebol. Os jogadores com o calção, meias e chuteiras trocavam apenas a camisa do time com o treinador, que selecionava os jovens para a formação provisória do time.

Assim, os jovens atletas disputavam diferentes jogos futebolistas trocando apenas a camisa do time. Nesse caso, os irmãos Nelson e Barrigola jogavam ora no mesmo time, ora em times opostos. Ambos tinham um amigo comum das partidas de futebol de nome Constantino, que era casado com Nair, amiga de Delzira.

Foi durante as partidas de futebol, no Estádio João Mineiro, que Delzira conheceu Nelson. Do antigo lugar do estádio, resta hoje um portal, localizado na praça em frente à maternidade, na Rua Presidente Costa e Silva, paralela à Rua José Bonifácio no bairro São Francisco.

Entre os anos 1920 e a virada da década de 1940 e início de 1950, havia um campo de futebol entre o areal e a Zona do Morro. Já comentamos que o mal traçado campo de futebol localizava-se mais ou menos em uma região próxima da Igreja São Sebastião, na direção do que hoje é parte da Avenida Benjamin Constant, na Praça do Centro Cívico. Nesse ambiente urbano estava também a pista de pouso de avião.

Já mencionamos, também, que, ao chegar a Boa Vista, no fim da década de 1940, o mestre de obras João Mineiro construiu, com seus operários, o novo campo de futebol. Tornou-se um dos incentivadores das atividades desse esporte, que competia com os jogos de basquete realizados na Praça Capitão Clóvis, onde a torcida agitava as competições.

Entre esses divertimentos esportivos, estavam também as corridas de cavalo nas pistas improvisadas no lavrado para esse evento. Essas corridas chamavam a atenção das torcidas, que reverenciavam o jóquei preferido. O evento ocorria em meio à poeira na região que hoje podemos dizer que é parte da Rua General Penha Brasil com a Rua Coronel Pinto.

Nesse panorama de trabalho e lazer esportivo, Delzira aceitou namorar o jovem Nelson. Em seguida, foi pedida em casamento, e começaram a organizar o grande evento. Assim, o ano letivo de 1951 chegava ao fim, momento em que Delzira concluía as tarefas de Regente de Ensino. A exoneração do cargo coincidiu com a finalização dos preparativos do casamento. Ser exonerado no fim do ano era tradição do trabalho temporário na Educação do governo local. No entanto, com a chegada do ano letivo de 1952, Delzira foi chamada para continuar exercendo a mesma tarefa sob a responsabilidade da professora de piano Carmen Macaggi.

Nessa perspectiva, as famílias e amigos de Nelson e Delzira acompanharam a cerimônia de casamento, realizada na Igreja Matriz Nossa Senhora do Carmo às 17 horas do dia 25 de janeiro de 1952. Todos, emocionados com a cerimônia, ouviram o SIM de Nelson e Delzira diante do padre José Monticone. Após a celebração matrimonial, o casal morou de aluguel na Rua Bento Brasil, próximo da Prelazia.

No fim de 1952, Delzira estava grávida do primeiro filho, e o casal mudou-se para a Rua Professor Diomedes Souto Maior, mais próximo dos familiares, que residiam no bairro Caxangá. A casa alugada localizava-se mais ou menos entre o Grupo Escolar

Diomedes Souto Maior e a residência do vizinho, pertencente aos familiares do professor do ex-Território, Severino Cavalcante. Bem próximo, do lado oposto da rua, estava a casa de Antônia, mãe de Nelson.

O mês da folia carnavalesca havia chegado. O ano era 1953, uma quinta-feira que antecedia os dias de carnaval. No dia 12 de fevereiro, por volta das 12 horas, nasceu em casa, pelas mãos da parteira da cidade, o menino Reginaldo. Foi o primeiro filho do casal Nelson e Delzira, primeiro neto de Amélia e também de Antônia, primeiro sobrinho do casal Raimundo e Doralice, como também dos irmãos de Nelson. O garoto recebeu o nome de Reginaldo Gomes de Oliveira, conhecido por Régio entre os irmãos e primos.

Nelson comemorou o nascimento do filho com os amigos do futebol. Ficou feliz com o nascimento do garoto, comentando que possivelmente seria um jogador de futebol, fazendo companhia ao tio Barrigola. Nelson havia completado 20 anos e Delzira 19 anos; ambos tinham de aprender a cuidar de uma família sem segurança de trabalho. A insegurança econômica preocupava Delzira.

Chegou o ano 1954, e foi comemorado o aniversário de primeiro ano do nascimento de Reginaldo. Em seguida, anunciou-se que Delzira estava grávida do segundo filho. Assim, no dia 28 de outubro de 1954, na primeira Maternidade do Território Federal do Rio Branco, nasceu uma menina. Era a primeira filha do casal Nelson e Delzira, que recebeu o nome de Rosângela Gomes de Oliveira, irmã de Reginaldo.

A maternidade havia sido inaugurada nesse ano, no governo do capitão do Exército José Luís de Araújo Neto. Funcionava em um prédio localizado na Rua Coronel Pinto, onde hoje é a Secretaria de Planejamento do Estado (Seplan), vizinha ao Unibanco.

Nesse íterim, residindo de aluguel na Rua Professor Diomedes Souto Maior, Nelson e Delzira receberam a visita de

João Lídio e a nova esposa, que estava muito doente (câncer). Ficaram hospedados na casa do jovem casal, ou seja, do filho e da nora. A jovem esposa de João Lídio foi desenvolvendo um quadro grave de saúde e não sobreviveu muito tempo, faleceu na residência do jovem casal. Depois desse episódio, o avô João Lídio foi embora de Boa Vista para Manaus. A família ficou muito tempo sem notícias dele.

Entre os anos 1955 e 1956, Nelson e Delzira deixaram a casa de aluguel e foram morar em uma casa de propriedade de Silvino Tavares, que lhe cedeu o imóvel para morar. Nelson trabalhava para ele. Localizava-se na Rua Cecília Brasil, quase esquina com a Pedro Rodrigues, hoje próxima do Hotel Euzébio's. O patrão tinha uma empresa de construção civil, e a casa foi construída com dois andares, uma moderna construção para a época. Faltava ser concluída, estava sem o acabamento.

Nessa residência Nelson, Delzira e os filhos, Reginaldo e Rosângela, desfrutaram momentos perto da pista de pouso do antigo aeroporto.

Na época, a casa, localizada na distante periferia da cidade, era cercada por cajueiros, com diferentes caminhos de chão, que se alongavam em direção ao lavrado. Entre os caminhos, estava o que conduzia ao Igarapé Mecejana, onde reinavam imponentes buritizais. Era um dos lugares prediletos dos jovens de Boa Vista, que desfrutavam o banho no referido igarapé.

Do janelão frontal da casa, no segundo piso, Reginaldo olhava a decolagem e o pouso dos pequenos aviões na pista do velho aeroporto. Essa antiga pista de pouso do aeroporto estendia-se até onde hoje é a Praça do Centro Cívico Joaquim Nabuco. Nesse caso, a pista de pouso dos aviões tinha início no antigo hangar, que se localizava no velho campo de futebol e sede do Roraima, atual Avenida Mário Homem de Melo, estendendo-se até parte da Avenida Benjamim Constant na área do atual Banco da Amazônia.

Assim, um dos lazeres do garoto Régio era ficar no janelão admirando os aviões chegarem ou subirem e desaparecerem no

céu. Enquanto isso, deitado em uma rede e tocando violão, o tio Rubens cuidava do sobrinho enquanto Delzira desenvolvia as tarefas domésticas. Tio Rubens era um dos irmãos de Nelson, que sempre visitava o casal.

Nesse contexto familiar Delzira cuidava dos afazeres domésticos e da bebê Rosângela. Porém, no segundo semestre de 1955, anunciou-se outra gravidez de Delzira. Momento em que começaram os primeiros atritos no casamento com Nelson. Os motivos dados por Delzira é que, nas horas livres, Nelson desfrutava uma vida de boêmio, como se fosse solteiro. Após o jogo de futebol com os amigos jogadores, desfrutava as rodadas de bebedeira na Zona do Morro.

Algumas vezes Nelson dormia na Zona do Morro, justificando que ficou bebendo e disputando o jogo de sinuca com amigos, e não percebeu o dia amanhecer. Em outros momentos, Nelson, completamente embriagado, era trazido para casa, em carro de aluguel, por amigos do futebol. O casal discutia sobre essa situação desagradável. Reginaldo presenciava tudo e chorava por não entender o motivo da briga dos dois. Em alguns momentos, Nelson pegava o filho no colo e o levava para a cama do casal, onde o acalmava, fazendo-o dormir.

A relação de Nelson com o filho era muito afetuosa e talvez um pouco irresponsável, por parte dele. Ele levava o garoto para visitar a casa da avó Antônia, sua mãe, mas também para as partidas de futebol, onde o menino era tratado com carinho pelos amigos do futebol. Quando o jogo finalizava, era comum haver uma pequena parada na Zona do Morro para a confraternização. Partindo com os amigos do Estádio João Mineiro, Nelson levava o menino, que tinha as bochechas beliscadas pelas admiradoras da noite. Quando Nelson chegava em casa, levava bronca de Delzira.

No carnaval de 1956, grávida do terceiro filho, Delzira costurou fantasias para os filhos: Reginaldo e Rosângela. As crianças, acompanhadas dos pais, desfrutaram as brincadeiras

carnavalescas na Praça Capitão Clóvis. No retorno para casa de propriedade dos Tavares, passaram na frente do Hotel Boa Vista no momento em que se realizava no salão principal um baile de carnaval infantil; e Delzira e as crianças desfrutaram o carnaval infantil no salão do referido hotel.

Abro parênteses para explicar que, na segunda metade dos anos 1970, quando chegou a Boa Vista, Régio soube que a propriedade era de Lídia e Newton Tavares. O casal e os filhos residiam na referida casa e Lídia era carinhosamente chamada de professora Lídia. Régio teve contato com a professora Lídia em 1978 quando foi professor de Educação Artística do filho Newton Tavares no GEC - nome popular do Ginásio Euclides da Cunha.

Muito mais tarde, quando Reginaldo era vice-reitor da Universidade Federal de Roraima (UFRR), março de 2012 a março de 2016, participou de vários encontros na Federação das Indústrias de Roraima (FIER-RR), onde Lídia Tavares representava a superintendência do Instituto Euvaldo Lodi (IEL). Em 8 de abril de 2013, o casal Newton Tavares e Lídia, participou da inauguração do novo Espaço de Cultura e Arte União Operária da UFRR, localizado na Avenida Nossa Senhora da Consolata no Centro. Nesse período Reginaldo estava no exercício da Reitoria, e ele, Newton Tavares e Walmir Pimentel inauguraram o referido espaço. Entretanto, pouco tempo depois, Newton Tavares faleceu, e a professora Lídia Tavares também faleceu, vítima de infarto, em 12 de maio de 2020. Eles deixaram um casal de filhos e uma neta.

Parte 16

A vida de Nelson e Delzira: outros desdobramentos com a separação

Por volta do início de 1956, Nelson e Delzira deixaram a casa dos Tavares. O casal, com as duas crianças, mudou-se para uma casa de aluguel, vizinha do recém-inaugurado Cemitério Nossa Senhora da Conceição no bairro São Vicente. A nova residência localizava-se em uma área alta de barranco. Hoje faz parte da Avenida Presidente Castelo Branco, quase esquina com a Rua Professor Diomedes Souto Maior. A casa era de pau-a-pique com cobertura de palha de buriti. Na vizinhança, havia casas construídas usando apenas a palha, tanto nas paredes como na cobertura. O piso das casas era de barro batido. Antes de varrer o piso, jogava-se um pouco de água para não levantar poeira.

Uma cerca de arame farpado dividia o espaço do fundo da casa com o espaço do cemitério. O quintal tinha uma floresta de mangueiras e muita sombra. Os vizinhos, em grande parte, eram indígenas urbanos, e Reginaldo brincava com as crianças indígenas, que subiam nas mangueiras. Do alto, olhavam o cemitério. Em outros momentos, parecendo uma pequena procissão, pessoas caminhavam acompanhando um enterro que chegava ao cemitério. Reginaldo e as outras crianças maiores passavam por baixo do arame farpado e corriam para olhar o sepultamento do defunto.

Nesse ritual da morte, havia um padre ou uma freira que acompanhava o cortejo e dava as últimas palavras antes de o coveiro e os parentes do morto jogarem terra para cobri-lo. Reginaldo percebeu que, em alguns enterros, o morto era trazido em uma rede presa a uma vara de madeira. Em cada ponta da vara, havia um homem que sustentava no ombro uma ponta com o punho da rede presa. Quando chegava à cova, a vara de

madeira era retirada da rede e o morto era sepultado na rede. Em outros momentos, o morto era trazido em um caixão fechado, fabricado com rústica madeira e alças, onde parentes do morto seguravam para conduzir a pé o caixão até o cemitério.

Nessa época, Doralice e Raimundo moravam em casa própria localizada na Rua Professor Diomedes Souto Maior, quase esquina com a Rua Amajari, próxima do Igarapé Caxangá, não muito distante do referido cemitério. Era uma área urbana que começava a receber as primeiras casas de barro (pau-a-pique) cobertas de palhas. As casas, na maioria, eram construídas todas em palha – paredes e cobertura –, e a iluminação era de candeeiro ou lamparina de pavio e querosene. Consequentemente, os incêndios eram comuns no bairro das palhas.

Na parte mais alta da Rua Diomedes, próxima do Grupo Escolar Diomedes Souto Maior, estava a sede do Quartel Militar, construída pelo governador, capitão Ene Garcez, em 1944. Hoje, é o Comando de Policiamento da Capital, na Rua Cerejo Cruz, entre a Avenida Glaycon de Paiva e Rua Professor Diomedes Souto Maior. Nessa área militar, ao lado do quartel, foi construída a primeira vila militar em Boa Vista, com casas de tijolos, cobertas com telhas de barro.

Foi no novo cenário vizinho ao cemitério, na área periférica de Boa Vista, que, no dia 2 de maio de 1956, na Maternidade de Boa Vista, nasceu a filha do casal Nelson e Delzira. A menina recebeu o nome de Rossinete Gomes de Oliveira. Nelson e Delzira entraram novamente em conflito conjugal, não conseguiam harmonizar a relação e acabaram separando-se. Delzira, acompanhada dos três filhos, Reginaldo, Rosângela e Rossinete, foi morar com a mãe, Amélia. Juntas, as duas mulheres lavavam roupas para o sustento da família.

Nesse período, Amélia havia regressado recentemente de uma viagem ao Ceará. Aproveitara o bom momento das filhas casadas e foi fazer uma visita aos parentes em Camocim. Nessa viagem – de barco, até Manaus e de lá até Fortaleza, de navio – Amélia foi acompanhada da neta mais velha, Maria de Jesus (Bibi), filha do casal Raimundo e Doralice.

Ao chegar a Boa Vista, Amélia conseguiu negociar a compra de uma pequena casa de barro (pau-a-pique), com sala, quarto e cozinha, coberta de palha e piso de barro batido – barro molhado e socado, depois areia peneirada, resultando em um piso plano e aparência polida. A simples residência localizava-se no que denominamos hoje de Rua Tacutu, quase esquina com a Avenida Ville Roy nas proximidades do Igarapé Caxangá.

Parte 17

A vida de Delzira e as três crianças na casa da avó Amélia

O período de chuvas do ano 1956 chegou ao fim, dando lugar ao ano 1957, que trouxe muito sol para embelezar a cidade. Com apenas 4 anos de idade, o menino Régio acompanhava a avó Amélia na entrega de roupas na residência das patroas. No inverno (meses de chuva), Amélia, com a roupa arrumada em uma trouxa, que levava na cabeça, segurava na mão cabides com os vestidos engomados.

Amélia e o neto Régio caminhavam por uma trilha tortuosa, que hoje é a Rua Tacutu, até a Rua Professor Diomedes, dobravam para o lado direito e seguiam em direção ao velho cemitério, hoje Centro Cívico, vizinho ao Hotel Boa Vista. Nesse trajeto, andavam por um caminho entre o velho cemitério e o hotel – hoje Avenida Consolata –, seguindo a pé por um caminho, que se cruzava com outros na área em frente ao Hotel Boa Vista. O caminho conduzia Amélia e Régio em direção ao Jardim de Infância Princesa Isabel, na frente da Praça Capitão Clóvis, onde terminava a Avenida Jaime Brasil, área da residência das famílias abastadas.

O garoto Régio observou que grande parte das casas tinha uma varanda, algumas com piso de madeira e outras com piso denominado de “cimento queimado” (piso feito com a mistura de cimento, areia e água), alguns pintados de vermelho ou amarelo. Quando era aberta a porta da varanda, com comunicação com a sala de visitas, percebia-se que na sala alguns pisos tinham cerâmica, no teto lustres e mobília de boa qualidade.

Somente as residências dessa área nobre de Boa Vista tinham luz elétrica em oposição ao bairro periférico onde Amélia, Delzira e os filhos moravam, uma área que deu origem ao bairro São Vicente, denominado bairro das lamparinas ou das palhas, onde os incêndios acidentais eram comuns conforme já referido.

Amélia entregava a roupa limpa e engomada na varanda das residências e aguardava trazerem a trouxa de roupa suja. Ela orientou o neto a não falar e não fazer perguntas. Régio era um garoto curioso e gostava de perguntar. Deveria ficar quieto e sentado ao lado dela, esperando a patroa trazer a trouxa de roupa para lavagem.

Sentado ao lado da avó Amélia, ele ficava maravilhado observando o modelo das casas de adobe (tijolo cru) com cobertura de telha e belos móveis; ou olhava o vestuário dos moradores das residências. O garoto percebia que atravessar os caminhos até essa área da cidade era viajar para outro mundo sociocultural. Era um espaço urbano muito diferente do que ele vivia na periferia da cidade, com os vizinhos de poucos recursos financeiros. Vizinhos que, às vezes, perdiam tudo, quando havia acidentalmente um incêndio na pobre residência de palha.

O comportamento quieto do garoto chamava a atenção das crianças da residência e da patroa, que lhe perguntavam seu nome. Ele olhava para a avó Amélia, que, por meio do olhar, autorizava o menino a responder. Em algumas dessas visitas, serviam refrescos ou café com leite ao garoto e à avó.

Na casa da avó Amélia, na atual Rua Tacutu, construída de frente para o sol nascente, havia um pequeno jardim. O terreno era grande, cercado com arame farpado. No terreno dos fundos e dos lados, via-se uma pequena floresta com árvores de pequeno porte e alguns cajueiros. No terreno frontal, local onde as crianças brincavam à sombra da tarde, tinha um pequeno portão de ripas de madeira.

Na frente da casa no outro lado da trilha, havia também uma pequena floresta com árvores de pequeno porte, coco-babão (palmeira cheia de espinhos) e buritizais, que se estendiam em direção ao Igarapé Caxangá. Na época do verão, poderia usar o caminho que levava à cidade, hoje, Avenida Ville Roy, passando por uma ponte improvisada com toras de madeiras sobre o Igarapé Caxangá.

Contudo, no inverno, ficava tudo alagado, e não era possível caminhar. Então, a alternativa era ir pela Rua Professor Diomedes Souto Maior, que tinha uma ponte sobre o Igarapé Caxangá. Embaixo da ponte, Amélia e outras lavadeiras lavavam a roupa enquanto Régio, as primas e outras crianças maiores pulavam no igarapé. Alguns garotos maiores desafiavam pulando de cima da ponte no igarapé.

Margeando o igarapé (posição Leste em direção ao rio Branco), havia uma pequena floresta com árvores frondosas e de pequeno porte, que competiam com as palmeiras de buriti. Do lado oposto da ponte – posição Oeste em direção ao atual bairro Mecejana –, havia uma pequena floresta, mas com muitos cajueiros e mangueiras.

As crianças maiores iam pegar caju, que aliviava a fome e a sede de todos. As lavadeiras passavam o dia no igarapé, executando a tarefa de lavagem de roupa. Nos intervalos, alimentavam-se de chibé, uma mistura de farinha de mandioca e água, parecendo um mingau.

A avó Antônia, acompanhada da neta Sonia, também era uma das lavadeiras no Igarapé Caxangá. Sônia encontrava-se com as primas de Régio: Maria de Jesus, Eunice (Nicinha) e Rosimar, que pulavam juntas no igarapé.

Já mencionamos que a residência de Raimundo e Doralice se localizava na Rua Professor Diomedes Souto Maior, lado esquerdo em direção ao Matadouro ou vila de Mucajaí, entre o que hoje denominamos de Ruas Tacutu e Amajari, perto da ponte sobre o Igarapé Caxangá.

O antigo Matadouro de Boa Vista situava-se na estrada que se ligava à vila de Mucajaí (hoje BR-174 ou Avenida Brasil), próximo do denominado “Pau da Paciência” e o igarapé. Algumas lavadeiras caminhavam até lá e recebiam o bucho de boi e outras miudezas que não eram comercializadas. Recebiam também gordura de boi (sebo) para fabricar o sabão, misturado com soda cáustica.

Amélia, acompanhada do neto Régio, era uma das lavadeiras que pegavam esse material doado no Matadouro e limpava tudo no igarapé perto do prédio onde abatiam os bois para o mercado. Entre as miudezas do boi, estavam bucho, tripas, língua, coração e gordura para fabricar o sabão usado na lavagem de roupa.

Depois de tudo limpo no igarapé, Amélia colocava os produtos na bacia de alumínio, que era trazida na cabeça. Régio acompanhava a avó carregando um pequeno balde com caju, que tinha colhido nas margens do igarapé, e também tinha frutas de buriti.

Em casa, Amélia salgava o que não era consumido no dia. De vez em quando, colocava os produtos salgados ao sol. Havia também alguns dos produtos salgados pendurados próximo ao fogão a lenha, recebendo a fumaça e defumando. Era uma maneira de conservar os produtos de carne por mais tempo. A gordura do boi era cozinhada e misturada com soda cáustica; depois aquele mingau era esfriado e transformado em sabão.

Parte 18

Reconciliação de Nelson e Delzira

Chegava ao fim o verão de 1957 (segunda quinzena de abril) e a temporada de sol intenso. Iniciava-se a temporada de chuvas, inverno. Entretanto, em uma manhã ensolarada, na frente da casa da avó Amélia, o garoto Régio brincava sozinho no pequeno jardim, tentava pegar borboletas que visitavam as flores.

De repente, um senhor com uma mala na mão chegou caminhando e bateu palmas no portão, construído com ripas de madeira. Régio olhou, reconheceu o pai e correu para abraçá-lo. Abriu o portão e disparou em corrida; aos gritos, foi avisando à mãe e à avó Amélia, que o pai tinha voltado da viagem.

Nelson, carregando a mala, entrou na casa e conversou com Delzira. As duas meninas, em pé e segurando a saia da mãe, olhavam para Nelson, como se fosse um desconhecido. Régio, sentado no colo do pai, que estava sentado em uma cadeira, ouvia atento a conversa entre o casal. Depois de muita conversa, apesar de Delzira não se mostrar contente, o casal se reconciliou e a vida ficou mais animada para o garoto Régio.

Nelson passou a residir na casa com a sogra Amélia, Delzira e as três crianças. Nelson voltou a trabalhar, empregos temporários no governo ou em firmas de construção. Retomou os jogos de futebol, nos fins de semana, com os antigos amigos. Nelson levava o filho a quase todos os lugares. O transporte era bicicleta, mas caminhavam também ou pegavam carona de jipe, dirigido por um amigo de Nelson, quando andavam a pé na Rua Professor Diomedes Souto Maior.

Foi nesse período que o garoto, com 4 anos de idade, passou a ficar mais tempo na casa da avó Antônia, mãe de Nelson. Lá ele ficava aos cuidados da tia Etelvina, que também cuidava da garota de nome Sônia (nascida em 1949) e do irmão de nome

Aloísio (1947). As duas crianças eram filhos de tia Angélica, que deixou a responsabilidade para a avó Antônia criar.

Destacamos que Etelvina era irmã caçula de Nelson; na época, era uma adolescente de 16 anos, com vários admiradores. No entanto, ela estava sempre ocupada com os afazeres domésticos, as tarefas da escola e o cuidado com os pequenos sobrinhos. Nos fins de semana, Etelvina arrumava as crianças e as levava ao cinema: Cine Teatro Boa Vista na Avenida Jaime Brasil. O trajeto da casa, na Rua Professor Diomedes Souto Maior, até a Avenida Jaime Brasil, era sempre andando a pé, entre os tortuosos caminhos, que passavam entre o cemitério e o Hotel Boa Vista.

No Cine Boa Vista, sentados nas confortáveis poltronas, os filmes de faroeste agitavam o emocional das crianças, com tiroteios e passagens de trem, com o surgimento de pistoleiros em cavalos perseguindo o trem. Ao fim da matinê, Etelvina e as crianças paravam no carrinho de rala-rala, para desfrutarem o refresco de groselha com o gelo ralado.

Nos dias de semana, quando Régio ficava aos cuidados da tia Etelvina, ele e a menina Sônia a acompanhavam ao ir pegar a marmita com o almoço na pensão onde a avó Antônia trabalhava. Ressaltamos que a pensão se localizava na Zona do Morro.

Etelvina, andando a pé com as crianças, passava na frente do Hotel Boa Vista e logo estava na pensão, vizinha ao referido hotel. Lá, Antônia preparava as marmitas de alumínio, com feijão, arroz, macarrão, bife de panela de carne bovina. Fechava as marmitas, que eram arrumadas em andares de modo vertical, presas a uma alça de alumínio. Antônia entregava o conjunto de marmitas a Etelvina e orientava que deveriam sair logo dali, pois não era lugar de mocinha e crianças.

Segurando a marmita, Etelvina e as crianças retornaram pelo mesmo caminho até a residência de pau-a-pique, coberta de palha e piso de chão batido, onde preparou os pratos e serviu o almoço para todos. A pequena casa tinha no quintal árvores frutíferas, como cajueiro e mangueira.

O inverno de 1957 chegou ao fim, e o sol voltou a brilhar, alegrando o movimento das lavadeiras no Igarapé Caxangá. Amélia começou a alfabetizar o neto Régio, ensinando as primeiras letras do ABC e os primeiros números da tabuada. Ela fazia um pequeno furo em um pedaço de papel, corria com o papel no ABC, o furo mostrava uma letra, e o garoto acertava. Ela, então, movimentava a folha, e o buraco mostrava outra letra, o garoto acertava de novo. Ela conseguiu um caderno de caligrafia, e o neto começou a juntar as letras em palavras. Depois, juntou as palavras em frases, que o menino copiava e soletrava, desenvolvendo a leitura. Os números também eram ensinados.

Régio estava aprendendo a ler, e isso era mágico. Quando saía à rua e via um papel com escrita no chão, pegava e começava a ler o fragmento escrito no papel. Isso era fantástico e muito mágico para o garoto, que começou a perceber outro universo, considerado dos intelectuais: o da leitura. A avó Amélia dizia que ele tinha de estudar. Só assim conseguiria um bom emprego. Caso contrário, seria mais um analfabeto trabalhando nos serviços gerais, com salário incerto e muito pouco. O sonho distante dos jovens daquela época era ser funcionário do quadro permanente do governo, ou funcionário do Banco do Brasil.

Nesse ínterim, foi anunciada a gravidez de Delzira, que aumentaria a família do casal Nelson e Delzira. O ano de 1958 chegou. Com o carnaval, o garoto Régio completou 5 anos e já estava aprendendo a ler com a avó Amélia. Isso o deixava diferente dos meninos vizinhos, que nem sempre conheciam a Cartilha do ABC.

Os dias ensolarados de março chegaram. Assim, no dia 25 de março de 1958, nasceu na Maternidade de Boa Vista mais uma filha do casal Nelson e Delzira, que recebeu o nome de Rosanir Gomes de Oliveira. Após receber alta na maternidade, Nelson pegou um carro de aluguel e trouxe Delzira e o bebê para a casa da sogra, lugar onde todos moravam. No trajeto da maternidade para a casa da avó Amélia, o filho Régio veio junto, pois sempre estava acompanhando o pai.

Os meses corriam. Amélia continuava no trabalho de lavagem de roupas no igarapé. Nessa época, ela lavava roupa para uma das filhas do coronel Adolfo Brasil, de nome Nídia Brasil Maciel, esposa de João Maciel. O casal, com filhas crianças, moravam em uma casa na Rua Bento Brasil, vizinha ao casarão de Adolfo Brasil.

Como era de costume, ao deixar as roupas limpas e engomadas na casa das patroas, a avó Amélia sempre era acompanhada por Régio. Ao chegar à casa da Sra. Nídia Brasil, esperavam na varanda pela trouxa de roupa suja para lavagem. Nessa ocasião, as filhas pequenas da patroa vinham até a varanda cumprimentavam a avó Amélia e ficavam olhando o garoto quieto e sentado ao lado de Amélia. Havia momentos em que a empregada da Sra. Nídia trazia frescos com biscoitos para o garoto e a avó, ou café com leite e biscoito.

Um belo dia, a Sra. Nídia comentou com a avó Amélia sobre a possibilidade de o casal Nelson e Delzira cuidar, por um curto período, da casa do irmão Olavo Brasil, que estava meio abandonada, porque ele estava com a família fora de Boa Vista. A casa localizava-se na Rua Bento Brasil, na frente da Prelazia. Hoje é o prédio da Diocese de Roraima.

Assim, o casal Nelson e Delzira mudou-se para a residência de Olavo Brasil, vizinho da Sra. Maria Baraúna, que se tornou uma grande amiga de Delzira. A casa foi construída com adobe (tijolo cru) e coberta de telha, na parte alta da rua, com destaque para uma calçada bem alta em relação ao nível da rua. O piso era de cimento queimado.

Na entrada da casa, havia um pequeno portão que dava acesso a uma imensa varanda que terminava na cozinha. No início da varanda, ficava a porta de comunicação com a sala de visita; na sequência, portas de comunicação com os quartos que também tinham origem na varanda. A metade da frente da casa era trancada, onde estavam os móveis do proprietário. O casal Nelson e Delzira tinham acesso a um quarto, cozinha e à grande varanda.

A novidade encontrada na casa para o garoto Régio foi a geladeira que funcionava com querosene. Ele conhecia as barras de gelo compradas na fábrica de gelo, que o homem do ralarala usava para os refrescos de groselha. Conhecia também as barras colocadas em uma caixa de madeira com serragem, para conservar gelados os refrescos ou aluá servidos nos arraiais na Igreja São Sebastião ou na Matriz.

O quintal da casa era grande, com uma floresta de mangueiras e cajueiros para alegria do garoto, que gostava dos quintais grandes e com floresta. Lugar de visita dos diferentes passarinhos que voavam sobre as árvores frutíferas. Era a primeira vez que o garoto experimentava morar na área burguesa da cidade de Boa Vista.

O garoto Régio fez amizade com os filhos menores de Dona Maria Baraúna, brincando em conjunto na calçada da casa. As duas irmãs pequenas de Régio quase não participavam das brincadeiras, mas ficavam olhando. Rosanir, ainda era um bebê.

Em outros momentos, sentado na calçada, o menino Régio admirava as belas noivas que chegavam em carro de aluguel para realização de casamento na Prelazia. Os convidados, sempre bem vestidos e calçados, chegavam em jipe ou andando a pé, em pequenos grupos. Era um ritual de elegância e chamava a atenção do garoto. A grande confraternização era na própria Prelazia, no jardim com mangueiras. Era tudo ornamentado com sofisticação.

Em outras ocasiões, na calçada, ouviu gritos que vinham da beira do rio Branco. Ao lado do terreno da Prelazia, havia um caminho para a praia no rio Branco. Os gritos eram de um jovem rapaz que passava carregado por outros rapazes, em busca de socorro, pois tinha sido ferrado por uma arraia. Era comum pessoas serem ferradas por arraia na margem do rio. Havia também alguém desesperado, aos gritos, que corria pela rua avisando que fulano tinha desaparecido no rio. Provavelmente, morreu afogado.

Régio prestava atenção a toda agitação da rua. Era um garoto muito curioso, e tudo aquilo era novidade. Essa movimentação e barulho na rua chamava a atenção, pois era bem diferente do monótono e silencioso caminho que passava na frente da casa da avó Amélia no bairro das palhas. Havia dias que avó Amélia visitava a filha Delzira e, na volta, Régio acompanhava a avó. Ficava uns dias fazendo companhia à avó Amélia, que depois trazia o garoto para a casa na Rua Bento Brasil.

Após uns três ou quatro meses nessa residência, Olavo Brasil retornou para Boa Vista, e o casal mudou-se novamente para a residência de Amélia, próxima do Igarapé Caxangá.

A temporada de chuvas (abril-setembro) de 1958 estava chegando ao fim, a rotina na casa da avó Amélia continuava. Delzira ajudava nos afazeres domésticos e no processo de engomar as roupas com Amélia. O ferro de passar roupa era a carvão. Era um ferro no formato similar aos atuais, mas tinha a parte de dentro oca, onde era colocado o carvão que virava brasa e mantinha o ferro quente.

Nelson continuava nos trabalhos temporários e, nos fins de semana, jogava futebol com os amigos no Estádio João Mineiro. Participava das confraternizações na Zona do Morro. O garoto Régio acompanhava o pai nas visitas à casa da avó Antônia, depois era levado pelo pai ou tio Rubens para olhar as partidas de futebol no João Mineiro.

Porém, novos atritos começaram a surgir na relação do casal Nelson e Delzira. Um dia tiveram uma grande discussão e decidiram nova separação. Nelson pegou a mala e foi embora. Régio estava com 5 anos de idade, ficou triste ao ver o pai sumir no caminho em direção à Rua Professor Diomedes Souto Maior.

Delzira estava novamente sem o marido e com quatro filhos pequenos para criar. Delzira cortou toda a relação com a família de Nelson. O garoto Régio não teve mais contato com a avó Antônia, os tios, tias e os primos da família paterna.

Parte 19

Recomeçando a rotina: duas mulheres e quatro crianças pequenas

O sol de novembro de 1958 castigava a pequena cidade. A lavagem de roupas feita por Amélia e Delzira rendia para o sustento da família das duas mulheres com quatro crianças. Contudo, uma nova surpresa após o adeus de Nelson: ao se separar do marido e sem saber, Delzira tinha ficado grávida. Isso trouxe novas preocupações econômicas com o aumento da família.

O verão foi dando lugar às chuvas com a chegada do ano de 1959. As duas mulheres eram fortalecidas pela esperança de dias melhores para a família. Em fevereiro, Régio completou os 6 anos. O garoto estava feliz porque já sabia ler. Conhecia muitas coisas novas que os garotos vizinhos não tinham ideia. Como exemplo, a realização e festas de casamento na Prelazia, ou os banhos dos jovens no rio Branco. Os meninos da rua conheciam mais os banhos no Igarapé Caxangá.

Nesse ínterim, Régio e a irmã Rosângela frequentavam o Jardim de Infância Princesa Isabel. Eram levados caminhando pela mão de Delzira, outras vezes, por Amélia. Régio, que era um garoto esperto, começou a voltar da escola sozinho. Ele pegava na mão da irmã Rosângela, e caminhavam até a casa nas proximidades do Igarapé Caxangá.

No Jardim de Infância, o garoto Régio frequentava a sala de aula da professora Carmem Macaggi. Sentada ao piano, com as crianças sentadas em meio círculo, a professora tocava piano e cantava com elas. Ao som do piano e das canções infantis, as crianças desenvolviam brincadeiras usando expressões corporais: ora em círculo, ora saltando em grupo ou agachando-se, em fileira, cada um com a mão no ombro da criança na frente. Em outros momentos, as crianças em fila, de mãos dadas, caminhavam até

a árvore gigante, Sumaúma, onde faziam um círculo ao redor da árvore entoando canções infantis.

Os dias corriam, e em um momento de chuva torrencial, no dia 23 de maio de 1959, nasceu o filho caçula do casal Nelson e Delzira, que recebeu o nome de Rinaldo Gomes de Oliveira. Delzira fez opção de escolher a letra “R” como primeira letra do nome dos cinco filhos: Reginaldo, Rosângela, Rossinete, Rosanir e Rinaldo.

Depois de receber alta na Maternidade de Boa Vista, Delzira e o bebê Rinaldo foram trazidos para casa por Amélia em carro de aluguel. Agora, eram as duas mulheres com cinco crianças pequenas para criar e educar. Os recursos financeiros eram sempre baixos, pois a cidade de cultura machista e preconceituosa não oferecia quase nenhuma oportunidade para uma mulher separada do marido. Geralmente, as mulheres sofriam agressões do marido, mas não se separavam, pois tinham receio da hostilização demonstrada pelas famílias conservadoras da cidade.

O inverno de 1959 chegou ao fim, e Delzira conseguiu um trabalho temporário como merendeira no Grupo Escolar Diomedes Souto Maior. As crianças ficavam em casa aos cuidados da avó Amélia, que era auxiliada pelo neto Régio.

Contudo, em certo fim de tarde, Delzira dava de mamar ao bebê Rinaldo na área da cozinha, sentada em uma cadeira próxima de uma mesa. Nesse ambiente da cozinha, a pequena Rosanir não parava de mexer nas coisas e subir na cadeira. De repente, a menina começou a pendurar-se nas prateleiras de um armário de madeira com algumas louças. Régio, que observava tudo, avisou a mãe sobre a escalada no armário que Rosanir estava empreendendo. Quando a mãe olhou, o armário começou a tombar para cima da garota. Delzira deu um pulo e conseguiu segurar o armário de madeira, mas parte da louça caiu sobre a menina em prantos.

Delzira acudiu a filha que chorava caída no chão. Lembrou-se do bebê Rinaldo, que foi lançado ao chão quando ela se

levantou. O bebê, no chão, estava com toda a pele do corpo ficando roxa, querendo chorar, mas não conseguia. Desesperada, Delzira pediu ao garoto Régio que corresse até o vizinho da rua de trás (hoje, Avenida Presidente Castelo Branco), pois na esquina tinha um pequeno comércio do Sr. João Sinésio. Talvez, lá, alguém tivesse um jipe para socorrer e levar as crianças ao hospital. As crianças foram socorridas, mas o bebê Rinaldo demorou a falar e andar. Somente ao completar 2 anos de idade, o garoto falou e andou.

Parte 20

A decisão de deixar Boa Vista e imigrar para o Nordeste brasileiro

O intenso verão do fim de 1959 e início de 1960 chegou, despertando a tomada de decisão das duas mulheres: Amélia e Delzira. Em conversa com a filha, Amélia cogitou deixar Boa Vista. Era uma maneira de mudar essa história das duas mulheres com as cinco crianças. Nesse sentido, ela conversou com Delzira sobre a venda da casa e a possibilidade de retornarem para o Ceará. Talvez lá, as duas mulheres tivessem mais chances de trabalho, para ajudar na criação e educação das cinco crianças. Boa Vista não oferecia quase nenhuma oportunidade para essa família de mãe viúva e filha separada, com cinco crianças.

Assim, Amélia e Delzira decidiram deixar a cidade de Boa Vista para trás. Tomada a decisão de voltar para o Ceará, realizaram a inscrição para o voo da Força Aérea Brasileira (FAB), com viagem para Manaus. Em Manaus, comprariam passagem no navio que seguiria para Fortaleza. Lá, encontrariam os parentes que Amélia tinha deixado em Camocim.

Amélia conseguiu vender o casebre de pau-a-pique coberto de palha. Mudou-se com Delzira e as crianças para a casa de Doralice e Raimundo, onde esperaram o chamado do funcionário da FAB para a viagem no cargueiro que iria de Boa Vista para Manaus.

Nesse ínterim, ouvindo o rádio de pilha na casa da tia Doralice, que noticiava informações pelo Programa A Voz do Brasil, o garoto Régio ficou impressionado com uma história que tinha assombrado o Rio de Janeiro. A notícia falava da “Fera da Penha”, uma mulher que, nos anos 1960, tinha assassinado de modo cruel uma garotinha de 4 anos, chamada de Taninha. A mulher era amante do pai de Taninha, e ficou sabendo que o namorado era casado e tinha filhos. Para se vingar, a amante foi

raízes dos dentes amoleceram e todos os dentes foram caindo. A mesma doença tinha acometido a avó Amélia, que também perdeu os dentes ainda jovem. Amélia estava com 52 anos e também usava dentadura. O voo continuava, as crianças dormiam. Régio tornou a olhar pela janela e foi surpreendido pela beleza do sobrevoo na cidade de Manaus, com o majestoso rio Negro. O garoto ficou fascinado com o tamanho da cidade vista do alto. O cargueiro da FAB pousou no Aeroporto de Ponta Pelada em uma área elevada e descampada. Hoje é nas proximidades do bairro Crespo.

Parte 21

Desembarque em Manaus: uma surpresa esperava pelas duas mulheres

Era janeiro de 1961. Amélia, a filha Delzira e os cinco netos chegaram no voo da FAB, desembarcando no Aeroporto de Ponta Pelada na cidade de Manaus. O plano das mulheres era receber a bagagem e procurar informações no porto sobre a próxima partida de navio para Fortaleza. Gostariam de embarcar imediatamente em um navio no porto de Manaus para o Ceará.

No entanto, uma surpresa mudou os planos de viagem das duas mulheres. A equipe responsável pela bagagem informou a Amélia e Delzira que toda a bagagem das duas mulheres havia ficado em Boa Vista. O cargueiro estava lotado, e não foi possível embarcar todas as bagagens dos passageiros. Prometeram que no próximo voo a bagagem seria enviada, mas o fato é que o voo da FAB era realizado de trinta em trinta dias.

Elas se entreolharam incrédulas. Tinham apenas os poucos objetos trazidos nas mãos. Sem ter uma solução urgente para o caso, as duas mulheres com as crianças embarcaram em um carro de aluguel e foram para um hotel no centro da cidade. O carro partiu do aeroporto rumo à Rua Miranda Leão no centro histórico de Manaus. O garoto Régio estava admirado com a quantidade de carros, casas, bicicletas, pessoas nas ruas. Era tudo diferente de Boa Vista.

O carro de aluguel parou na frente do Hotel Malheiros, localizado na Rua Miranda Leão. Era um hotel simples, mas charmoso pela arquitetura antiga dos áureos tempos da borracha. Pela imensa porta da entrada principal, chegava-se ao balcão da recepção. Era o pavimento térreo, onde se encontrava um pequeno corredor com portas de ligação para um salão com dois ambientes: sala de visitantes e restaurante, onde os homens conversavam, faziam negócios, jogavam baralho, com serviços

de bar e charutaria. Dos janelões desse ambiente social, cultural e econômico, olhava-se o movimento na Rua Miranda Leão.

Ainda no ambiente térreo, havia outro corredor, parecendo varanda, que ligava o ambiente social até a cozinha, mostrando a porta de quartos. No pequeno corredor, perto da recepção, havia uma ligação com outro espaço com varanda e uma imensa escada, que terminava em uma área de céu aberto no piso inferior (porão). Tinha também uma parte superior, onde estavam os quartos de luxo.

Após a fase burocrática de registro na recepção, um jovem ajudou as duas mulheres e as crianças a descerem a escada até o quarto onde ficariam hospedados. Assim, elas e as cinco crianças foram alojadas em um amplo quarto na parte inferior do hotel, com uma porta e uma janela para a área livre de circulação. Na área de circulação, estava o banheiro, que era coletivo: havia duas portas dividindo o pequeno compartimento; em uma delas, estava o vaso sanitário, e na outra, o chuveiro. Em geral, as crianças usavam o penico, que era limpo na privada.

Todavia, Amélia negociou, com o gerente do hotel, a hospedagem por trinta dias, solicitando um desconto. Era o tempo esperado para que a bagagem chegasse de Boa Vista. Tiveram de comprar mais uma peça de roupa, porque só estavam com as vestimentas da viagem. Precisavam ir à representação do Território Federal do Rio Branco para acompanhar o serviço de telegrafia e ter as informações corretas da data de chegada do avião da FAB trazendo a bagagem.

Enquanto aguardavam, Amélia caminhava até o Mercado Municipal Adolpho Lisboa em Manaus para comprar alguns mantimentos. É claro que o garoto Régio acompanhava a avó Amélia. Na visão do garoto, a arquitetura do mercado era deslumbrante. Ele nunca tinha visto prédio de mercado tão bonito e imponente. Os quiosques bem sortidos, com variados produtos alimentares e ervas. Achou interessante o setor com venda de carnes e outro setor com venda de variados peixes

No entanto, as duas mulheres aguardavam os serviços do telegrafista, que transmitia recados, a avó Amélia esperava uma resposta correta sobre a bagagem. Nesse meio tempo, as duas mulheres se revezavam nos cuidados com as crianças, presas no quarto do Hotel Malheiros; e, sentado na porta do quarto que dava para a ampla área de circulação, o menino Régio ouvia belas músicas em francês, inglês, italiano, português, que eram trazidas pelo vento que passava pela residência dos moradores vizinhos ao hotel.

Um senhor idoso que sempre passava pela área puxava conversa com o garoto, que perguntava sobre as músicas. Ele, surpreso, respondia que eram canções clássicas, ou de cantores brasileiros como Dalva de Oliveira, Ângela Maria, Cauby Peixoto, Nelson Gonçalves. Assim, o garoto foi ampliando o conhecimento cultural e musical sentado no batente da porta do quarto.

Em outros momentos, o menino ouvia o som do piano. Era alguém que repetia várias vezes a mesma linha melódica. A mãe explicou que possivelmente era alguém estudando piano. O tempo passou, as mulheres foram avisadas de que a bagagem havia chegado. Contudo, em decorrência da demora, o dinheiro ficou curto. As duas mulheres conversaram e chegaram à conclusão de que o dinheiro não dava para pagar a viagem de navio para Fortaleza. Nesse caso, a solução era ficar um tempo em Manaus. Trabalhar e depois resolver o que fariam.

Parte 22

A vida em Manaus na década de 1960: novos desdobramentos na história das duas mulheres e das crianças

Manaus era divulgada como a Paris dos Trópicos, estabelecida nos bons tempos econômicos do ciclo da borracha no fim do século XIX e início do século XX. Era o tempo político e requintado dos barões da borracha, que importavam da Europa produtos e cultura para o deleite das famílias abastadas, habitantes dos pomposos casarões no bairro central da cidade.

Em 1960, o estado do Amazonas era governado por Gilberto Mestrinho. Depois, assumiu o governo o político e historiador manauara, Arthur César Ferreira Reis. Porém, no início da década de 1960, a cidade ainda preservava muitas características urbanas da primeira metade do século XX, com características da Belle Époque. Havia poucos edifícios com muitos andares. Muitas ruas eram calçadas com paralelepípedos, mas fora da área urbana central, eram de chão batido e sem calçadas, com pouca iluminação pública. O edifício do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Empregados de Transportes e Cargas (Iapetc), no fim da Rua Sete de Setembro, era um dos edifícios que chamavam a atenção. Nesse cenário manauara as duas mulheres e as cinco crianças foram recebidas e desfrutaram como moradores.

Próximos do bairro Centro, estavam os bairros Aparecida – que tinha comunicação por catraia (pequeno bote tripulado por uma única pessoa) com o bairro São Raimundo –, os bairros Matinha, São Geraldo, Nossa Senhora das Graças, Praça 14, Cachoeirinha e Educandos. Havia uma catraia que ligava o Educandos ao Centro. Outras áreas descampadas estavam sendo ocupadas também e, aos poucos, foram transformando-se nos bairros de São Francisco, Petrópolis, Raiz, Santa Luzia, Morro da Liberdade, São Lázaro, Crespo.

à escola e sequestrou a garota, matando-a no lugar denominado galpão do Matadouro da Penha, bairro do Rio de Janeiro. Esse crime marcou os pensamentos do garoto naquele segundo semestre de 1960, mas esquecia dessas notícias ao ouvir belas canções que o rádio propagava.

Certo dia, as duas mulheres foram avisadas da chegada do cargueiro da FAB. Foram para o Aeroporto Araújo Neto, onde ouviram a chamada dos passageiros, que começaram a embarcar no cargueiro. As duas mulheres, acompanhadas das cinco crianças – Delzira com o filho Rinaldo no colo, Amélia com a neta Rosanir no colo e Régio segurando a mão de Rosângela e Rossinete –, seguiram em direção ao embarque na pista de pouso, onde o cargueiro da FAB esperava os passageiros.

Ao entrarem no avião, foram acomodados em banco coletivo, paralelo ao corredor livre do imenso avião. Assim, os passageiros ficavam sentados um de frente para o outro e de costas para as janelas. O bebê Rinaldo, agasalhado no colo da mãe, dormiu. A neta Rosanir, um pouco assustada e chorosa, era consolada no colo da avó Amélia. As duas outras meninas, sentadas e também um pouco assustadas, agarravam-se às duas mulheres. O garoto Régio foi acomodado em um assento na frente das duas mulheres. Sentado e protegido com o cinto, procurou um jeito para olhar pela janela o movimento da paisagem. Ficou fascinado com o movimento do avião preparando-se para levantar voo. O garoto estava feliz por estar dentro do avião, lembrava do tempo que ficava no janelão na casa dos Tavares, olhando o pouso e a decolagem dos aviões.

Assim, o garoto observava tudo pela janela, as florestas embaixo e distantes; bem perto estavam as brancas nuvens e uma imensidão de céu azul. Às vezes, olhava as duas mulheres com as crianças adormecidas.

Delzira estava com 26 anos, mas tinha o semblante de uma mulher envelhecida e sofrida. Usava dentes postiços, pois havia perdido os naturais por causa de uma doença nas gengivas. As

O bairro Vila Municipal, que depois foi denominado de Adrianópolis, era próximo do Cemitério São João Batista e do Reservatório do Mocó ou Caixa d'Água de Manaus, em área alta e plana, onde exibia suntuosas residências, chácaras e sítios. A Rua Recife cortava o bairro levando os visitantes para os balneários e clubes recreativos, localizados na região do atual Parque Dez. A Igreja Nossa Senhora de Nazaré, com a praça, era o ponto de encontro dos moradores do bairro e arredores.

Nesse contexto periférico da cidade Amélia e Delzira procuraram uma moradia para alugar. Encontraram uma pequena vila composta por quatro casas geminadas de madeira (casas ligadas umas às outras), com cobertura de telha, de dois andares. No primeiro piso, estava uma sala e cozinha, com jirau (um estrado de madeira usado para lavar louças) com uma única torneira provendo água para a casa. No segundo piso, dois quartos. A casa tinha apenas uma porta, localizada na fachada da frente, com janelas nessa fachada frontal. A família foi alojada na primeira casa da vila.

A casa localizava-se na Rua Dr. Machado, no bairro Praça 14, próximo à Rua Duque de Caxias, onde estava a Maternidade Balbina Mestrinho. Tinha um quintal amplo com tanques para lavagem de roupas e o banheiro coletivo, com separação individual da privada e do banheiro. Na frente da pequena vila de madeira, com fachada para a rua, estava uma casa (sobrado) de adobe e cobertura de telha, que era residência da dona da vila. No piso térreo, havia um pequeno comércio, que, em geral, era administrado pelo filho da dona da vila, um adolescente de nome Arthur. O pequeno comércio era conhecido como Taberna, local de venda de bebidas e variados mantimentos.

As duas mulheres tinham de conseguir trabalho para se manterem com as cinco crianças em Manaus. Assim, Amélia voltou a lavar roupa para prover o pagamento do aluguel e comprar alguns mantimentos. Delzira precisava trabalhar, mas tinham de resolver a situação das cinco crianças.

Assim, receberam ajuda das missionárias da Casa da Criança, localizada na Rua Ramos Ferreira, próxima da Rua Getúlio Vargas. As religiosas receberam as crianças que ficaram semi-internas na Casa da Criança, ou seja, ficavam de segunda-feira à sexta-feira, e no fim de semana eram levadas para permanecerem com as duas mulheres, que as levavam de volta na manhã da segunda-feira bem cedo.

A casa recebia crianças bebês e maiores até os 7 anos. As irmãs religiosas receberam as quatro crianças mais jovens. No semi-internato, as crianças recebiam cuidados médicos, educação, alimentação e lazer. O garoto Régio tinha completado 8 anos no mês de fevereiro (1961). Assim, ele ficou com as duas mulheres.

Delzira conseguiu trabalho de doméstica - cozinhava e arrumava a residência dos patrões -, voltando para casa no início da noite, enquanto Amélia lavava e passava roupa, que era entregue semanalmente na casa das patroas.

Régio foi matriculado no Grupo Escolar Luizinha Nascimento, na atual Avenida Tarumã, na Praça 14, perto da Paróquia Nossa Senhora de Fátima. Estudava pela manhã e frequentava a 1ª série "A-Fraca" com alunos que estavam aprendendo a ler.

Logo a professora percebeu que o menino Régio sabia ler e escrever. Foi indicado para realizar um exame de avaliação e foi aprovado. Passou imediatamente para o 1º ano "A-Forte", em que os alunos sabiam ler, escrever e estudavam tabuada, aprendendo contas de somar e diminuir.

Quando foi aprovado para o 1º ano "A-Forte", não havia vaga no turno matutino, e foi transferido para o período vespertino. A sala tinha alunos mais velhos, e o menino se esforçou para aprender e tirar boas notas. Sentava na fileira da frente, enquanto os alunos maiores ao fundo, nas últimas fileiras, fazendo peraltices e dizendo gracejos baixinho para as meninas. Elas reclamavam, e a professora colocava de castigo alguns desses meninos.

O castigo era palmatória dada nas mãos. A palmatória de madeira, com um furo no meio, deixava marcas vermelhas nas mãos. Outro castigo era os alunos ficarem com os braços abertos perto do quadro negro, ou ficavam de joelhos. Ao observar o bom desempenho de Régio, a professora presenteou o garoto com vários livros infantis, com contos de fadas e outras narrativas, como Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve e os sete anões, A Bela adormecida, Rapunzel, Cinderela, O gato de botas, que o menino lia quase sem parar, fascinado pelas narrativas fantasiosas.

No Grupo Escolar, no período vespertino, Régio encontrou o adolescente Arthur da Taberna pertencente à dona da vila. Ele era um dos estudantes da escola, considerado pelas professoras como preguiçoso ou malandro. Régio percebeu que o jovem adolescente da Taberna fazia parte de uma gangue da rua. Os meninos e adolescentes moradores da rua estavam sempre juntos. Eles participavam de jogos de futebol na rua, ou soltavam pipa, mas também brigavam com outros garotos moradores da redondeza.

Esse comportamento dos garotos e adolescentes se repetia na escola, onde grupos de estudantes eram rivais. Era uma patota com disposição agressiva aos que não pertenciam ao grupo. Régio ignorava o convite do adolescente da Taberna para se juntar ao grupo. Assim, quando o menino caminhava na rua, indo para o Grupo Escolar, devidamente uniformizado, ouvia gracejos da gangue liderada pelo adolescente Arthur.

Régio, no Grupo Escolar, fazia amizade com os poucos garotos que tiravam boas notas e tinham bom comportamento. Uma garota vizinha da vila de madeira, conhecida como Mariazinha, tornou-se amiga de Régio. Ela era filha de um alto funcionário do governo, morava em uma boa residência de tijolos e cobertura de telha, com cerâmica no piso. Tinha irmãos adolescentes que já estavam estudando no ginásio, e não se misturavam com o que eles consideravam meninos da ralé, ou

lado externo, muitas barracas com frutas, farinha, macaxeira, batatas. Muita gente circulando e escolhendo os produtos. Amélia comprava algumas frutas, leite em pó, biscoitos para as crianças.

As ruas circunvizinhas da Miranda Leão tinham muito comércio, mas havia residências também. Em algumas, residiam herdeiros das famílias bem-sucedidas economicamente com a antiga fase da borracha. Nessas ruas circulavam carros, ônibus, carroças puxadas por cavalos, bicicletas e muitas pessoas. Era uma região do centro bem movimentada. Próximo da Rua Miranda Leão, na atual Avenida Floriano Peixoto, estava o belo e moderno prédio do Hotel Amazonas ao lado da Praça Tenreiro Aranha. A cidade era grande e bem diferente da pequena e interiorana Boa Vista.

Quando Régio andou pela Avenida Sete de Setembro e Avenida Eduardo Ribeiro, ficou mais encantado. A arquitetura antiga e suntuosa dos edifícios e residências chamava a atenção. Era tudo amplo, alguns sobrados eram comércio e residências, com belas fachadas arquitetônicas. O garoto imaginava os barões da borracha e sua família, elegantemente vestidos, circulando nesse ambiente pomposo.

Era um pedaço histórico da cidade antiga, que retratava a fase rica dos barões da borracha. As luxuosas residências envelhecidas, mas bem charmosas, com muro baixo e portão com singelo ferrolho impedindo a entrada da rua para o jardim. As ruas, na maioria, eram pavimentadas com pequenos blocos de pedras – paralelepípedos.

Era uma antiga Manaus cheia de charme e sofisticação urbana, que era desconhecida pelo garoto Régio, pois só conhecia a história pobre dos avós, como soldados da borracha, que passaram por Manaus. Agora, percebia como era a vida dos donos da borracha em suas belas residências em Manaus. Muito mais tarde, ele estudou que toda aquela arquitetura era o resultado da Belle Époque no início do século XX, e não do ciclo da borracha da 2ª Guerra Mundial, como imaginou no primeiro momento.

gangues de rua. Os irmãos de Mariazinha eram vistos, pelos meninos da gangue, como os burgueses ou almofadinhas da rua.

Às vezes, Mariazinha chamava o menino Régio para almoçar na casa dela, em especial, quando a avó Amélia saía pela manhã para deixar roupa na residência da patroa, que residia na área central da cidade. Amélia ia andando a pé e voltava de ônibus, com a trouxa de roupa suja e uma sacola com alguns mantimentos e peixe.

Em geral, a casa das patroas ficava na Rua Monsenhor Coutinho, Rua Dez de Julho, Rua Barroso e Rua Saldanha Marinho. Amélia, com a trouxa de roupas engomadas e alguns vestidos em cabides, caminhava pela Rua Dr. Machado até a Rua Major Gabriel, dobrava à esquerda e andava até a Avenida Leonardo Malcher. Seguia por essa avenida até a Avenida Getúlio Vargas; caminhando por essa avenida, chegava à Rua Monsenhor Coutinho, onde entregava a roupa.

Em alguns momentos, o garoto Régio acompanhava a avó Amélia nessa aventura. O menino andava carregando na cabeça uma trouxa menor, com o passo rápido para acompanhar o passo ligeiro da avó. O cansaço da caminhada era esquecido quando o menino olhava para as antigas casas, consideradas belas e luxuosas residências. Enquanto isso, Delzira trabalhava o dia inteiro de doméstica em residência na área urbana central.

A vizinha Mariazinha tinha umas revistas em quadrinhos (Turma do Bolinha, Turma da Mônica, Tio Patinhas, O Pato Donald), que emprestava para o garoto ler. Durante a leitura dos quadrinhos, o garoto percebia que algumas situações das historinhas eram semelhantes ao cotidiano real.

Régio ajudava Mariazinha nas tarefas escolares. Ela elogiava o conhecimento do garoto diante dos pais, que gostavam do pequeno menino. De vez em quando, nos fins de semana, quando todas as crianças estavam na casa de Amélia e Delzira, a mãe de Mariazinha mandava uma panela com sopa para a criançada.

Quase no meio do ano de 1961, em uma tarde de sol, ao caminhar na rua para o Grupo Escolar, o menino sentiu-se seguido por um homem parecido com o pai (Nelson). No entanto, como o homem não se aproximou do menino, foi ignorado, e Régio pensou que fosse apenas semelhança. Em casa, comentou com a mãe e a avó sobre o acontecido. Elas orientaram o garoto para ter cuidado e não conversar nem aceitar nada de estranhos na rua.

Ao transcorrer alguns dias, em uma bela manhã ensolarada, Régio foi chamado por uma vizinha. Ela mostrou ao garoto um senhor que estava na frente da Taberna, que disse ser o pai dele. Ele esperava pelo garoto, mas não podia comunicar-se com a avó sobre ele. O homem tinha informação pela vizinha de que o menino estava só com a avó, que estava no quintal lavando roupas. O garoto lembrou-se do homem que o seguiu e ficou curioso. Foi até a rua.

Ao observar melhor o homem em pé na frente da Taberna, reconheceu o pai. Correu para abraçá-lo e perguntou por que o pai não falou com ele quando o seguiu na rua, no caminho da escola para a casa? Nelson disse que estava indeciso em falar com o filho, tinha de ter certeza do endereço, onde viu o garoto entrar. Nelson comentou com o filho que havia histórias de adultos que o garoto não poderia compreender, mas quando fosse adulto, entenderia. Régio ouvia a justificativa do pai, mas não entendia direito as palavras que não expressavam clareza.

A cena na frente da Taberna foi observada pela vizinha sorridente e pelo adolescente Arthur da Taberna. Régio segurou a mão de Nelson e seguiram andando a pé em direção à Avenida Duque de Caxias, e sumiram. Régio estava muito feliz com a chegada do pai, que levou o menino para o barbeiro, onde o cabelo do garoto foi cortado. Na barbearia, Nelson fazia elogios ao garoto estudioso, comentava com o barbeiro que tinha voltado de viagem e tomava conta da família. Depois da barbearia, almoçaram juntos, e Nelson levou o garoto para passear de ônibus na cidade. Nesse dia, Régio gazeteou a escola.

Enquanto isso, Amélia, ao voltar da lavagem de roupa no quintal, não encontrou o garoto em casa, que estava com a porta aberta. A vizinha alcoviteira, ao perceber a aflição de Amélia, comentou que o garoto tinha saído com o pai. Disse que um homem de nome Nelson chegou e conversou com o menino. Em seguida, saíram em direção à Avenida Duque de Caxias.

Amélia lembrou-se da conversa do menino sobre o homem parecido com o pai que o tinha seguido na rua. Ao anoitecer, quando Delzira chegou do trabalho, encontrou a mãe chorosa, suspeitando que Nelson tinha raptado o garoto. Era uma sexta-feira, e as outras crianças tinham sido trazidas para o fim de semana em casa.

No decorrer dessa aflição, Régio, segurando a mão do pai, chegou ao anoitecer à casa das duas mulheres. Delzira foi logo recebendo Nelson com uma discussão sobre a irresponsabilidade dele em levar o garoto sem autorização. Isso era um rapto, ela poderia dar queixa na polícia. Nelson ficou bravo, pois ele entendia que estava agradando ao filho, que foi afastado do convívio da família dele.

Discutiram, mas depois Nelson se calou e chorou. Comentou entre lágrimas que estava arrependido, que a família não devia ter deixado Boa Vista. Gostaria de mais uma chance, para mostrar que havia mudado. Pediu para conhecer o filho caçula. Delzira subiu até o quarto e trouxe no colo o garoto Rinaldo. Nelson olhou o menino nos braços da mãe, que logo subiu e pôs o menino para dormir.

Não houve entendimento entre os dois, foi pedido pelas duas mulheres que se retirasse e esquecesse o desejo de reconciliação. Ele tinha tido a chance, e não aproveitou, continuou com a vida de boêmio. Agora era tarde, que ele retornasse para Boa Vista e deixasse em paz as mulheres e as crianças. Mais uma vez, o menino, triste, viu Nelson sumir na rua. O episódio foi esquecido. Não se comentou mais sobre a visita de Nelson, que sumiu outra vez.

O verão de julho de 1961 estava forte, era o período de recesso da escola. Régio lembrou que o tempo de chuva em Manaus era diferente de Boa Vista, no mês de julho tinha fortes temporais com trovões e raios. Em alguns momentos, Régio acompanhava a avó Amélia até a casa das patroas, onde ia deixar a roupa limpa e engomada, e trazia a trouxa de roupa suja. A ida era sempre caminhando. Porém, antes de pegar o ônibus de volta, Amélia caminhava até o mercado Adolpho Lisboa para fazer algumas compras.

Régio esperava a avó Amélia vir do mercado sentado em cima da trouxa de roupa, instalado na calçada da Avenida Eduardo Ribeiro, próximo do Relógio e da Praça da Matriz Nossa Senhora da Conceição, onde, em uma pequena rodoviária, ficavam os ônibus que realizavam a viagem de passageiros do centro para os bairros.

Quando a avó Amélia chegava carregando a sacola com as compras, ela e o neto pegavam a trouxa de roupa e se acomodavam no banco traseiro do ônibus. Era uma maneira de não incomodar os passageiros que circulavam no ônibus. Como entravam no ponto final do ônibus, ele estava vazio, e os dois podiam acomodarse no lugar desejado. O menino escolhia o banco junto da janela, para olhar o cenário que o ônibus percorria.

Na residência das patroas, durante o momento de espera da trouxa de roupa suja, Amélia e o neto aguardavam em uma varanda na entrada da casa. Nas casas mais requintadas, havia uma antessala – pequena sala antes da sala principal de recepção da residência –, onde as visitas esperavam. Régio percebeu, pela porta entreaberta de comunicação com a casa, uma imensa sala de jantar com lustre e móveis de bom gosto, que ele não via nas casas vizinhas, onde morava. Percebeu o telefone pendurado na parede onde as pessoas da casa falavam.

Em alguns momentos, crianças curiosas vinham olhar o garoto na varanda ou na antessala. Perguntavam pelo nome e se o garoto frequentava a escola. Assim, o garoto ganhava livros,

revistas em quadrinhos, roupas e sapatos que eram doados pela patroa ao menino. Às vezes, a empregada trazia algum lanche para o menino e Amélia. Os patrões elogiavam a esperteza do garoto e o bom comportamento, sentado ao lado da avó.

Aproveitando o recesso da escola, Régio era levado pela mãe para o trabalho de doméstica. Assim, o garoto foi levado por Delzira a uma suntuosa residência, localizada na Rua Major Gabriel, entre a Avenida Leonardo Malcher e a Rua Ramos Ferreira, e ficou sentado na cozinha. Olhava a mãe preparar a alimentação dos patrões, mas também lia ou desenhava. Isso chamou a atenção da patroa e dos filhos.

Assim, dois garotos filhos da patroa, um pouco maiores que Régio, convidaram o menino para brincar na varanda em frente da casa. Delzira agradeceu, e disse que a patroa não gostaria de ver o filho da empregada circulando na casa e brincando com os filhos dela. A patroa chegou na cozinha e autorizou Régio a acompanhar os filhos na brincadeira na varanda. Da varanda, Régio olhava a beleza do jardim, o gramado, as pequenas árvores floridas e podadas, uma pequena estátua em uma fonte com água jorrando.

Depois das brincadeiras com bolas de gude na varanda, os meninos levaram Régio ao quarto e mostraram prateleiras cheias de brinquedos. Pegaram um carrinho e deram de presente ao menino. Ao voltar para casa, o garoto entusiasmado comentava com a mãe sobre a beleza da casa e dos móveis, dos meninos bem-vestidos e arrumados como se fossem para uma festa. A mãe comentou que eram filhos de ricos, por isso estão sempre de banho tomado, arrumados e calçados como se fossem para uma festa.

Quase no fim do segundo semestre de 1961, Delzira e Amélia mudaram da vila de madeira para outra vila, de adobe e cobertura de telha, localizada na mesma rua, depois da Avenida Castelo Branco em direção à Avenida Carvalho Leal, onde a rua recebia o nome de Avenida Tefé, bairro Cachoeirinha. A

casa tinha um amplo quarto e cozinha. O banheiro era coletivo, semelhante ao da vila de madeira.

Corria o mês de dezembro de 1961. Depois das confraternizações de Natal, as crianças foram dispensadas dos cuidados das religiosas na Casa da Criança. Era o período de recesso e as crianças eram entregues aos responsáveis. Em março do ano seguinte, era feita nova inscrição e seleção das crianças pelas religiosas benfeitoras.

Delzira deixou de ser empregada doméstica e foi trabalhar para uma pequena firma de venda a prestação. Era um comerciante que tinha trabalhadores (prestamistas) que vendiam os produtos oferecendo nas casas, batendo de porta em porta. Vendiam redes, tecidos, louças, conjunto de sofá entre outros produtos domésticos. O valor das prestações divididas sobre o valor total da mercadoria era cobrado semanalmente. Delzira tinha a função de cobrar as prestações. Com uma caderneta, ela batia de porta em porta, recebendo o dinheiro da prestação e entregava ao comerciante.

Realizando esse trabalho, Delzira conheceu várias famílias nos bairros pobres que compravam à prestação e ficavam impressionadas com a história de vida de Delzira, a mãe e as cinco crianças. Nesse percurso, ela encontrou também algumas conhecidas de Boa Vista, que tinham mudado para Manaus. Como dona Erundina, esposa de Custódio, com suas muitas filhas mulheres adolescentes, morando em uma casa de aluguel no Beco do Macêdo. O Beco do Macêdo deu origem ao bairro Nossa Senhora das Graças. Encontrou também Dona Raimunda, que era esposa do cabo Carlos e seu filhos, morando no bairro da Praça 14.

O ano 1962 chegou, e a família das duas mulheres mudou-se novamente de casa. A nova casa de aluguel, construída em adobe e cobertura de palha, estava localizada em um Beco denominado de Vila Mamão. A nova casa tinha sala, dois quartos e cozinha. O banheiro era isolado no fundo do quintal, que era cercado

por arame farpado, com um pequeno portão de madeira. A Vila Mamão iniciava-se quase em frente do Cineteatro Ypiranga, localizado na Avenida Carvalho Leal, bairro Cachoeirinha, um dos maiores cinemas de Manaus, com lugares para pouco mais de 1.500 pessoas. Estava próximo também do Hospital Adriano Jorge.

Na nova morada, o garoto Régio percebeu que estava localizada em um ambiente estranho, com gente de hábitos perversos, que parecia envolvida em um conjunto de bandidos. Existiam também casas de mulheres de programa (prostituição), com circulação de muitas pessoas pelo Beco. Assim, o menino Régio ficava brincando no quintal, não se misturava com os meninos da rua, que pareciam integrantes de gangue.

Após se estabelecerem na nova casa, Amélia recebeu a visita das duas netas mais velhas, filhas de Raimundo e Doralice. Elas ficaram hospedadas com a avó Amélia e a tia Delzira na Vila Mamão. Elas tinham vindo continuar os estudos em Manaus. Eram adolescentes de 14 e 11 anos: Maria de Jesus (Bibi) e Maria Eunice (Nicinha).

Assim, em março de 1962, as quatro crianças menores de Delzira não voltaram para a Casa da Criança. Régio e a irmã Rosângela foram matriculados no curso primário do Grupo Escolar Getúlio Vargas, localizado na esquina da Rua Professor Marciano Armond (continuação da Avenida Carvalho Leal) com a Rua Nunes Melo Cardoso, quase em frente da Avenida Castelo Branco, vizinha do antigo Ginásio Márcio Nery. Eles estudavam pela manhã, e as primas Bibi e Nicinha estudavam o curso primário à tarde no mesmo Grupo Escolar.

Rosângela frequentava o 1º ano “A-Fraco”, Régio foi matriculado no 1º ano “B-Fraco” com a professora Lucila Bacelar, pois no “B-Forte”, os alunos dominavam as contas de dividir e multiplicar. Ele ainda não dominava essas operações da matemática. Nessa escola, Régio tinha dois amigos que disputavam com ele os três primeiros lugares na classe: Simão

Pessoa e Gilmar. Os três estudantes se revezavam entre o primeiro, segundo e terceiro lugar, recebendo elogios e presentes da professora. Régio, Rosângela e Rossinete estudaram parte do primário nessa escola. Régio concluiu o curso primário nela; deixou o Grupo Escolar Getúlio Vargas, em 1966, para prestar o exame de admissão e iniciar o curso ginásial na Escola Estadual Márcio Nery em março de 1967.

Parte 23

A chegada de Doralice e a família: de Boa Vista para Manaus

Em meados de 1962, Amélia, Delzira, as crianças e as duas filhas de Raimundo e Doralice, quando moravam na Vila Mamão, receberam a visita de Doralice, Raimundo e os dois filhos (Maria Rosimar e João Batista), que resolveram morar em Manaus. A família, com muita bagagem, tinha viajado de barco de Boa Vista para Manaus. Doralice tinha algumas complicações de saúde e foi aposentada. Compraram uma casa de madeira coberta com palha, localizada na Rua Sobrinho Maranhão, no bairro São Francisco, próxima da Rua Paraíba em Adrianópolis.

Por motivo de muitas bebedeiras e brigas na vizinhança, meninos na rua dizendo palavrões, Amélia, Delzira e as crianças mudaram-se da Vila Mamão para uma vila de madeira (casa pequena geminada), localizada na Rua Coronel Manuel Corrêa no bairro São Francisco. Era uma rua de chão em uma área de barranco alto, não muito distante do Grupo Escolar Getúlio Vargas, onde Régio e Rosângela continuaram o curso primário.

Transcorria o segundo semestre de 1962. As duas mulheres e as crianças não permaneceram muito tempo nessa vila de casas geminadas. Logo se mudaram para uma pequena casa, próxima dessa citada rua, localizada no que hoje é Alameda João Veiga, bairro São Francisco. Era uma pequena rua de chão, sem saída, em um barranco alto. A pequena rua terminava em um imenso terreno, sem morador, cheio de árvores frutíferas, com uma bica natural, que formava um pequeno igarapé, cortando o terreno da casa de madeira coberta com palha. A casa era a última da pequena rua. Tinha uma sala, quarto e cozinha; o banheiro era fora da casa. A água era fornecida por uma cacimba e usavam também a água do igarapé para banho e lavagem de roupa.

Delzira tinha deixado o trabalho de cobradora de vendas a prestação e trabalhava de noite em um bar próximo do Cinema

Ypiranga como cozinheira e garçonete. Nesse tempo, ela teve contato com o compadre Orlando, de Boa Vista, marido da professora Gertrudes (Tudinha), que passava por Manaus e estava trabalhando temporariamente em oficina mecânica de um setor do Exército.

Em geral, os padrinhos dos filhos de Delzira eram amigos de Nelson. Os mais conhecidos eram o Sr. Antônio e Noêmia Uchoa, padrinhos de Rosângela, e Tudinha era a madrinha de apresentação. Normalmente, os outros padrinhos mudavam-se de Boa Vista e perdiam o contato com os afilhados.

Assim, por meio do contato com Orlando, Delzira foi convidada pelo militar do Exército Paulino da Silva para trabalhar na cozinha da copa do setor do Exército, localizado na Avenida Joaquim Nabuco, entre a Rua Ramos Ferreira e Rua Leonardo Malcher. Era um local de oficina mecânica. Ela aceitou o convite e passou a preparar lanche e café para os militares e trabalhadores civis nesse setor. Foi trabalhando nesse setor do Exército que Paulino e Delzira iniciaram o namoro.

Quando Amélia, Delzira e as crianças mudaram-se para onde hoje é a Alameda João Veiga, sem energia elétrica, era perigoso para Delzira voltar à noite do trabalho. Ela descia do ônibus na Rua Paraíba e tinha de caminhar bastante por ruelas sem iluminação.

Assim, de segunda a sexta-feira, Delzira dormia na casa da irmã, Doralice, na Rua Sobrinho Maranhão, que estava mais próxima da Rua Paraíba. Amélia, com as crianças, recebia Delzira nos fins de semana quando, então, ela ficava com as crianças. Assim, Raimundo e Doralice conheceram primeiro Paulino, que foi levado por Delzira para conhecer a Doralice e os familiares.

Depois, Paulino visitou as crianças e a avó Amélia, e durante a visita, ele comunicou sua decisão e de Delzira de formar uma família. O militar do Exército Paulino tinha a intenção de adotar as cinco crianças e começar uma nova história de vida com Delzira. Era o primeiro semestre de 1963, o garoto Régio

tinha completado 10 anos e cursava o 1º ano “B-Forte” no Grupo Escolar Getúlio Vargas, com as professoras Lucila Bacelar e Rosa. A irmã Rosângela tinha sido aprovada para o 1º ano “A- Forte”. A outra irmã, Rossinete, iniciava o 1º ano “A-Fraco” em que as crianças eram alfabetizadas.

Parte 24

Os pais de Paulino da Silva e características da região onde nasceu

Paulino nasceu no dia 10 de abril de 1935, na região do município de Itaperuna, localizado na Mesorregião do Noroeste Fluminense, estado do Rio de Janeiro, fundado no dia 10 de maio de 1889. Distante 313 quilômetros da capital. Ainda no século XVI, nos primeiros contatos com os Bandeirantes, registrou-se o povo indígena Puri como habitantes da região. Com o processo de colonização portuguesa, essa região recebeu um grande contingente de criadores de bovinos, fazendo surgir muitas fazendas de gado.

Durante o Império do Brasil no século XIX, com o desenvolvimento econômico do café, Itaperuna tornou-se um dos centros da cultura cafeeira. A cidade ganhou destaque não apenas na cultura do gado bovino, mas também com as fazendas de café. Em todas as fazendas, a grande mão de obra era de escravos africanos. Nesse contexto territorial, a região de Itaperuna é banhada pelas águas dos rios Carangola e Muriaé, que tem conexão com o rio Paraíba do Sul.

Assim, nessa região nasceu Paulino, um dos filhos mais jovens de Theodomiro Paulino da Silva e Maria Francisca da Silva. Theodomiro também nasceu nessa região em 1898 e Maria Francisca em 1904. Em julho de 1923, ele estava com 25 anos e Francisca com 19 anos quando contraíram núpcias. O casamento foi celebrado entre os familiares e amigos em Itaperuna. Não temos respostas claras para explicar por que o filho herdou somente o sobrenome (Paulino da Silva), sem constar no registro um primeiro nome próprio.

Sendo originários dessa região, os pais de Paulino moravam com os filhos na fazenda de propriedade do próprio Theodomiro, que dividia a gestão da fazenda com dois irmãos. Dona Francisca

cuidava das atividades domésticas e dos filhos. Apesar de serem proprietários da fazenda de gado, ele e Francisca eram pessoas de hábitos simples e trabalhadores. Legado que ensinavam aos filhos.

Antes de ser fazendeiro, Theodomiro prestou serviço militar no Exército de Cavalaria no Rio de Janeiro. Lugar onde se destacou nas funções militares, ganhando prestígio. Depois que deixou o Exército, ele montou a fazenda próxima das margens do rio Muriaé. Além da fazenda de gado, Theodomiro fornecia lenha para a Leopoldina Railway, que cortava a região. O trem funcionava com lenha como combustível.

Theodomiro era responsável pela travessia da madeira pelo rio Muriaé para a margem oposta da fazenda, onde passava a linha ferroviária, ligando ao centro do Rio de Janeiro. Ele era conhecido na região como excelente nadador, mas em uma das travessias, transportando lenha para o outro lado do rio Muriaé, morreu afogado. O acidente fatal ocorreu por volta de 1939-1940 quando Paulino tinha aproximadamente 5 anos de idade.

Parte 25

A viúva Francisca, os filhos e a fazenda

Sem compreender o mundo dos negócios e a administração da fazenda, a viúva Dona Francisca, com 36 anos, continuou nas tarefas domésticas e cuidando dos filhos menores. Os dois cunhados, irmãos de Theodomiro, conduziram os negócios da fazenda sem dar atenção ou satisfação à viúva Francisca nem aos filhos maiores. Para Dona Francisca, era uma situação natural, pois ela entendia que os negócios administrativos e econômicos eram atividades masculinas, só os homens exerciam tais ações.

Entretanto, ao transcorrerem uns quatro anos dessa situação, a viúva Francisca foi procurada por um oficial de justiça. Ele trouxe a documentação que demonstrava o não pagamento de impostos da propriedade, cuja soma já mostrava uma dívida grande. Ela foi mostrar a documentação aos cunhados administradores dos negócios da fazenda. Os dois cunhados, responsáveis pela administração da fazenda, desapareceram da região. A viúva, sem compreender a situação administrativa dos negócios da fazenda, não soube resolver o pagamento da dívida dos impostos. Ficou com a dívida e uma fazenda falida, pois não tinha condições financeiras para pagar tal conta, desconhecida por ela.

Sem clareza dos trâmites jurídicos e econômicos do processo, ela acompanhou o desenrolar do caso na Justiça. Ao fim da ação judicial, o juiz decretou o leilão da fazenda. Depois de Francisca perder a propriedade no leilão, o novo proprietário da fazenda percebeu que ela e os filhos haviam sido enganados pelos cunhados, que fugiram. Por isso, ele cedeu uma parte da terra para que a viúva Francisca e os filhos administrassem, em favor próprio, enquanto ela tivesse vida. Assim, com o auxílio dos filhos, a viúva plantou e sobreviveu da agricultura familiar.

Nesse meio tempo, os filhos maiores de Dona Francisca foram deixando Itaperuna e se dirigiram à cidade do Rio de

Parte 26

Paulino na capital Rio de Janeiro: o Exército e o primeiro casamento

Ao chegar ao Rio de Janeiro, Paulino conseguiu trabalho no setor da indústria como auxiliar de mecânico. No entanto, como bom observador e aprendiz, ele logo dominou a função da mecânica, desenvolvendo habilidades e conhecimento técnico. Assim, em pouco tempo, chegou a exercer a função de chefe da equipe de mecânicos no setor.

Tal função deu destaque a Paulino quando foi apresentar-se para o alistamento militar no Exército na primeira metade dos anos 1950. Ao entrar no serviço militar, Paulino despediu-se da empresa, ficando em aberto a vaga de mecânico. O patrão gostou muito do serviço dele, e confirmou a Paulino que sua vaga estava esperando até ele concluir o tempo no Exército. A Empresa Industrial tinha orgulho do funcionário e gostaria que ele continuasse no trabalho de mecânica.

Nesse tempo, servindo o Exército no Comando de Santa Cruz, Paulino conheceu a jovem Neusa Maria e logo casaram na segunda metade da década de 1950. Não era permitido soldado casar, então, o casamento foi escondido do Exército. Paulino não podia declarar ao Comando do Exército que era casado. O tempo foi passando, e no fim do compromisso militar, Paulino foi chamado pelo comandante para uma conversa. A conversa foi sobre o engajamento do jovem soldado nas Forças Armadas, como instituições nacionais permanentes e regulares. Instituição bem diferente das empresas dos “portugueses” ou os civis comerciantes, que não dão segurança na carreira como o Exército proporciona a seus soldados. Essas foram as palavras do comandante a Paulino.

Paulino, com sentimento de pertencimento ao Exército brasileiro, voluntariamente prosseguiu no serviço militar, para descontentamento da esposa, Neusa Maria. Ela acreditava que o

futuro do marido estava na Empresa Industrial, não no Exército. Paulino foi promovido a cabo e destacado para um curso para promoção a sargento. Ao fim do curso, Paulino ficou na melhor classificação do Rio de Janeiro, mas a promoção não saiu.

No decorrer dos anos finais de 1950, Paulino e Neusa Maria tiveram duas filhas: Sonia Maria e Neusa Maria (Neusinha), porém o casamento começou a ter conflitos, porque Neusa Maria não aceitava que o marido continuasse na carreira militar. Nesse ínterim, em 1960, quando o Brasil elaborou uma política de segurança para fiscalizar a Amazônia, o cabo Paulino foi destacado para Manaus, capital do estado do Amazonas. Neusa Maria, com duas meninas pequenas, não se sentiu segura para acompanhar o marido militar. Ela repetia que desejava que ele deixasse o Exército e voltasse para o serviço de mecânico na indústria, onde ele teria melhor carreira profissional e econômica.

Paulino viajou para Manaus com um destacamento militar. Prometeu voltar e levar a mulher e as meninas para Manaus. Em Santa Cruz, Neusa Maria ficou com as duas filhas pequenas e foi morar com a mãe, que estava viúva. Ela ficava assustada com as histórias que ouvia sobre Manaus. Na sua opinião, o Amazonas era um lugar distante, onde havia muitos mosquitos, cobras e jacarés pelas ruas, onde índios com arco e flecha também caminhavam afrontando os moradores.

Em Manaus, Paulino teve um intervalo no Exército e voltou ao Rio de Janeiro. Ao chegar a Santa Cruz, conversou com Neusa Maria sobre a nova morada em Manaus, Amazonas. Assustada com as notícias que ouvia sobre Manaus, Neusa Maria recusou-se a seguir o marido militar. Paulino explicou que Manaus não era a cidade imaginada pela esposa. Ele acreditava que Manaus seria bom para recomeçar a vida com Neusa Maria e as duas filhas pequenas. Entretanto, Neusa Maria desistiu de salvar o casamento e decidiu não acompanhar o marido para Manaus. Ao concordar com a decisão de Neusa Maria, Paulino confirmou o fim do casamento. Triste com a decisão, ele retornou ao Exército em Manaus, retomando um novo caminho em sua história de vida.

Parte 27

Paulino da Silva e Delzira Gomes Bezerra iniciaram outro ramo da família: os Gomes da Silva

Transcorria o ano de 1963. Amélia continuava lavando roupas e residindo com as cinco crianças na pequena casa de madeira e telhado de palha, localizada no que hoje é Alameda João Veiga, bairro São Francisco. Delzira trabalhava no setor do Exército, localizado na Avenida Joaquim Nabuco. O garoto Régio e as irmãs Rosângela e Rossinete estudavam no Grupo Escolar Getúlio Vargas. As três crianças, uniformizadas, seguiam andando a pé de casa até a escola.

No caminho para a escola, as crianças eram acompanhadas pelo filho da vizinha que também estudava no Grupo Escolar Getúlio Vargas. O garoto Régio percebeu que o menino vizinho tinha um lado do pé calçado com a meia branca e o outro pé, descalço, amarrado com uma pequena tira de pano, como se fosse um curativo. Régio perguntou se ele tinha cortado o pé. O menino disse que não. Era um segredo, mas ele ia contar, e pediu que Régio não comentasse com ninguém.

O vizinho tinha apenas um par de sapatos, que não era de boa qualidade, para usar o ano inteiro na escola. O sapato aguentava apenas seis meses. Assim, ele usava um lado do sapato por um semestre, e no semestre seguinte, ele trocava o pé. Para a professora, ele explicava que estava com o pé machucado.

É claro que a professora entendia que aquilo era um artifício, e o menino frequentava as aulas uniformizado. Era proibido frequentar a aula se o uniforme não estivesse completo. Régio não se preocupava com isso, pois o sapato que usava era de boa qualidade apesar de ser de segunda mão. O sapato era do filho da patroa, e foi doado pela patroa da avó Amélia.

Ressaltamos que no setor do Exército onde Delzira trabalhava estava trabalhando também o cabo do Exército

Paulino da Silva, que havia chegado do Rio de Janeiro no início dos anos 1960. Conforme comentado anteriormente, Paulino tinha sido transferido da sede do Exército em Santa Cruz (Rio de Janeiro), para o Comando do Exército em Manaus. Em Manaus, ele foi destacado para o setor de Oficina Mecânica do Exército na Avenida Joaquim Nabuco.

Nesse ínterim, Paulino e Delzira iniciaram o namoro. No decorrer do segundo semestre de 1963, foi anunciada a gravidez de Delzira. Assim, o casal Paulino e Delzira assumiu o compromisso de casamento e constituiu uma família. Delzira deixou o emprego na cantina do setor do Exército. O casal foi residir em uma pequena casa alugada no bairro Beco do Macêdo, atual bairro Nossa Senhora das Graças. A vila era vizinha à casa da amiga de Boa Vista, Dona Erundina, e as filhas.

A vila era de madeira, com aproximadamente quatro casas geminadas. A casa tinha sala, quarto e cozinha, com banheiro coletivo no quintal cheio de árvores frutíferas. Na parte da frente da casa, havia uma pequena cerca de madeira, com portão individual para cada casa. Localizava-se no denominado Beco do Macêdo, na Rua Pico das Águas, nas proximidades da área denominada de Seringal Mirim (Avenida Djalma Batista) e do Cemitério São João Batista.

Para residir nesse pequeno espaço no Beco do Macêdo, Delzira levou os três filhos menores: Rossinete (7 anos), Rosanir (5 anos) e Rinaldo (4 anos). Os dois mais velhos (Régio, 10 anos, e Rosângela, 8 anos) ficaram morando com avó Amélia na casa perto da bica com o igarapé, bairro São Francisco, Alameda João Veiga. Paulino, no Comando do Exército, havia assinado um documento no qual adotava as cinco crianças, cumprindo, assim, sua intenção inicial. O registro de nascimento das crianças não foi alterado, apenas foi acrescentado um documento com registro de reconhecimento legal de adoção por Paulino da Silva.

As chuvas de inverno manauara castigavam a cidade no início do ano 1964. Régio e Rosângela continuavam estudando o

curso primário no Grupo Escolar Getúlio Vargas. Régio com 11 anos estava aprovado para o 2º ano primário e Rosângela (9 anos) continuava no 1º ano. Contudo, nesse período, a Secretaria de Educação realizou uma alteração no curso primário. Eliminaram as quatro séries iniciais (1º ano “A-Fraco”, “A-Forte”, “B-Fraco”, “B-Forte”), unificando tudo em apenas 1º ano. O 1º ano C foi eliminado. Assim, o aluno cursaria o 1º ano, passando para o 2º ano logo em seguida. Nesse caso, Régio pulou o 1º ano C e foi para o 2º ano.

Rosângela, que tinha cursado o 1º ano “A-Forte”, precisava dominar mais conteúdos e permaneceu no 1º ano. No 2º ano, por ter maior número de alunos, Régio continuava aluno da professora Lucila Bacelar, mas havia também a professora Rosa, que, juntas, ministravam as aulas para a turma. Enquanto isso, Rossinete e Rosanir foram matriculadas em um Grupo Escolar no bairro Beco do Macêdo. Rossinete no 1º ano e Rosanir na pré-escola – um preparatório de alfabetização antes do 1º ano.

Em 1964, no início do ano letivo, houve uma pequena paralisação das aulas. O Brasil entrava em novo regime de governo. Havia muitas manifestações, conflitos socioculturais e políticos em várias cidades do Brasil. Manaus apresentou algumas manifestações, mas a rotina se normalizou, e as aulas foram retomadas sem problema. As músicas dos Beatles, de Elvis Presley, da Jovem Guarda passaram a animar os fins de semana dos jovens manauaras na década de 1960.

O casal Raimundo e Doralice continuava residindo na Rua Sobrinho Maranhão, e os filhos estavam matriculados no curso primário. Contudo, não havia muito esforço por parte deles, que acabavam repetindo o ano. O filho João Batista não conseguia aprender a ler e escrever, estava sempre frequentando a série inicial. Isso desestimulou o garoto, que se divertia com brincadeiras com os meninos da rua, faltando às aulas.

Quanto ao casal Paulino e Delzira, ainda no início de 1964, no dia 29 de fevereiro (ano bissexto), nasceu a primeira filha, que

Janeiro. Lá encontraram alguns familiares de Theodomiro e também de Dona Francisca, que tinham ido residir na capital, Rio de Janeiro. Como um dos caçulas da turma, Paulino ficou em Itaperuna ajudando a mãe na agricultura, e estudava em uma escola no centro de Itaperuna, bem longe do lugar onde morava. Ele fazia longas caminhadas entre a escola e a casa interiorana. Na adolescência, Paulino convenceu a mãe a se mudarem para o Rio de Janeiro, onde residiam os irmãos, os primos e a tia Maria, viúva de um dos irmãos de Dona Francisca. Tia Maria morava em um bairro de nome Bangu na zona oeste do Rio de Janeiro.

recebeu o nome de Rosemary Gomes da Silva. A menina nasceu em casa, com ajuda de uma parteira. Passado um mês, ela sofreu uma infecção provocada pelo corte do umbigo, que não havia sarado. A infecção generalizou-se, e a criança faleceu. Foi um momento muito triste para a família. O enterro foi no Cemitério São João Batista.

Nos fins de semana, Régio e Rosângela caminhavam até a vila no Beco do Macêdo para ficar com Delzira, Paulino e as crianças. Em alguns fins de semana, as três crianças menores eram levadas para a casa da avó Amélia. Na casa simples da avó Amélia, o quintal era grande, com árvores e o pequeno igarapé para diversão. Depois, a avó Amélia, acompanhada das crianças, caminhava até o Beco do Macêdo para levar as crianças menores de volta à casa de Delzira.

A rotina da família seguiu sem novidades, contudo, nas confraternizações de fim de ano, anunciaram que Delzira estava grávida novamente. Um novo filho estaria chegando em 1965.

Parte 28

O retorno de José Nelson a Manaus: o encontro com a nova família

Corriam os anos da década de 1960. Em Manaus ou em Boa Vista, a família de Delzira ou a família de Nelson quase nada sabia sobre o que ocorria entre as duas famílias, mas soube-se que as irmãs Angélica e Etelvina residiam na Venezuela na área de garimpo no estado de Bolívar. O irmão Nelson sempre visitava as irmãs na Venezuela. O irmão Barrigola (Otávio) estava em Manaus, onde casou com uma jovem nascida em São Paulo de Olivença (em 1938), município do interior do estado do Amazonas. A celebração do casamento foi na Paróquia Nossa Senhora Aparecida (Manaus) em 1961, e a jovem assumiu o nome de Francisca Figueiredo de Oliveira.

No início do ano 1965, Etelvina e o irmão Nelson regressaram da Venezuela para Boa Vista. Em seguida, ambos foram para Manaus. Lá, visitaram o pai, João Lídio, que vivia com a nova família em uma humilde residência. Os dois irmãos informaram à família em Boa Vista que João Lídio estava muito doente. Assim, entre o fim de 1967 e início de 1968, João Lídio faleceu em Manaus.

Entretanto, em um belo fim de tarde do primeiro semestre de 1965, no Grupo Escolar Getúlio Vargas, o sino tocou e anunciou o fim das aulas. Após o sinal, Régio, acompanhado da irmã Rosângela, caminhava em direção ao portão de saída no meio das muitas crianças que deixavam a escola. Muitos pais esperavam as crianças próximos do portão. Régio já era acostumado a ir sozinho com a irmã para a casa da avó Amélia na conhecida rua da bica (Alameda João Veiga).

De repente, ao levantar os olhos para o portão, Régio - dentre os pais que esperavam os filhos - reconheceu Nelson, em pé, observando as crianças que passavam pelo portão.

Imediatamente, Régio segurou na mão de Rosângela e disse que ela não fizesse perguntas, mas tinham de sair correndo para casa. Rosângela, sem entender nada, corria reclamando que não via nada para estarem fugindo. Ela perguntava ao irmão o que aconteceu. Régio ficava calado, corria puxando a irmã pela mão.

As duas crianças correram até sumirem na esquina da rua, que dava seguimento por outra rua, que conduzia para a casa da avó Amélia. Régio olhou para trás e não viu Nelson. Cansados, diminuíram o passo. Rosângela perguntou novamente: o que aconteceu? Por que nós corremos? Régio disse que tinha um homem os seguindo. Ela respondeu que não viu ninguém. Seguiram caminhando para a casa da avó. Lá, Régio contou o episódio à avó Amélia.

Passados aproximadamente 30 minutos, bateram palmas na porta da casa. Amélia foi atender. Ao abrir a porta, viu Nelson, que queria ver as crianças e conversar. Régio e Rosângela foram para perto da avó. O pai pediu um abraço do filho, que se recusou a abraçá-lo. Régio entendeu que agora o pai pertencia a outra família. A família que Nelson constituiu e abandonou havia terminado naquela visita que ele fez na Praça 14. Momento em que Régio ficou magoado por ele não cumprir tudo o que tinha prometido fazer enquanto conversava com o barbeiro que estava cortando o cabelo de Régio.

Nelson chorou novamente, comentou que estava arrependido e gostaria de ver todas as crianças. Soube que Delzira havia casado e o novo marido tinha modificado o registro dos filhos. Assim, os filhos esqueceriam quem era o pai verdadeiro. Amélia retrucou dizendo não ser verdade. Paulino fez um documento de adoção das crianças, mas não alterou o registro de nascimento, que continuava com o nome dos pais biológicos.

Conversando com Nelson, Amélia argumentou para ele esquecer essa história de reconciliação, pois o tempo passou, e não tinha volta. Ele disse que queria ajudar e acompanhar o crescimento dos filhos. Amélia respondeu que ele poderia

ajudar financeiramente, pois as crianças necessitavam de ajuda para continuar os estudos. Depois de muita conversa sem muito objetivo, Nelson despediu-se e sumiu.

Pouco tempo depois desse acontecimento, Delzira comentou com Amélia que o juiz a havia convocado ela e Paulino para um acordo com Nelson no Tribunal de Justiça. Atento à conversa das duas mulheres, Régio pediu para acompanhar a mãe, que autorizou. Na data determinada pelo juiz, Régio, bem arrumado com as roupas doadas pela patroa da avó Amélia, foi com Paulino e Delzira ao Tribunal de Justiça, atrás do Teatro Amazonas na Avenida Eduardo Ribeiro.

Em seguida, o juiz solicitou a entrada de Nelson, que se posicionou perto dos três participantes da audiência. Em determinado momento, o juiz deu a palavra a Nelson, o qual disse que gostaria de reconciliar-se com Delzira e ter de volta as crianças. No entanto, entendia que essa situação não seria possível, e Nelson desistiu da solicitação e comentou que Delzira poderia seguir sua história de vida com o novo marido e os filhos. O juiz disse que isso já estava determinado, e gostaria de saber a confirmação da pensão para as crianças, filhos de Nelson.

Então Nelson disse que estava desempregado, não tinha condições financeiras para assumir uma pensão para os filhos. O juiz expressou, com certa surpresa, o fato de Nelson desejar ter uma família, mas sem emprego? Nelson comentou que tinha trabalho provisório, mas não dava para pagar pensão. Além disso, o pai adotivo das crianças tinha emprego e salário fixo e poderia assumir todas as despesas.

Régio, que ouviu tudo em silêncio, presenciou o fim da audiência, que decidiu que Nelson não tinha emprego e não tinha como pagar pensão. Assim, ele foi liberado pelo juiz sem sanção jurídica. Antes de sair da sala, Régio ainda conseguiu comentar com o pai que, se ele não tivesse dinheiro para todas as crianças, pelo menos conseguisse para ele, porque gostaria de continuar os estudos. Nelson respondeu que não era problema dele, agora ele tinha de pedir ao pai adotivo, e sumiu pelos corredores.

Triste com o desenrolar do encontro no Tribunal de Justiça, Régio acompanhou a mãe de volta para casa. Além da tristeza, o garoto estava desapontado com o comportamento de Nelson. O garoto pensava: como ele pôde dizer que gostaria de ajudar as crianças, e depois afirmar que elas não eram problema dele!? Após esse encontro no Tribunal de Justiça, não tiveram mais nenhuma informação nem encontro com Nelson em Manaus. Uma coisa intrigava o menino: era imaginar quem poderia ser o informante de Nelson em Boa Vista ou Manaus que transmitia informações sobre a vida deles em Manaus.

Parte 29

Retomada da rotina e a chegada do novo bebê de Paulino e Delzira

As férias do meio do ano se aproximavam. As festas juninas na escola e nas ruas eram anunciadas: quadrilhas e bois-bumbás. No dia 13 de junho de 1965, nasceu, na maternidade de Manaus, o filho do casal Paulino e Delzira, que recebeu o nome de Antônio Ranieri Gomes da Silva. O casal ainda morava na vila de casas geminadas no Beco do Macêdo. Rosângela foi morar com a mãe, para ajudar no cuidado das crianças, pois agora Delzira teria o resguardo e o bebê para dar mais atenção. Régio ficou morando com a avó Amélia e estudando no Grupo Escolar Getúlio Vargas, agora na 3ª série do curso primário.

Destaco uma curiosidade para o nome de Antônio Ranieri. O nome Ranieri foi escolhido por Paulino em homenagem ao ex-presidente Ranieri Mazzilli, que tinha ocupado a Presidência do Brasil na década de 1960. Para Delzira, o importante era começar com a letra “R”. No entanto, na hora do batizado na Igreja Nossa Senhora das Graças, o padre disse que o menino havia nascido no dia de Santo Antônio, assim era importante homenagear o nome do Santo. Para atender as duas sugestões, Paulino e Delzira batizaram o bebê com o nome de Antônio Ranieri. O nome Antônio era também o do pai de Delzira.

Rosângela ajudava nas tarefas domésticas e no cuidado com as crianças. Nos fins de semana, Régio e a avó Amélia caminhavam até a vila no Beco do Macêdo, para desfrutar o momento em família. Às vezes, levavam todas as crianças para o fim de semana na denominada rua da bica (Alameda João Veiga), na casa da Avó Amélia, conforme já relatado. As três meninas e o garoto Rinaldo estudavam no Grupo Escolar do bairro Beco do Macêdo.

Chegou 1966. Paulino havia comprado um terreno, que foi transformado em um sítio na Rua do Curre, que chamavam

também de Travessa Belo Horizonte. Hoje, é a Rua Severiano Nunes, que liga a Rua Belo Horizonte à Rua Gabriel Gonçalves, todas na área entre o bairro Adrianópolis em direção ao bairro Aleixo.

Na época, a mal traçada rua de chão, denominada Curre, cortava uma área de igarapé com floresta. Às margens do imenso igarapé, estavam árvores de médio porte e buritizais. O igarapé corria também por dentro do terreno do sítio, seguindo em direção ao fim da Rua Belo Horizonte com a Rua Paraíba.

A essa área, começou a chegar famílias imigrantes do interior amazônico, que ouviam conversas sobre um projeto do governo em Manaus, que estava elaborando a implantação de fábricas de aparelhos eletrônicos em Manaus, e iam precisar de muita gente para os variados serviços nas fábricas (Zona Franca).

Nesse lugar Paulino, com muito esforço, construiu uma pequena casa de madeira coberta de palha. Era uma forma de sair do aluguel e economizar dinheiro para construir uma casa maior para a família no bairro Adrianópolis. Assim, a família deixou a vila no bairro Beco do Macêdo e passou a morar na pequena casa, com sala, quarto e cozinha. O banheiro (privada) era fora da casa. O banho era no igarapé, onde lavavam roupa. Não havia água nem luz na área. A água para o consumo era retirada do igarapé bem cedo da manhã. Depois de alguns meses, começaram a colocar os postes de luz na pequena rua de chão.

Nessa mudança houve nova redistribuição das crianças. Amélia também tinha mudado de casa e morava em uma casa de aluguel, perto da casa de Doralice e Raimundo na Rua Sobrinho Maranhão, próxima de um igarapé. Nesse local do igarapé moravam os parentes de um jovem cearense de nome Joaci, que iniciou um namoro com Maria de Jesus (Bibi). Amélia ficou com as três meninas e o neto Rinaldo. O garoto Régio e o irmão Ranieri ficaram com Delzira e Paulino na pequena casa do sítio. As meninas frequentavam juntas as aulas em um Grupo Escolar no bairro São Francisco. Régio continuava com as aulas

no Grupo Escolar Getúlio Vargas e caminhava de casa até a escola na Cachoeirinha.

Nesse ínterim, o currículo do curso primário sofreu nova alteração pela Secretaria de Educação. O curso primário era do 1º ano ao 6º ano. Foi retirado o 6º ano. O curso ficou reduzido, do 1º ano ao 5º ano. No entanto, no fim do ano de 1966, os alunos que estavam concluindo a 4ª série do curso primário estavam autorizados a realizar o exame de admissão para ingressar no ginásio.

Durante a reunião dos pais no Grupo Escolar, a professora Lucila Bacelar conversou com Delzira e elogiou o desempenho do estudante Reginaldo. Disse que o garoto tinha condições de fazer o exame de admissão para o curso ginasial. Delzira comentou que já ficaria feliz se o filho concluísse o curso primário, e a professora reforçou que o garoto tinha chances de cursar o ginasial.

Outra professora que conhecia Reginaldo entrou na conversa e disse que se a mãe autorizasse o menino fazer o exame de admissão, ela lhe daria algumas aulas de redação e reforçaria o ensino de gramática. A professora lecionava português e ministrava aulas particulares também. O menino, que acompanhava a conversa atento, pediu para a mãe deixar. Caso não passasse no exame de admissão, cursaria a 5ª série do primário.

Delzira autorizou, e Régio começou a se esforçar para o exame de admissão no fim de 1966. Nesse tempo, foi anunciada a gravidez de Delzira. Outro filho estaria chegando para o casal Paulino e Delzira, e Régio percebeu que a mãe não estava muito contente.

Depois, ele ouviu uma conversa de Delzira com avó Amélia sobre a chegada de uma carta da primeira esposa de Paulino, Neusa, com foto das duas filhas, que estavam morando em Santa Cruz, Rio de Janeiro. Paulino tinha comentado com Delzira que aquele casamento estava acabado, essa carta não mudaria a relação dos dois, mas Delzira estava preocupada, porque na

carta a ex-esposa não aceitava o divórcio e solicitava o retorno de Paulino para o Rio de Janeiro.

O adolescente Régio (13 anos) ficou surpreso ao descobrir que Paulino tinha tido um primeiro casamento e tinha duas filhas no Rio de Janeiro. Isso significava que Régio tinha duas irmãs na terra que ele imaginava ser da “Fera da Penha”. O adolescente não ficou quieto, e em uma oportunidade, só com a mãe, fez perguntas para entender essa história do primeiro casamento de Paulino.

Delzira comentou com o filho que, quando conheceu Paulino, ele havia informado que vinha de um casamento desfeito em 1960, causado por sua transferência para Manaus. Ao chegar a Manaus e se estabelecido no Exército, Paulino voltou ao Rio de Janeiro para trazer a esposa e as duas filhas para Manaus.

No entanto, como já comentado, Neusa Maria recusou-se a acompanhar Paulino, confirmando que não viria para o Amazonas. Delzira contou que Neusa Maria tinha pedido a Paulino que deixasse o Exército e retornasse para o Rio de Janeiro. Ao comentar esse assunto com Delzira, Paulino disse que tinha obrigações e comprometimento com o Exército, desse modo não podia abandonar o serviço militar, e voltou para Manaus.

O casamento com Neusa Maria foi desfeito, e ela continuou morando em Santa Cruz com a mãe e as duas filhas. Paulino disse a Delzira que providenciaria o divórcio. No entanto, na carta era anunciada a não aceitação do divórcio por Neusa Maria.

Régio teve acesso à carta com as fotografias de Sonia e Neusinha, onde a Sra. Neusa Maria dizia que as filhas gostariam de ver o pai. Nesse sentido, Neusa Maria pedia que Paulino voltasse para elas no Rio de Janeiro e abandonasse a vida no Exército em Manaus.

Porém, Paulino ignorou o pedido de Neusa Maria, pois ele tinha certeza de que o casamento havia acabado. No entanto, ele pagava pensão para as meninas, que moravam no Rio de Janeiro. Régio olhou as fotos das duas meninas e, sem a mãe perceber,

anotou o endereço no caderno de estudos. O episódio ficou no esquecimento e não foi mais comentado.

Nesse meio tempo, Régio prestou o exame de admissão e ficou feliz por ter sido aprovado. Agora, em vez de cursar a 5ª série do primário, ele iniciaria o curso ginásial com os jovens adolescentes. Usaria pela primeira vez calça comprida, pois o uniforme do Grupo Escolar era calça curta. Conseguiu avançar nos estudos, enquanto as primas, filhas de Doralice e Raimundo, continuavam cursando o primário.

Com a gravidez de Delzira, Paulino iniciou a construção de uma casa na frente da pequena casa com cobertura de palha. Era uma casa maior, com estrutura em madeira e cobertura de telha Brasilit ou de amianto. A intenção era trazer Amélia com as crianças para morarem todos juntos no sítio, sem pagar aluguel.

Chegou o ano 1967. Paulino trabalhava nas horas vagas com ajudantes temporários na construção da casa. Régio iniciou o curso ginásial aos 14 anos. Os alunos, em grande parte, eram jovens entre 16 e 19 anos, mas havia um pequeno grupo na faixa dos 14 e 15 anos. Paralelamente ao curso ginásial, Régio começou a estudar datilografia, a velha técnica de escrever à máquina, para conseguir trabalhar e ajudar nas finanças em casa.

No transcorrer dos dias, Paulino conseguiu concluir a cozinha e dois quartos da nova casa; ainda faltava concluir mais um quarto, sala e uma varanda – parte da frente da casa.

No dia 24 de agosto de 1967, nasceu na maternidade de Manaus o filho caçula do casal Paulino e Delzira. Recebeu o nome de Paulo Richard Gomes da Silva. Outra curiosidade sobre o nome composto do caçula; seguindo a letra “R”, foi escolhido o nome Richard em lembrança do político norte-americano Richard Nixon, que foi senador, vice-presidente (1953-1961) e presidente (1969-1974) dos Estados Unidos. Paulo, em referência ao diminutivo Paulino. Assim, foi registrado Paulo Richard.

Paulino e Delzira haviam-se mudado para a parte de trás da nova casa, que estava quase pronta (concluído dois quartos

e cozinha). Assim, trouxeram Amélia com as crianças para morarem no sítio. A avó Amélia ficou na pequena casa coberta de palha. As crianças ficaram divididas entre as duas casas.

No entanto, surgiu um projeto de expansão dos pelotões do Exército na região de fronteiras na Amazônia Brasileira. Desse modo, na virada de 1967 para 1968, atendendo ao projeto de expansão militar, Paulino foi convocado para servir temporariamente em Tabatinga, fronteira do Brasil com a Colômbia, na cidade de Letícia. Delzira, os filhos e a avó Amélia, que continuava lavando roupas, ficaram no sítio.

Antes de findar o primeiro semestre de 1968, Paulino retornou de Tabatinga para Manaus, para alegria da família. Porém, nova convocação foi feita, e Paulino foi enviado para Boa Vista, Território Federal de Roraima, com um pelotão do 6º Batalhão de Engenharia e Construção (BEC) no início de 1969. A fronteira do Brasil com a ex-Guiana Britânica estava em conflito armado com a denominada Revolta do Rupununi. Nesse caso, o Exército brasileiro necessitava ampliar e fortalecer a presença militar nessa fronteira conflituosa, que tinha participação militar da Venezuela em apoio aos rebeldes do Rupununi.

Ao chegar a Boa Vista, Paulino fez parte das equipes de militares que faziam revista na fronteira. Depois, começou a trabalhar com máquinas pesadas (trator e escavadeiras) na preparação da BR-174 entre Mucajaí e Caracarái. Em seguida, foi para a área em direção ao Jundiá – antigo assentamento do Inca. O trabalho, que seria temporário, tornou-se permanente. Assim, sem poder voltar para Manaus, conversou com Delzira para ela e as crianças viajarem para Boa Vista. Delzira não pretendia voltar para Boa Vista. Relutou, mas diante da permanência do marido em Boa Vista, não teve escolha e retornou para a capital.

Parte 30

Delzira e o retorno para Boa Vista como família militar do 6º BEC

Paulino, carioca, fazia parte do contingente militar imigrante que chegou com o 6º BEC a Boa Vista. Ao chegar a Boa Vista, ficou alojado no próprio quartel. Havia casas alugadas para alguns militares que tinham trazido a esposa embora já se houvesse iniciado a construção de vilas militares com residências para o novo contingente e as famílias. Algumas das antigas casas militares, na área da Avenida Glaycon de Paiva, Avenida Terêncio Lima, foram ocupadas por militares do 6º BEC.

No entanto, Paulino não pretendia morar na vila militar (pagava-se o aluguel da casa mobiliada) e começou a procurar uma casa para comprar. Sem muito tempo, tinha poucas horas no dia para pesquisar. Conseguiu uma casa localizada na Avenida Terêncio Lima, quase esquina com a Avenida Benjamim Constant. A casa era vizinha à da família Freire, que tinha um pequeno comércio, e da professora particular, de nome Laura, e o esposo Miguel.

Paulino conversou com o Sr. Miguel, que comentou sobre a tranquilidade da rua além de ser próxima do centro. Ele fechou negócio com o dono da casa e avisou Delzira que havia comprado uma casa. Então, ela se preparou com as crianças a fim de viajar para Boa Vista e recomeçar a vida na antiga cidade, para onde não imaginava retornar.

Depois que constituiu família com Paulino, Delzira estava com a aparência mais jovem – já se arrumava fisicamente melhor, tratava o cabelo, trocou a dentadura grosseira por uma com dentes mais naturais. Assim, esteticamente mais jovem e bem diferente da mulher que deixou Boa Vista, ela retomou a vida na capital do Território Federal de Roraima.

Ela usava roupas com tecidos de melhor qualidade, que davam certa elegância às mulheres. Na verdade, não era a mesma

Delzira que deixara a cidade de Boa Vista na companhia da mãe e das cinco crianças pequenas, de semblante muito sofrido e envelhecido.

Assim, em junho de 1969, quase dez anos depois, Delzira, acompanhada de crianças e adolescentes, chegou ao Aeroporto Internacional de Boa Vista. Régio, que estudava o curso ginásial, ficou em Manaus com a avó Amélia. Delzira viajou no voo da Cruzeiro do Sul, onde outras famílias dos militares também viajaram. No aeroporto, as famílias foram recebidas pelos militares do 6º BEC. Paulino recebeu a família e seguiram para a residência na Avenida Terêncio Lima, próximo do Igarapé Caxangá.

Delzira e as crianças tornaram-se conhecidas como família imigrante de militar. Frequentavam os ambientes sociais dos militares. Não tinha contato com os antigos conhecidos de Boa Vista, no entanto, na Rua Ajuricaba, próxima da Avenida Terêncio Lima, moravam os compadres Noêmia e Pedro Uchoa; na esquina da Avenida Nossa Senhora da Consolata com a Rua Cerejo Cruz, morava Walda, filha de dona Erundina, que tinha casado e residia em Boa Vista. Essas famílias reconheceram Delzira e passaram a fazer parte do pequeno grupo de conhecidas, que sabiam que Delzira havia voltado para Boa Vista como família de militar.

Rosângela (14 anos) e Rossinete (13 anos) foram matriculadas no Ginásio Orientado para o Trabalho (GOT), localizado no bairro São Vicente, em uma rua de ladeira que cortava o Beiral; Rosanir (11 anos) estava concluindo o curso primário; Rinaldo (10 anos) ainda estava na 3ª série do primário e foram matriculados no Grupo Escolar Diomedes Souto Maior; Ranieri (4 anos) e Richard (quase 2 anos) ficavam com a mãe. A vida seguiu seu ritmo, a família tranquila desfrutava a rotina sem ser reconhecida como antigos habitantes de Boa Vista.

No Natal de 1969, Régio (16 anos) tinha concluído a 3ª série ginásial e foi passar a festa de fim de ano com a família em Boa

Vista. Por estar no recesso escolar, o jovem voltaria para Manaus no fim de fevereiro de 1970, para retomar as aulas. Paulino tinha comprado a passagem na Cruzeiro do Sul, e Reginaldo ficou empolgado com o conforto e o serviço de bordo no avião. Ao descer no Aeroporto Internacional de Boa Vista, ficou fascinado pelo moderno prédio que substituíra o antigo Aeroporto Araújo Neto. Foi recebido por Paulino que o levou para a casa na Terêncio Lima.

Frequentando os ambientes militares, Régio fez amizade com jovens adolescentes filhos de militares que também estavam em férias em Boa Vista. Reuniam-se no recém-inaugurado Monumento ao Garimpeiro na Praça do Centro Cívico. Essa praça estava em fase final de construção e ornamentação, com plantas e bancos.

Nesse grupo de adolescentes, Régio conheceu o filho do governador do Território Federal de Roraima, Hélio Campos. O jovem estava em férias visitando o pai governador. Ele estudava no Rio de Janeiro, onde morava com a família. Assim, esse grupo de jovens amigos incluía alguns jovens das famílias burguesas de Boa Vista. Reunidos, eles tinham como uma das diversões dar “cavalo de pau” em jipe na referida praça. Eram jovens que desafiavam entre si manobras radicais feitas no veículo de tração nas quatro rodas, usando a mudança brusca de direção e o freio de mão. O jipe derrapava e dava meia volta bruscamente, ficando em posição invertida. Os outros jovens ficavam na torcida para definir quem foi o melhor piloto do cavalo de pau.

Juntos, esses jovens frequentavam algumas festas de aniversário de famílias burguesas locais. Eram apresentados como filhos de militares do 6º BEC e faziam sucesso entre as garotas boa-vistenses. Em uma dessas festas, perguntaram a Régio qual a sua cidade de nascimento, que pensavam ser o Rio de Janeiro, lugar de nascimento de Paulino. Quando o jovem respondeu que havia nascido em Boa Vista, gerou surpresa, pois os militares do 6º BEC tinham chegado em 1968.

Régio comentou que a mãe teve dois casamentos, e ele era filho do primeiro casamento. Isso gerou mais curiosidade entre os jovens burgueses de Boa Vista, que gostariam de saber quem era a família de Boa Vista a que o jovem pertencia. Régio respondeu que eram imigrantes desconhecidos, que foram logo embora de Boa Vista, mas a curiosidade permanecia.

No fim de fevereiro de 1970, Régio regressou a Manaus no voo da Cruzeiro do Sul. No referido voo, tinha a companhia de alguns dos jovens conhecidos, que também regressavam para outras cidades a fim de dar continuidade aos estudos. Em Manaus, Régio continuava os estudos no curso ginásial na Escola Estadual Márcio Nery no bairro Cachoeirinha. Entretanto, foi convidado para participar do Baile de Debutantes por um senhor conhecido como Tio Barbosa, um dos organizadores, que mantinha um grupo de adolescentes preparados para dançar valsas. Eram jovens que se apresentavam nos Bailes de Debutantes ou aniversários de 15 anos.

Desse modo, Régio recebeu as aulas de dança de salão (valsa) na academia do referido senhor. Iniciou para compor o grupo que participava dos Bailes de Debutantes, especialmente, na sede do Rio Negro, mas também se realizavam celebrações de 15 anos em residências. As celebrações eram suntuosas, um grupo de 15 jovens dançarinos, sendo 14 em pares e um componente era escolhido para ser o “príncipe” da aniversariante. Durante o baile, todos davam a elegância ao evento. Os rapazes de terno e as damas de vestido longo entravam solenemente no salão e iniciavam a dança clássica.

Nesse tempo, Régio começou a participar de Festivais Estudantis de Música Popular Brasileira, como um dos calouros, representando estudantes da Escola Estadual Márcio Nery. Alguns festivais realizavam-se no Cinema Ypiranga, bairro Cachoeirinha, com premiação para os três primeiros colocados. No fim de 1970, ele conseguiu o terceiro lugar no festival, realizado no Cinema Ypiranga. Os calouros interpretavam as

mais conhecidas canções da Jovem Guarda, dos Beatles, Elvis Presley e alguns cantores brasileiros. Em dezembro desse ano, Régio concluiu o curso ginásial. Agora deveria continuar os estudos no ensino médio: curso científico, clássico, técnico ou normal.

Na virada de 1970 para 1971, Régio retornou a Boa Vista para desfrutar férias, viajando pela Cruzeiro do Sul. Nessas férias ele frequentou a Praça do Centro Cívico com as irmãs. Nos fins de tarde, havia apresentação da Banda de Música da Polícia no Coreto da praça. Enquanto isso, jovens caminhavam pela Avenida Jaime Brasil até a referida praça. As irmãs de Régio tinham muitos amigos jovens da cidade, em geral, eram colegas do curso ginásial no GOT. Nessa época, Rosanir também estudava nesse ginásio.

Nesses encontros na referida praça, sempre perguntavam a Régio qual a sua cidade de nascimento. As irmãs dele, os amigos sabiam, tinham vindo de Manaus. Quando Régio respondia que era de Boa Vista, sempre despertava curiosidade. Um dia uma jovem do grupo de amigos disse que sabia de quem Régio era filho. Os pais da jovem conheciam a família de Nelson e Barrigola, que eram muito conhecidos em Boa Vista. Régio respondeu que sim, era filho de Nelson, mas não tinha contato com essa família paterna. Entretanto, ao ir visitar Noêmia Uchoa, madrinha de sua irmã Rosângela, recebeu um recado de Nelson. Em particular, Noêmia disse a Régio que Nelson soube que ele estava de férias em Boa Vista e gostaria de conversar com ele. Régio agradeceu o recado, mas disse que não teria nada para conversar com Nelson, que ele deixasse a família em paz. Agora, faziam parte de outra família, com história de vida sem a presença dele.

Contudo, certo dia, após fazer compras na Avenida Jaime Brasil com a mãe, Régio e ela pegaram um jipe de aluguel para levar as compras para casa. Ao entrarem no jipe, reconheceram Barrigola, que dirigia o veículo. Régio e Delzira se entreolharam, em silêncio, e seguiram no jipe para casa. Ao chegarem em casa,

na Avenida Terêncio Lima, foram ajudados pelo motorista a descarregar as compras. Depois, Barrigola foi embora. Então, Régio confirmou com a mãe se o motorista era o tio Barrigola. A mãe disse que sim, mas que ele esquecesse tal encontro.

Nessas férias, Régio conheceu o Programa de Auditório de Jaber Xaud da Rádio Roraima, vizinha à Igreja de São Sebastião. Ao saber que Régio tinha sido o terceiro colocado no Festival Estudantil em Manaus, Jaber o chamou para se apresentar no programa como convidado especial. Na sua apresentação nesse programa de auditório, anunciaram que Reginaldo era um estudante de Manaus, mas nascido em Boa Vista, e estava participando como convidado especial. A plateia estava cheia. Após a apresentação de Reginaldo, muitos curiosos surgiram para saber: quem era Reginaldo? De quem ele era filho?

Chegou o fim das férias e o jovem Régio voltou no voo da Cruzeiro do Sul para Manaus. Iniciou o Curso de Normalista no Instituto de Educação do Amazonas (IEA). No contexto das mudanças ocorridas na década de 1970, em fevereiro de 1971, Régio completou 18 anos. Era o momento do alistamento para o Exército. Ele foi ao Comando do Exército em Manaus, onde realizou o alistamento. Contudo, na hora da seleção da nova turma de soldados, Régio foi separado com outro pequeno grupo de jovens que estavam cursando o ensino médio.

Após o momento da seleção no Exército, comunicaram a esse pequeno grupo de jovens que tinham sido dispensados do serviço militar e recomendaram que eles deveriam continuar os estudos do ensino médio. Dispensa justificada por excesso de contingente. Havia muitos jovens vindos das regiões rurais do Amazonas que foram selecionados para o cumprimento como soldados do Exército. Assim, Régio continuou os estudos no IEA.

No fim do ano de 1971, Delzira foi buscar o filho em Manaus, pois Doralice havia comunicado que o rapaz estava andando em más companhias, quase não parava na casa da avó Amélia. Na verdade, em razão das festas de aniversário entre amigos do IEA,

ou dos fins de semana com os referidos amigos frequentando os bailes ou balneários, Régio dormia na casa do amigo Joselias Amorim. Joselias fazia parte de um pequeno grupo de amigos de Régio desde o curso ginásial na Escola Estadual Márcio Nery, e continuavam juntos no ensino médio no IEA.

Assim, estudando juntos, Régio passou a ficar mais dias na casa dos pais de Joselias no bairro São Jorge. Eram comuns em Manaus os bailes dançantes em fins de semana, com a presença de muitos jovens, que frequentavam os clubes localizados na Avenida Getúlio Vargas: Bancrevea Clube e Cheik Clube. Joselias, Régio e os amigos eram frequentadores desses bailes e também dos balneários na região do Parque Dez.

Assim, ao concluir o primeiro ano do ensino médio, o estudo no IEA foi interrompido com a viagem de Régio acompanhando Delzira para Boa Vista no voo da Cruzeiro do Sul. Em Boa Vista, após as festas de fim de ano, Régio foi matriculado em um curso noturno do ensino médio na Escola Monteiro Lobato, que funcionava bem próximo da antiga sede da Secretaria de Educação no Centro Cívico.

Nesse sentido, em 1972, durante o dia, Régio iniciou seu primeiro trabalho, na agência de venda de passagens para a Companhia Aérea Cruzeiro do Sul. O Sr. Belízio Filgueiras era o gerente da loja, que se localizava na Rua Sebastião Diniz, próxima da Avenida Jaime Brasil e a antiga residência dos governadores. Nessa esquina Régio conheceu a oficina de bicicletas pertencente ao tio Barrigola, mas não mantinham contato.

Na Agência de Viagens, trabalhando no caixa, estava uma jovem da ex-Guiana Britânica, Maureen Melville Hardy. Régio fez amizade com Maureen e conheceu a família do casal Ernest Hardy e Juanita, pais de Maureen e dos outros três irmãos: Paul, Gerard e Darell, que moravam em uma casa localizada na Rua Getúlio Vargas, próxima da Praça da Bandeira em direção ao bairro São Pedro.

Morando em Boa Vista e sem gostar muito do curso de ensino médio, denominado científico, Régio, na companhia de

outros jovens, frequentava o curso noturno. Entre os jovens colegas, estavam Dina e o irmão, HÉlvio Cruz, que se tornou seu amigo. Nesse tempo, Régio começou a fazer parte do grupo de escoteiros, participando das atividades nos fins de semana. Em geral, faziam acampamento nas serras da região do Monte Cristo.

Durante o trabalho na Agência de Viagens, Régio vendia passagens na agência, mas passou a fazer parte também da equipe que dava manutenção no aeroporto quando o avião chegava. Assim, ele atendia no guichê do aeroporto e fazia a fiscalização interna do avião, para saber se estava tudo em ordem, para autorizar o embarque dos passageiros. Nesse trabalho, ele fez amizade com a equipe de bordo – pilotos e comissários. Eles perceberam o fascínio de Régio pela Aeronáutica e aconselharam que ele poderia fazer um exame, na cidade do Rio de Janeiro, para estudar para piloto ou para ser comissário de bordo.

Pensando nessa proposta, Régio juntou parte do dinheiro do salário que recebia. No fim do mês de julho de 1972, ele pediu demissão do trabalho na Agência Cruzeiro do Sul e viajou para o Rio de Janeiro. Lá, ficou hospedado na casa dos pais de um dos amigos comissários da Cruzeiro do Sul, Hilmar Alvarenga. Foi quando conheceu Dona Hilda e o Sr. Waldemar Alvarenga, pais de Hilmar e do irmão Ismar. Todos moravam em uma residência na Rua Teixeira de Azevedo, no bairro Abolição, localizado na zona norte do Rio.

Essa região da Abolição foi o primeiro contato de Régio com a cidade maravilhosa. O bairro Abolição está próximo dos bairros Méier e Madureira. O morro da Mangueira, em Madureira, ainda não era dominado pelas grandes facções de bandidos do tráfico. A maioria ainda era ladrão de bolsas e galinhas, com muitas famílias de trabalhadores residindo no morro.

Para o jovem Régio, o bairro Abolição era bem servido por linhas de ônibus e também pela linha de trem, que chega da Central do Brasil, com parada na Estação Engenho de Dentro. No Largo da Abolição, ele teve contato com um agitado centro comercial.

Parte 31

A primeira experiência na cidade que recebeu a família real portuguesa em 1808

Em 1972, a beleza natural do Rio de Janeiro encantou o jovem de 19 anos, Régio. A bela cidade ainda preservava muitas características das décadas de 1940, 1950 e 1960; ou seja, havia belas e tranquilas praças, com muitas casas e alguns edifícios suntuosos. A concentração dos arranha-céus era mais no centro e na zona sul da cidade. A visão da popular Cinelândia, na região do centro do Rio, com prédios do século XIX e a ampla Avenida Rio Branco, era deslumbrante. O lugar da alma carioca, onde a cultura e a política marcavam encontros. Parecia reviver a Belle Époque, que Régio conhecia pela Revista O Cruzeiro – originalmente Cruzeiro – que circulava nos voos da antiga Varig.

A primeira visão da praia do mar foi inesquecível, com o jogo de “pegar jacaré”. O fascínio da imensidão de água azul e salgada, com a ideia de pegar jacaré. Isso foi uma novidade para o jovem Régio, pois, afastados um pouco da praia, no mar, entramos de peito em uma onda e deixamos o corpo ser levado até a praia. No entanto, se não souber ser levado, toma um “caldo”, ou seja, é jogado pela onda contra a areia, bebendo água salgada.

Nesse ínterim, Régio fez inscrição e realizou o exame para o curso de comissário de bordo, mas não foi aprovado para essa profissão. Entretanto, o jovem gostaria de continuar os estudos e trabalhar no Rio de Janeiro. Ele imaginava que a cidade possibilitava outras oportunidades profissionais.

Para essa temporada no Rio de Janeiro, Régio tinha levado no seu caderno de notas o endereço de Neusa Maria, primeira esposa de Paulino, que morava com as filhas em Santa Cruz. Ele se informou sobre a condução para ir até Santa Cruz. Assim, pegou o trem na estação de Engenho de Dentro, fazendo transferência, no decorrer da viagem, para outras linhas de trem até o ponto final na estação em Santa Cruz.

Ao desembarcar do trem na estação, Régio seguiu a multidão que subia as escadas até a passarela superior, que dava na rua principal. Informou-se sobre a rua que procurava. Por sorte, a rua não estava distante da estação de trem Santa Cruz. Ele caminhou e encontrou a casa; parou no portão e bateu palmas. Uma senhora idosa e uma adolescente vieram ao portão. Régio perguntou se era a casa de Neusa Maria da Silva. Elas se mostraram surpresas por ele conhecer Neusa Maria. Assim, o jovem explicou que não conhecia, mas era filho adotivo de Paulino da Silva, que foi para Manaus nos anos 1960 e agora estava em Boa Vista.

A senhora idosa era avó materna da adolescente Sônia e da irmã conhecida como Neusinha, que, naquele momento, estava chegando da escola; ou seja, eram as duas garotas filhas de Paulino que Régio tinha visto na foto dos anos 1960. Elas se mostraram muito surpresas e curiosas com a visita dele. As adolescentes moravam com a avó, que era mãe de Neusa Maria. Neusa Maria morava sozinha na casa vizinha; tinha problemas de saúde e passava dias com crises nervosas e depressão. Tomava fortes medicamentos para controlar a doença.

Régio foi convidado para almoçar com as meninas e a avó. Conversaram bastante, trocando informações sobre a família. Sônia e Neusinha tinham muitas curiosidades sobre o pai. Elas disseram que naquele dia não seria bom o irmão conhecer a mãe delas. Régio perguntou se elas conheciam a família de Paulino. Elas responderam que nunca tiveram contato com a família do pai. Régio se despediu e prometeu voltar.

Do Rio de Janeiro, Régio tinha contato por cartas com o amigo Joselias Amorim, que morava em Manaus. Joselias tinha parentes e padrinho no Rio de Janeiro, que moravam no bairro do Flamengo. Assim, por meio da mãe de Joselias, Dona Nazaré Amorim, Régio foi morar no apartamento do casal Fernando e Edna, padrinhos de Joselias, no bairro do Flamengo. Era um amplo apartamento na Rua Senador Vergueiro. O Sr. Fernando era alto funcionário no Banco do Brasil, e o casal tinha dois filhos adolescentes.

Morando no Flamengo, Régio começou um trabalho temporário em uma rede de supermercados denominada Casas da Banha. Trabalhava até o início da noite no setor de Laticínios. Não havia tempo para os estudos. Por ser datilógrafo, foi convidado para trabalhar em um escritório de contabilidade de um amigo do Sr. Fernando, mas o horário era manhã e tarde, com salário baixo; não dava para manter-se nos estudos.

O Sr. Fernando foi convocado para o trabalho no Banco do Brasil na capital, Brasília, e começou a organizar a mudança com a família para Brasília. Assim, ele aconselhou Régio a voltar para Manaus, pois lá seria mais fácil conciliar os estudos e o trabalho. Régio disse que o pai adotivo estava com muitas despesas em Boa Vista e não seria possível comprar uma passagem do Rio de Janeiro para Manaus. Diante disso, o Sr. Fernando conversou com amigos da Aeronáutica e conseguiu uma passagem no avião da FAB para Reginaldo.

A viagem foi autorizada, e Régio embarcou para Manaus, no então Aeroporto do Galeão, em um confortável avião da FAB. O voo transportava algumas famílias de militares de alta patente. Assim, por volta de fevereiro de 1973, Régio chegava ao Aeroporto de Ponta Pelada em Manaus, hoje Aeroporto Militar. Pegou um táxi e chegou à simples casa do sítio, com cerca de arame farpado, na Rua do Curre (Travessa Belo Horizonte, Adrianópolis). Lá, surpreendeu e alegrou a avó Amélia, que morava na companhia de uma bisneta criança, de nome Meire (filha de Rosimar).

Parte 32

O ano de 1973: o jovem Reginaldo e outras experiências socioculturais em Manaus

Com o ensino de 2º grau incompleto, Régio não tinha muita opção de trabalho. Assim, conseguiu um trabalho de vendedor na Sapataria Clark, localizada na Rua Marechal Deodoro, próxima ao prédio dos Correios. Em meados de 1973, Régio resolveu retomar os estudos no Instituto de Educação do Amazonas (IEA), mas em consequência de alterações curriculares pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), o IEA tinha diversificado os estudos de ensino médio. Além do Curso de Normalista, tinha um Curso Técnico em Desenho Artístico e Publicitário. Esse curso preparava os estudantes para o trabalho em agências de publicidade ou designer (profissional de criação de projetos na área artística).

Em março de 1974, Régio iniciou o segundo ano do Curso Técnico no IEA, pois gostaria de trabalhar com desenho e publicidade. Para se manter nos estudos do Curso Técnico noturno, ele continuava na venda de calçados. A Sapataria Clark comercializava calçados populares, mas também vendia sapatos de luxo.

Durante esse trabalho, Régio atendia um cliente que comprava sapatos de luxo, o Sr. Fernando Lobo. Ele era proprietário de uma boutique na Rua Dr. Moreira, próxima da Praça da Polícia. O Sr. Lobo gostou do trabalho de Régio e convidou-o para trabalhar na Lobo's Boutique. Assim, durante o segundo semestre de 1974, Régio iniciou o trabalho atendendo senhoras da burguesia manauara na Lobo's Boutique.

Ainda no início de 1974, chegaram à casa da avó Amélia as netas Rosângela, Rossinete e Rosanir para continuarem os estudos em Manaus. Passaram a estudar o ensino médio no IEA, sendo acompanhadas pelo irmão Régio, que estava frequentando

o Curso Técnico em Desenho Artístico e Publicitário. As jovens ajudavam a avó na lavagem de roupas e estudavam. Régio continuava o trabalho na Lobo's Boutique, ajudando nas despesas domésticas.

Nesse tempo, os quatro jovens irmãos se envolveram em um trabalho religioso na Paróquia São José, localizada na Rua Belo Horizonte (Adrianópolis). A Igreja Católica, seguindo a orientação da Teologia da Libertação (de base marxista), desenvolvia atividades evangélicas com os jovens de baixa renda do bairro. Na paróquia da Rua Belo Horizonte, o trabalho era coordenado pelo padre Benedicto, italiano radicado no Brasil, com extensa experiência na Teologia da Libertação. Ele discutia com os jovens temas de análise crítica da realidade social pobre ou oprimida, para organizar campanha de lutas por direitos sociais.

Reginaldo, em companhia dos seminaristas auxiliares do padre Benedicto, tornou-se um dos líderes do grupo de jovens do bairro. Com os seminaristas, atuava no trabalho evangelizador dos jovens e na formação de catequistas. Rosângela, Rossinete e Rosanir integravam o grupo jovem e atuavam como catequistas e na organização da missa. Nesse período tiveram contato com a família do jovem Marcos Braga, que residia na mesma rua onde Régio e as irmãs moravam.

Aqui, faço uma breve interrupção para falar da família de Marcos Braga. A família era imigrante do município de Tefé (Rio Solimões). Essa família Braga, do interior amazônico, tem ramificações familiares na Colômbia (Bogotá). Assim, parte da família Braga trabalhava nas fábricas de montagem da Zona Franca em Manaus. Outros membros da família Braga trabalhavam na função de Técnico em Prótese Dentária. Marcos e o irmão Francisco eram os profissionais de Prótese Dentária na família, que também exerciam a profissão de dentista. Francisco fez o vestibular para a Universidade Federal do Amazonas (Ufam) e graduou-se em Odontologia. Por um tempo, atuou como professor na Ufam.

No segundo semestre de 1975, em razão do trabalho teológico e libertador, Régio, que se preparava para o vestibular, foi convidado pelo padre Benedicto a prestar exame de vestibular para o curso do Centro de Estudo do Comportamento Humano (Cenesch), para a formação Agentes de Pastoral. Com esse curso, Régio poderia atuar como professor de Religião e Agente Pastoral nas comunidades de baixa renda e socialmente oprimidas, pois segundo o padre, ele apresentava o perfil de Agente de Pastoral.

O curso do Cenesch localizava-se em um prédio da Arquidiocese de Manaus, na Avenida Joaquim Nabuco, próximo da Sete de Setembro. Era um curso que auxiliava na preparação dos seminaristas, mas também dava formação aos jovens que atuavam como Agente de Pastoral. Nesse sentido, Régio prestou exame de vestibular no Cenesch e foi aprovado. Em março de 1976, iniciou os estudos filosóficos e teológicos para Agente de Pastoral.

Durante o curso no Cenesch, Régio conheceu Rosa Maria, uma maranhense do movimento campestre, que tinha vindo desenvolver um trabalho com as missionárias religiosas no Amazonas. Na turma de estudantes, conheceu também Zezinho, que, mais tarde, se tornou líder da Banda Carrapicho. Parte dos estudantes do Cenesch apresentava pequenos espetáculos, com performance, interpretando poemas de Fernando Pessoa, Thiago de Mello e textos do dramaturgo Augusto Boal. Reginaldo, Rosa Maria e Zezinho faziam parte do Grupo de Performance do Cenesch.

Nesse período Reginaldo teve contato com o grupo de atores do Teatro Experimental do Serviço Social do Comércio (Tesc/Sesc), que era dirigido por Márcio Souza, onde discutiam e apresentavam temas da cultura amazônica. Rosa Maria e Zezinho atuavam em alguns momentos na apresentação do Grupo Tesc/Sesc, que interpretava textos produzidos pelo próprio Márcio Souza. Reginaldo era convidado para assistir aos ensaios e debates sobre a obra do espetáculo, coordenados por Márcio Souza.

Em um determinado período da participação de Régio no grupo de jovens da Paróquia São José (na Rua Belo Horizonte), ele participou de uma missão pastoral na Colônia Antônio Aleixo ou leprosário de Manaus. A Colônia tinha casas individuais espalhadas entre ruelas mal desenhadas; ou seja, eram caminhos estreitos, tortos e de chão, por entre as casas de madeira e cobertura de telha de zinco, e também de palha.

Aqui, faço outra pausa para acrescentar informações da família de Nelson, ou seja, uma breve narrativa de uma experiência familiar no leprosário do Aleixo. Em viagem de férias a Boa Vista, Régio soube que os tios Rubens e Raimundo haviam contraído hanseníase ou doença de lepra. Eles foram transferidos de Boa Vista para a antiga Colônia em Manaus. Isso foi na segunda metade dos anos 1950. Assim, durante o trabalho missionário, Régio investigou se alguém tinha notícias dos dois irmãos, Rubens e Raimundo de Oliveira.

Um dos pacientes do leprosário comentou que se lembrava dos irmãos que tinham vindo de Boa Vista. Porém, tinha notícias apenas de Rubens, que ainda morava no leprosário. Informou que Rubens tinha um pequeno comércio na Colônia, que administrava com a família. Ao pegar as informações da localização do comércio, Régio andou pelas ruas ou veredas mal traçadas e de chão. Foi assim que ele chegou ao endereço anotado. Parou e olhou o pequeno comércio indicado, onde viu um homem atendendo fregueses no balcão. Aproximou-se e foi recebido pelo senhor do balcão, que se identificou como Rubens Oliveira.

Então, Régio fez sua apresentação, informou que era o filho mais velho de Nelson e Delzira de Boa Vista. Rubens mostrou-se surpreso, pois tinha diante de si o ex-garotinho que ele ajudou a cuidar em Boa Vista. Ficou muito contente visto que, desde a chegada com o irmão Raimundo à Colônia, perdeu o contato com a família em Boa Vista. Comentou que o irmão Raimundo tinha falecido há um bom tempo. Ele gostaria de ter o contato

da família de Boa Vista. Régio comentou que os pais estavam definitivamente separados. Nesse caso, a relação com a família paterna tinha sido cortada. Comentou que a separação da família de Delzira com os parentes de Nelson ocorreu no fim de 1958.

Após um longo momento de conversa com o tio Rubens, Régio prometeu que na próxima visita a Boa Vista falaria com o tio Barrigola, pois sabia que ele tinha um jipe de aluguel, que ficava em um ponto de táxi no centro da cidade. Entregaria a ele o endereço da Colônia, para reatarem a comunicação familiar. Rubens despediu-se feliz com o encontro e animado por ter a possibilidade de rever os parentes deixados em Boa Vista.

No segundo semestre de 1976, estudando no Cenesch e trabalhando na Lobo's Boutique, Régio desenvolvia as funções de vendedor, mas também gerenciava a butique na ausência dos patrões, Fernando Lobo e a esposa, Marilena. Os patrões sugeriram ao funcionário Reginaldo comprar um fusca financiado, para melhorar o deslocamento para o trabalho e para o curso superior. Na viagem de transporte público (ônibus), o funcionário perdia muito tempo.

Pensando na possibilidade de comprar um carro, Régio tinha frequentado no Detran o curso para motorista. Tinha sido aprovado nos exames teóricos e estava preparando-se para o exame de rua. Assim, os patrões foram avalistas, e Régio comprou um fusca zero-quilômetro. Realizou o exame de rua e recebeu a carteira de motorista. Com o fusca, a vida dos jovens irmãos melhorou, pois tinham transporte fácil para locomoção na cidade.

Entretanto, nas horas vagas noturnas, Régio começou e lecionar na Escola Estadual Solon de Lucena, localizada na Avenida Constantino Nery. Ele tinha sido convidado pela amiga Rosa Maria, professora nessa referida escola. Régio foi selecionado pela Secretaria de Educação para lecionar Educação Artística no ensino médio. Foi assim que iniciou uma profissão no magistério.

Parte 33

O retorno de outros membros da família para Boa Vista, capital do Território Federal de Roraima

Transcorriam os anos da década de 1970 e parte da família em Manaus começou a retornar para Boa Vista. Delzira e os filhos menores estavam morando em Boa Vista desde 1969. No entanto, Doralice recebeu uma convocação da Secretaria de Educação e Cultura do Território Federal de Roraima (SEC/RR) para apresentar-se em Boa Vista. Informavam que Doralice precisava regularizar a documentação da aposentadoria. Depois de mais de dez anos, apareceu uma irregularidade, que necessitava ser solucionada.

Assim, no mês de agosto de 1973, Doralice e Raimundo, acompanhados da neta de nome Rosiana Gomes de Albuquerque, voltaram para Boa Vista de barco. Rosiana é a primeira filha de Rosimar, que foi registrada pela avó Doralice, criando-a como filha. Em Boa Vista, encontraram o filho João Batista, que havia retornado para essa capital em 1972.

Nesse caso, Doralice vendeu a casa na Rua Sobrinho Maranhão (bairro São Francisco em Manaus) para comprar outra em Boa Vista. As três filhas ficaram em Manaus, pois já estavam com marido e filhos. A partir de 1974, aos poucos, as filhas de Doralice e Raimundo foram retornando para Boa Vista com as respectivas famílias.

Nesse sentido, em agosto de 1974, Joaci Lima e a esposa Maria de Jesus (Bibi), acompanhados dos filhos – Francisca de Albuquerque Lima, Francinete Albuquerque Lima, Francilene Albuquerque Lima, Francinadia Albuquerque Lima, Francimar Albuquerque Lima e Josué Albuquerque Lima –, chegaram a Boa Vista. Joaci construiu uma pequena casa na atual Avenida Ville Roy para a família morar. Assim, em Boa Vista, a família de Bibi aumentou com a chegada dos filhos Ozéias Albuquerque de Lima, Fabiano Albuquerque e Fábio Albuquerque Vieira.

Entre o fim de 1975 e início de 1976, Maria Eunice (Nicinha) e o esposo Nancy Pinheiro Júnior, com as filhas Mery Jane Albuquerque Pinheiro e Eucelita Albuquerque Pinheiro chegaram a Boa Vista. Residiram em uma casa no bairro São Vicente, vizinha à residência dos pais de Nicinha: Raimundo e Doralice. Em Boa Vista, nasceram os filhos Paulo Sérgio Albuquerque Pinheiro e Liliane Albuquerque Pinheiro.

Por volta do fim do segundo semestre de 1976, avó Amélia e a neta Rossinete também retornaram para Boa Vista. Em Manaus, ficaram os jovens irmãos Régio, Rosângela e Rosanir. No dia 1º de janeiro de 1977, porém, Régio resolveu viajar no Fusca para Boa Vista com as duas irmãs. Assim, os jovens irmãos foram os primeiros civis conduzindo um carro pela imensidão da BR-174, de chão e muita poeira, de Manaus para Boa Vista.

Em meados de dezembro de 1976, Régio tinha solicitado ao Comando do Exército autorização para viajar a Boa Vista pela BR-174. Por informação de Paulino, ele sabia que a BR-174 estava concluída. Entretanto, seria entregue para o tráfego ao público somente em março de 1977. Sendo filho de militar do 6º BEC, Reginaldo recebeu autorização. A viagem durou doze horas em razão da demora nas várias balsas que atravessou ao longo da BR-174. A família em Boa Vista fez uma festa com a chegada do pequeno grupo familiar no fusca.

Depois que retornou de Boa Vista, após os festejos da virada do ano com os familiares, Régio retomou o trabalho na Lobo's Boutique e o curso no Cenesch. As irmãs tinham ficado em Boa Vista. O curso no Cenesch ficou mais exigente, com ampliação das disciplinas. O trabalho na boutique tomava o dia inteiro do jovem, que tinha dificuldades de acompanhar o curso.

Nesse sentido, a amiga Rosa Maria, que ainda lecionava na Escola Estadual Solon de Lucena, conversou com Régio para ocupar a função de professor de Educação Artística. A escola estava com dificuldades de professor nessa área. O contrato noturno anterior, na referida escola, foi provisório e tinha terminado para o professor Reginaldo.

Nesse caso, Régio teria horário de aula flexível e poderia dedicar-se aos estudos no Cenesch. Assim, ele organizou o currículo, com formação completa no Curso Técnico de Desenho Artístico e Publicitário, que foi apresentado à Secretaria de Educação do Amazonas. O currículo foi aprovado, então, Reginaldo deixou o trabalho na boutique e iniciou uma nova carreira como professor do ensino médio, na Escola Estadual Solon de Lucena. Agora, tinha um contrato definitivo na educação formal.

Régio ficou trabalhando na Escola Estadual Solon de Lucena e estudando no Cenesch. No entanto, teve de assumir também algumas turmas de Educação Artística na Escola Estadual Nossa Senhora das Graças, localizada no Beco do Macêdo.

Nesse mesmo tempo, chegou de Boa Vista para frequentar o curso no Cenesch a amiga Marta Uchoa, filha de Pedro e Noêmia Uchoa. Durante o curso, Martha conheceu o seminarista Djalma, com quem se casou.

No fim de 1977, Régio foi passar as festas de fim de ano com a família em Boa Vista. Ao mesmo tempo, Rossinete (20 anos) namorou um jovem de nome Cezário, o qual vinha de outro relacionamento. O jovem Cezário trabalhava com o pai como ajudante de caminhoneiro. Delzira e Paulino não aprovaram o namoro da filha. No entanto, decidida, Rossinete deixou a casa dos pais e foi residir na casa dos sogros, assumindo um compromisso de casamento com Francisco Cezário (Chiquinho). Nesse período ela iniciou um trabalho na Escola de Formação de Professores (Magistério) como professora da disciplina Educação Artística.

Parte 34

Imigração de Régio viajando no Fusca de Manaus para Boa Vista no fim de 1977

Durante as férias em dezembro de 1977, a família em Boa Vista aconselhou Régio a permanecer nessa capital. Havia possibilidade de lecionar Educação Artística nas Escolas de Boa Vista, pois havia um déficit de profissionais nessa área. Com a experiência de professor em Manaus, não seria difícil ser selecionado.

Assim, Reginaldo organizou a documentação curricular e apresentou-se à Secretaria de Educação. A coordenação de Artes era administrada pela professora Augusta de Oliveira Ferreira, popular Guga. Ao ser entrevistado pela professora Guga, Reginaldo ganhou a sua amizade, ela ficou fascinada pelo conhecimento cultural e artístico do jovem professor.

Nesse sentido, com memorando de Professor Leigo na mão, Reginaldo apresentou-se em fevereiro de 1978 nas escolas estaduais Oswaldo Cruz e Euclides da Cunha. Nessas escolas, iniciou o trabalho com o ensino de Artes, para alunos do denominado 1º grau (5ª à 8ª séries). Assim, o jovem professor trancou o curso no Cenesch (Manaus) e já havia solicitado a demissão da SEC de Manaus, para homologar a documentação na SEC de Roraima. Foi assim que iniciou a carreira de professor de Artes em Boa Vista.

Esclareço que a nomenclatura de Professor Leigo era para denominar o professor que tinha apenas o ensino médio completo ou universitário incompleto. No caso de Reginaldo, tinha dois anos dos quatro anos do curso acadêmico do Cenesch. No referido ano, eram alunos da Escola Euclides da Cunha os irmãos Antônio Ranieri (7ª série) e Paulo Richard (5ª série), porém não houve identificação na turma do parentesco dos dois alunos com o professor Reginaldo.

Ao iniciar o trabalho de professor na Escola Estadual Oswaldo Cruz, Reginaldo conheceu a professora Cidalina Thomé Abdala, que era professora dos alunos das primeiras séries (1ª à 4ª séries). Fazia parte também do grupo de professores na Escola Oswaldo Cruz a jovem professora de Educação Física, Ana Sandra Queiroz, que mais tarde fundou a Escola Colmeia no Centro. Com as duas professoras, Reginaldo nutriu uma boa amizade e companheirismo nos debates teórico-metodológicos da Educação Escolar.

Nas turmas do ensino do 1º grau, tinham alunos filhos de militares, mas também da elite burguesa local. No entanto, Reginaldo identificou alguns alunos indígenas Makuxi e Wapichana, que eram afilhados da burguesia local. Eram indígenas que estudavam no GEC ou na Escola Oswaldo Cruz. Esses indígenas eram trazidos das malocas para o trabalho doméstico na residência dos padrinhos em Boa Vista.

Nesse meio tempo, o GEC era administrado por freiras da Missão Consolata. A irmã Irene, diretora da citada escola, não gostou muito de receber o memorando indicando o jovem Reginaldo para professor. Havia a professora Loida, que trabalhava com Artes, como também o professor Jaceguai, que trabalhava com Desenho. O professor Jaceguai tinha sido transferido, e Reginaldo ocupou o lugar dele com a disciplina Educação Artística.

Naquela época, Rosanir iniciou o trabalho como professora de 1ª à 4ª séries (curso primário) na Escola Estadual São José, localizada na Rua Floriano Peixoto. Rosângela trabalhava na Empresa de Correios de Boa Vista (Centro Cívico), operando no telégrafo. Rinaldo iniciou o serviço militar no 6º BEC na função de soldado.

Doralice e o esposo Raimundo residiam no bairro São Vicente, em uma casa na Avenida Presidente Castelo Branco, esquina com a Avenida Sebastião Diniz. A avó Amélia morava em uma pequena acomodação de quarto e cozinha na pequena vila

de madeira, na atual Avenida Benjamim Constant, esquina com a Avenida Terêncio Lima. A pequena vila vizinha à residência da filha Delzira e Paulino era de propriedade do genro Paulino.

A filha caçula de Doralice e Raimundo, Rosimar e filhos, estavam em Manaus, morando na casa do sítio de Paulino e Delzira, localizado na Rua do Curre ou Travessa Belo Horizonte. Depois, Rosimar foi residir em outros bairros de Manaus. No entanto, entre o fim de 1978 e início de 1979, Rosimar voltou para Boa Vista com alguns dos filhos. Cito os filhos de Rosimar: Rosiana Gomes de Albuquerque, Maria Rosimeire Albuquerque (Meire), Jean Carlos Albuquerque, Diana Maria Albuquerque e Juliano Albuquerque da Silva.

João Batista era o único filho do casal Raimundo e Doralice. Nesse ambiente familiar em Boa Vista, por volta de março de 1978, João Batista casou com a jovem Raimunda de Melo. Nessa união, o casal deu origem ao grupo familiar com sobrenome de Melo Albuquerque. Assim, com o nascimento dos três filhos, o casal deu os seguintes nomes: Randerson de Melo Albuquerque, Jamily de Melo Albuquerque e Daiana de Melo Albuquerque

Destaco que, na volta à terra natal, durante a década de 1970, a geração ou os filhos dos anos 1950 e 1960, do núcleo familiar dos Gomes de Oliveira, Gomes da Silva e Pereira de Albuquerque, reorganizaram as origens do referido núcleo roraimense. Nesse contexto familiar, no fim da década de 1970 e início dos anos 1980, a avó Lucinda Amélia Bezerra (mãe de Doralice e Delzira) e a avó Antônia Ferreira Gomes – mãe de Nelson e os demais irmãos – ainda eram as referências matriarcais, que deram origem ao núcleo familiar de Boa Vista.

Parte 35

O jovem professor leigo: outras narrativas do fim dos anos 1970

Durante esse período de retorno familiar, dos filhos das irmãs Doralice e Delzira, havia muitas mudanças socioculturais e econômicas em Boa Vista. Em 1978, governava o Território Federal de Roraima o coronel do Exército Fernando Ramos Pereira, com implementação de mudanças estruturais na política governamental. Nesse sentido, a BR-174 era o principal meio de comunicação e transporte de cargas e de passageiros, que chegavam todos os dias de Manaus. Foi um período de imigração de famílias militares e civis, que vinham com formação universitária para o trabalho nos diferentes órgãos do governo local: Educação, Saúde, Administração, Planejamento, Economia.

Ao participar de eventos artísticos e culturais no Palácio da Cultura (Praça do Centro Cívico, hoje prédio da Assembleia), o jovem professor Régio entrou em contato com o maestro Dirson Costa e o grupo do Coral do Território Federal de Roraima. Assim, Reginaldo passou a integrar o grupo de coral regido pelo citado maestro, participando de apresentações em Boa Vista, Belém e Pernambuco. Não era exigida a leitura de partitura e estudo de canto, mas uma boa audição para ouvir com atenção o som do piano com os acordes melódicos, que seriam reproduzidos pela voz cantada em coletivo. Assim, o grupo de tenores, sopranos, baixos e contraltos afinavam a melodia que era interpretada vocalmente.

Radicado em Boa Vista, um dia, passando pelo ponto de táxi localizado na Avenida João Pereira de Melo, nas proximidades da Praça Capitão Clóvis, o jovem Régio dirigia o fusca e viu o tio Barrigola com o jipe estacionado. Estacionou o fusca e foi até Barrigola, que reconheceu o sobrinho. Conversaram, e Régio informou sobre o episódio passado durante um trabalho

missionário católico na Colônia Antônio Aleixo em Manaus. Entregou o endereço da Colônia para que a família em Boa Vista entrasse em contato com tio Rubens, que aguardava notícias.

O tio Barrigola pediu que Régio conversasse com Nelson, pois ele gostaria muito de ter uma conversa com o filho. Régio disse que não tinha nada para falar com Nelson, portanto, não gostaria de continuar com essa conversa. Então, Barrigola pediu que o sobrinho fizesse uma visita à avó Antônia, que não esquecia o neto. Régio concordou em fazer uma visita à avó paterna. Pegou o endereço, que indicava uma casa no bairro São Francisco. Assim, Régio despediu-se do tio prometendo que faria a visita.

Em uma manhã de sol e de folga das aulas, Régio dirigiu o fusca até o bairro São Francisco, onde localizou a casa da avó Antônia. Estacionou o fusca próximo da cerca e do pequeno portão de madeira. Bateu palmas e uma senhora idosa, de cabelos brancos, veio até o portão. Apesar do longo tempo distante, Régio reconheceu a avó Antônia. Ela perguntou o que o jovem desejava. Régio apresentou-se, e a avó Antônia abriu o portão, deu um forte abraço e, aos gritos, corria pelo quintal anunciando a chegada do neto. Ela, em voz alta, agradecia a visita do neto, que ela pensava que não encontraria mais.

Régio pedia calma, mas a avó Antônia gritava mais alto e chamou Nelson para ver o filho. Nesse momento, Régio descobriu que Nelson era vizinho da avó Antônia. Assim, para saber o que estava acontecendo, em consequência dos gritos da mãe, Nelson, acompanhado de algumas crianças, chegou ao quintal da casa. Nelson e Régio olharam-se e se reconheceram.

Foi um momento difícil para Régio, que gostaria apenas de fazer uma visita à avó Antônia. Com a presença de Nelson e das crianças, Antônia foi acalmando-se e preparou um café para todos. Sentados na cozinha, Nelson comentou que gostaria de falar em particular com Régio, que respondeu não ter nada para conversar e mandou dar mais atenção à nova família constituída por ele.

Depois do café servido pela avó Antônia, Régio despediu-se de todos, entrou no fusca e desapareceu entre as ruas do bairro. Não voltou mais a visitar a avó paterna, pois não desejava encontrar Nelson. Depois desse episódio, Régio soube que Nelson tinha realizado um segundo casamento com Maria Lina Magalhães de Oliveira. Assim, Nelson e Maria Lina tiveram dois filhos: Darci Oliveira e Paula Oliveira. Tempos depois, Régio soube também que o tio Rubens tinha visitado a família em Boa Vista. Esses eventos com a família de Nelson foram comentados por Régio com a mãe, que pediu ao filho para não retomar uma história que tinha ficado no passado. Ele resolveu esquecer esse evento familiar paterno e seguiu a vida com o foco profissional nas escolas de Boa Vista e no Coral regido pelos Maestro Dirson Costa.

Parte 36

O ano de 1979: outras mudanças ocorridas em Boa Vista e na família

O início de 1979 agitou a política de Roraima. Foi o momento da saída do governador Fernando Ramos Pereira (coronel do Exército), e assumiu o brigadeiro Ottomar Pinto. A burguesia local estava tendo atritos com Ramos Pereira, e soltou fogos com a saída do governador. Havia esperança de mudanças com o novo governador da Aeronáutica.

Durante os dois governos, a Prefeitura foi administrada por roraimenses. De abril de 1974 até março de 1978, o prefeito de Boa Vista foi Júlio Martins. De março de 1978 até abril de 1979, assumiu a Prefeitura Luiz Aimberê Soares de Freitas. Assim, entre abril de 1979 e maio de 1981, o prefeito foi João Danilo Souto Maior Nogueira.

O ano de 1979 foi bastante agitado para a família de Delzira em Boa Vista. Rossinete, que morava com os sogros, continuava na função de professora, tinha o filho Kroiff, mas quase não visitava a família na Avenida Terêncio Lima. No início do citado ano, realizaram-se os preparativos para o casamento de Rosanir com Marcos Braga, que morava em Manaus; o jovem com o qual Rosanir havia iniciado um namoro na época do movimento jovem na Paróquia São José na Rua Belo Horizonte. Assim, Marcos Braga tornou-se seu primeiro esposo.

Para a celebração do casamento, a família de Marcos deslocou-se de Manaus para Boa Vista. Grande parte da família Braga gostaria de prestigiar o casamento, que foi realizado na Catedral Cristo Redentor. A recepção foi na sede do Clube da CABEC (antigo clube dos cabos do 6º BEC), localizado na área do Igarapé Caranã. Nessa época, o cabo Paulino fazia parte da diretoria do Clube.

Após o casamento, Rosanir acompanhou o marido e a nova família Braga para Manaus, onde passou a residir. Nesse tempo,

Rosângela tinha enviado a documentação escolar para exames de seleção para o curso de Medicina na Venezuela. Assim, após o casamento da irmã, Rosângela viajou para a Venezuela a fim de estudar, pois tinha sido aceita no referido curso. Não conseguiu ficar em Caracas, mas na cidade de Barquisimeto. Lá, ficou hospedada na residência de uma família que deu apoio à estudante roraimense.

Com a ajuda de Paulino, Rosângela conseguiu uma bolsa de estudos no Brasil, para auxílio nos estudos na Faculdade de Medicina em Barquisimeto. Nesse meio-tempo, a família venezuelana comunicou aos pais de Rosângela que ela estava grávida e a gestação foi no Brasil, e não na Venezuela.

A família em Boa Vista ficou sabendo que Rosângela tinha tido um rápido namoro com um primo de Marcos Braga, de nome Lázaro. Era um jovem de fama desonesta, com comportamento enganador, que fazia parte do ramo familiar Braga da Colômbia. Tinha tido outros relacionamentos, com filhos e as mães solteiras.

Nesse ano, Lázaro foi para a Venezuela, e Rosângela deixou a casa da família venezuelana. Ela assumiu o compromisso de casamento com Lázaro Pérez, que esperou o nascimento do filho. Ao nascer em Barquisimeto, o filho de Rosângela e Lázaro recebeu o nome de Rian Noelo Gomes Pérez. Porém, por ser colombiano e de péssima fama, Lázaro não pôde ficar muito tempo na Venezuela. Sozinha em Barquisimeto, Rosângela começou a trabalhar para manutenção própria e do filho. Largou os estudos de Medicina, pois não dava conta, e perdeu a bolsa de estudos.

Ainda no ano de 1979, em Boa Vista, Régio foi elogiado pelos diretores das escolas onde desenvolvia as aulas de Educação Artística. No entanto, o jovem professor percebeu que o tempo das oportunidades estava mudando com a chegada dos imigrantes com formação universitária. Então, resolveu retomar a faculdade. Decidiu voltar ao Rio de Janeiro, para cursar a Licenciatura em Educação Artística.

Assim, no segundo semestre de 1979, com apoio do amigo Aiub Thomé Abdala, filho da professora Cidalina e Mário Abdala, que estudava no Rio de Janeiro, fez a inscrição para o vestibular. Por ter perdido o prazo para a Universidade Federal, a inscrição foi para a faculdade privada, que tinha a inscrição aberta para a referida Licenciatura.

Nesse sentido, em dezembro de 1979, Régio viajou para o Rio de Janeiro em férias e prestou vestibular para Educação Artística. Ficou hospedado no apartamento da professora Cidalina, que estava no Rio acompanhando a mãe, Cecília Macellaro, que tinha realizado uma cirurgia de emergência para retirar um tumor na cabeça. A Sra. Cecília estava recuperando-se bem, e a professora Cidalina começou a se organizar para retornar com a mãe para Boa Vista, enquanto o filho Aiub e a sobrinha Jucilene continuariam os estudos na cidade maravilhosa.

Por volta do mês de janeiro de 1980, a irmã Rosanir estava de férias e resolveu visitar Régio no Rio de Janeiro. Juntos, foram visitar a viúva tia Maria, que era casada com o irmão de Francisca, mãe de Paulino. Régio tinha visitado antes a referida tia, pois havia pego o endereço da tia de Paulino em uma carta que foi endereçada para ele em Boa Vista.

Régio e Rosanir viajaram de trem da Central do Brasil para o bairro Bangu na zona oeste. Era conhecida também como Estação Dom Pedro II. A Estação Central do Brasil é uma das mais famosas estações de trem do nosso país. Ao descerem do trem na Estação Bangu, Régio e Rosanir seguiram para o endereço da tia de Paulino. Ao chegarem à casa, os dois irmãos foram cumprimentados pela tia Maria e conversaram com filhos dela.

Então, durante a conversa com os primos e tia Maria, Régio apresentou também a irmã Rosanir à avó Francisca, mãe de Paulino. Ela estava morando só, em uma pequena casa, no terreno da tia Maria. A avó Francisca ficou feliz em receber os filhos adotivos de Paulino. Ela comentou que sentia muita

saudade dos filhos. Era uma mulher que se mostrava feliz e alegre, pois dizia que estava com saúde.

Depois dessa visita no bairro Bangu, Régio e Rosanir foram de ônibus à cidade de Santos em São Paulo. Ficaram hospedados em um apartamento na Praia do Gonzaga, que pertencia à irmã de uma amiga de Régio. Essa amiga era professora e esposa de militar do 6º BEC, que tinha acompanhado o marido transferido para Boa Vista. Depois do turismo em Santos, regressaram para o Rio de Janeiro, onde Rosanir embarcou no avião para Manaus e Régio para Boa Vista. Ele precisava regularizar a situação de Professor Leigo após as férias e o novo semestre escolar.

Régio foi aprovado para a Licenciatura em Educação Artística nas Faculdades Integradas Bennett, com Câmpus localizado na Rua Marquês de Abrantes no bairro Flamengo. Em março de 1980, iniciou o curso, sendo exonerado da função de Professor Leigo em Boa Vista, pois a Secretaria de Educação e Cultura de Roraima (SEC/RR) não concedeu bolsa nem autorizou o funcionário para afastamento de capacitação.

Desse modo, Régio vendeu o Fusca e guardou o dinheiro em poupança para manter-se nos estudos na cidade do Rio de Janeiro. Destaco que, na época, o governador do Território Federal de Roraima era o brigadeiro Ottomar Pinto, que ampliava as estruturas governamentais para atender o novo contingente, que buscava oportunidades ou que chegava para assumir funções no governo local.

Parte 37

De Boa Vista para o Rio de Janeiro: o jovem Reginaldo e as experiências no processo acadêmico de aprendizagem

No primeiro semestre de 1980, por indicação do amigo Hilmar Alvarenga, do bairro Abolição, Régio alugou um quarto em um apartamento de uma família no Posto 6 no bairro de Copacabana, Rio de Janeiro. O jovem universitário frequentava as aulas no bairro do Flamengo e, nas horas vagas, caminhava pela Praia de Copacabana ou de Ipanema. A praia sempre cheia de pessoas bonitas, caminhando, praticando esportes ou sentadas na praia. Em alguns momentos, vendedores ambulantes ofereciam diferentes produtos.

Em visita aos amigos estudantes universitários de Boa Vista no bairro de Fátima - Jucilene e o primo Aiub Thomé -, Régio teve contato com o amigo Hélivio de Souza Cruz, primo de Getúlio Cruz (ex-governador de Roraima) e colega do curso noturno em Boa Vista em 1972.

Nesse encontro, Hélivio comentou que estava cursando uma pós-graduação/Especialização em Educação Física na Universidade Gama Filho. Enquanto os amigos roraimenses conversavam, Hélivio convidou Régio para morar com ele no apartamento alugado, localizado em Jacarepaguá, próximo ao Largo da Taquara na zona oeste do Rio.

Assim, no segundo semestre de 1980, Régio foi para Jacarepaguá dividir o apartamento de dois quartos, sala, cozinha, área de serviço com o amigo Hélivio. Para chegar às Faculdades Integradas Bennett, a viagem de ônibus até o bairro do Flamengo era demorada, contudo o sacrifício era positivo por habitar um amplo espaço com o amigo roraimense. Nesse período Régio conheceu a jovem professora de Educação Física Adelina, que se tornou esposa de Hélivio.

Ainda no início de 1980, Rosângela e o filho Rian chegaram a Boa Vista. Delzira e Paulino perceberam a dificuldade financeira dela morando na Venezuela. Ela não estava mais estudando, por isso, aconselharam que ela ficasse em Boa Vista, pois conseguiria melhorar sua vida com o filho pequeno. Assim, Rosângela ficou morando com os pais na Rua Terêncio Lima. Nesse tempo, trabalhou no Serviço Social e na direção do Centro de Artesanato, localizado na Rua Floriano Peixoto.

No fim de 1981, Rosângela integrou o grupo de professores da Secretaria de Educação, ministrando a disciplina de Educação Artística e Português na Escola Estadual Barão de Parima, bairro São Vicente. Enquanto trabalhava, o filho Rian, ficava aos cuidados dos avós Paulino e Delzira.

Nas festas de fim de ano, Régio deixava o Rio de Janeiro e vinha para Boa Vista visitar a família. Aproveitava para ministrar curso de verão (janeiro/fevereiro), por meio da SEC/RR, para capacitação na área de Artes de professores da rede pública. Em Manaus, Rosanir exercia a função de professora de alfabetização na rede municipal. Residia com o marido, Marcos Braga, e a bebê Lana de Oliveira Braga na antiga casa do sítio da família na Rua do Curre ou Travessa Belo Horizonte em Adrianópolis.

Durante o curso no Rio de Janeiro, Régio teve contato com o regente Sidney do coral das Faculdades Integradas Bennett e foi convidado a compor o grupo coral. Descobriu que, no Coral Bennett, exigia-se leitura de partitura e aulas de canto. Foi quando conheceu a professora Maria Helena Bezzi, que preparava os coristas da Bennett com técnica vocal. Ela ficou surpresa com a facilidade que o corista roraimense tinha na aprendizagem do repertório.

A professora Maria Helena não sabia que Régio não lia partitura, mas tinha o ouvido treinado para escutar uma única vez os acordes melódicos, repetindo de forma afinada e memorizada. Técnica aprendida com o maestro Dirson Costa durante os ensaios no Coral do Território Federal de Roraima.

Assim, a professora Maria Helena incentivou Reginaldo a entrar no Curso de Música na área de Canto. Era importante saber ler a partitura e ter iniciação do instrumento piano. Ela conseguiu uma bolsa de estudos com a professora de piano Amália Fernandez Conde, integrante do grupo de fundadores do Conservatório Brasileiro de Música (CBM) do qual era a diretora. Foi assim que Régio frequentou o Curso Técnico em Canto, com técnica de iniciação ao piano, no CBM, localizado na Avenida Graça Aranha, centro do Rio de Janeiro.

Paralelamente ao curso de Licenciatura e o curso de Canto, Régio mantinha contato com a professora Noêmia Varela, por meio dos encontros de professores de Arte-Educação. A professora Noêmia, uma das fundadoras da Escolinha de Arte do Brasil, incentivou Régio a fazer o Curso de Arte-Educação na referida escolinha, localizada na Avenida Carlos Peixoto em Botafogo, Rio de Janeiro.

No segundo semestre de 1981, o amigo HÉlvio estava concluindo o curso de Especialização na Universidade Gama Filho. O estudante roraimense Régio não tinha condições financeiras para assumir o aluguel do apartamento sozinho. Então, começou a procurar outro lugar e a possibilidade de alugar um quarto na zona sul. Ao conversar com os amigos Jucilene Barros e Aiub Thomé, eles comentaram que seria possível morar com eles no apartamento do bairro de Fátima. Comentaram que Jucilene estava quase no fim do curso de Psicologia na Faculdade Santa Úrsula em Botafogo; e Aiub não estava muito contente com o curso de Economia na Faculdade Cândido Mendes, estava pensando em transferir-se para Manaus.

Assim, Reginaldo conversou com a professora Cidalina, que autorizou compartilhar o apartamento com o filho e a sobrinha. O apartamento localiza-se na Avenida Nossa Senhora de Fátima, próximo ao Largo ou Praça Circular. No Largo, há uma escada de comunicação com o bairro Santa Teresa, onde poderia pegar o bonde para o Centro. No entanto, no Largo, havia ponto de

ônibus que levava para o Centro ou zona sul. A referida avenida tem ligação com a Avenida Mem de Sá, que passa pela Lapa, região da boemia carioca. No segundo semestre de 1981, Régio passou a habitar o referido apartamento até a formatura em dezembro de 1983.

Parte 38

Outras informações sobre o processo de formação acadêmica de Régio

Aqui, vou abrir um parêntese para comentar, um pouco mais, sobre o ambiente de formação profissional do jovem Reginaldo. Com a experiência de professor de Artes em Manaus e Boa Vista, ele deixou a capital do Território Federal de Roraima e se instalou no Rio de Janeiro. O objetivo era atualizar ou aperfeiçoar seus ensinamentos pedagógicos no campo das Artes, com base na proposta da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 5.692 de 11 de agosto de 1971.

Essa proposta educacional tornou obrigatório o ensino de Artes nas escolas de 1º e 2º grau por meio da disciplina Educação Artística. Essa disciplina desenvolvia atividades do ensino de artes plásticas, música, teatro e dança de forma polivalente, ou seja, um ensino multidisciplinar de conhecimento básico. Porém, ao chegar ao Rio de Janeiro, o referido jovem professor deparou-se com outro universo de formação crítica e inovadora do ensino da Arte.

Nesse sentido, o contato com a formação do professor na Escolinha de Arte do Brasil foi entrar em um universo de informações inovadoras sobre o ensino de Artes e o papel do professor no ensino-aprendizagem. A Escolinha de Arte, criada em 1948, foi uma iniciativa do artista de Pernambuco Augusto Rodrigues. Nesse contexto, a citada escolinha foi o lugar de formação de muitos arte-educadores que atuavam no ensino formal.

Assim, na Escolinha de Arte, Régio cursou um dos módulos do curso em Arte-Educação, voltado para o Ensino das Artes Plásticas. A professora Noêmia Varela conversava com os alunos sobre os fundamentos filosóficos da Arte no processo da Educação. Melhor dizendo, era um estímulo ao debate estético

e análise sobre a obra de arte e o conhecimento dos aspectos socioculturais. Nesse tempo, conheceu a artista plástica Fayga Ostrower, com debates sobre a sensibilidade do intelecto no processo de criação.

Outra importante artista e arte-educadora foi Laís Aderne, que, depois, foi uma incentivadora na criação de Associações de Arte-Educação nos diferentes estados brasileiros. No campo da música, teve contato também com a educadora e compositora Cecília Conde, filha de Dona Amália Fernandez Conde (CBM, RJ). Todas as professoras participavam dos debates inovadores da arte-educação.

Ampliando esse universo do ensino por meio da arte, realizou-se, de 15 a 19 de setembro de 1980, a Semana de Arte e Ensino na Escola de Comunicações e Artes/Universidade de São Paulo (ECA/USP), um dos maiores eventos do Ensino de Artes no país. Foi um evento com distintos debates e manifestações políticas, culturais, artísticas, educacionais com foco no tema Democracia. A conhecida Semana de Arte e Ensino reuniu diferentes profissionais na área das Artes, Letras e Literatura, Filosofia, Psicologia, Antropologia, Ciências Sociais, entre outros campos das Ciências Humanas, ampliando o debate sobre o Ensino de Artes.

Alguns desses profissionais do citado evento estavam voltando para o Brasil, beneficiados pela Lei nº 6.683 - Lei de Anistia - promulgada em 28 de agosto de 1979, pelo último presidente do regime militar, general João Batista Figueiredo. A citada lei concedia o livre retorno dos brasileiros exilados durante os governos militares. Alguns professores de Reginaldo nas Faculdades Integradas Bennett eram também do grupo de anistiados, com mestrado ou doutorado realizados na Europa, especialmente na França, Inglaterra e Alemanha.

Entre os anistiados presentes na ECA/USP, estava Paulo Freire, que fez a conferência de abertura do evento. Na sua fala, diversificou estratégias e reflexões sobre os novos caminhos do

ensino de Artes. As conferências apresentavam novas abordagens sobre o ensino criativo pela Arte-Educação. Em algumas falas, eram citadas obras de Herbert Read, um dos líderes do movimento de educação pela arte europeia. Eram discussões sobre fundamentações teóricas, que abriram uma ruptura na formação do professor da Educação Artística de ensino polivalente. Para o referido evento na ECA/USP, Reginaldo viajou de ônibus do Rio para São Paulo na companhia de outros estudantes de Artes das Faculdades Integradas Bennett.

Nesse evento Reginaldo teve o primeiro contato com a professora Ana Mae Barbosa, citada com muito carinho pela professora Noêmia Varela durante o curso de Arte-Educação. No evento, Régio matriculou-se na muito concorrida Oficina de Artes ministrada por Ana Mae. Durante o curso, conheceu Marcos Frota, que estudava teatro. Depois, Marcos Frota mudou-se para o Rio de Janeiro e iniciou a carreira de ator de telenovelas na TV Globo. Muito mais tarde, ele se tornou dono de circo.

No fim do evento na ECA/USP, Marcos Frota convidou Régio para conhecer o trabalho de teatro universitário. Ele e outros atores e atrizes estavam desenvolvendo algumas performances teatrais em São Paulo. Assim, o paulistano e o roraimense iniciaram uma amizade, com boas discussões sobre o ensino e a interpretação por meio da Arte. Uma ação teatral diferenciada da proposta pela Educação Artística. Marcos ficava fascinado com as histórias amazônicas narradas por Régio, que tinha várias experiências no campo do ensino de Artes em Manaus e Boa Vista.

No Rio de Janeiro, durante o curso de canto da turma da professora Maria Helena Bezzi, tanto no CBM como na residência dela, Régio teve contato com alguns artistas da TV Globo: a jovem Ana Beatriz Nogueira, Berta Loran e muitos cantores de concertos de músicas clássicas ou de óperas.

Entre os cantores, alguns eram integrantes do Coro do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Maria Helena incentiva os

alunos para participação nos concertos e apresentação de óperas, realizados no Teatro Municipal, ou em outras salas de concertos no Rio de Janeiro. A professora de canto tinha um carinho especial por Reginaldo, por ser professor, e não apenas um intérprete da Música. Era um aluno que debatia com a professora os métodos do ensino da técnica vocal e da interpretação musical. Tinha interesse pela História da Música.

Nesse caso, o jovem estudante roraimense, que recebia uma formação na Educação Artística, viu-se diante de outro ambiente formador, com debates calorosos sobre a necessidade de transformação do processo pedagógico no campo da Arte e da Educação. Processo transformador em que os temas abordados abriam rupturas e contraposições nas temáticas tradicionais no ensino da Arte. Propunham um diálogo com a sociedade ou comunidades, delineando um compromisso com a cultura e a história, trazidas pelos alunos e professores para o espaço da escola.

Era um ambiente educacional plural de formação e aprendizagem, para pensar no ensino criativo e de vanguarda. Um ensino da Arte contrário ao proposto pela formação de professor polivalente, da Educação Artística, da LDB de 1971. Capitais como Rio de Janeiro, São Paulo, Brasília e Porto Alegre sediaram vários encontros de Arte-Educação, com participação de professores e alunos universitários.

Eram eventos favoráveis ao estímulo do processo de sensibilidade estética, ou do modo de trocar com o outro a experiência do saber e da formação profissional, por meio da Arte-Educação. Eram propostas que ampliavam o debate da dimensão do processo criador e educacional entre os diferentes representantes estaduais presentes nos eventos.

Abro outro parêntese para comentar que, no fim dos anos 1970 e início dos anos 1980, muitos roraimenses chegaram ao Rio de Janeiro para desenvolver seus estudos universitários e também de pós-graduação. Nesse tempo, representando o governo do

Território Federal de Roraima na cidade maravilhosa, estava Jaber Xaud, que residia no bairro de Ipanema. Jaber organizava encontros com os roraimenses estudantes no Rio de Janeiro. Assim, Reginaldo, Aiub, Jucilene, entre outros, participavam dos eventos organizados por Jaber Xaud para confraternização desses jovens de Boa Vista, que estavam longe dos familiares.

Parte 39

Régio e os membros da família Paulino da Silva no Rio de Janeiro

A partir de 1980, estudando no Rio de Janeiro, Régio retomou as visitas a Santa Cruz, para encontrar-se com as irmãs Sonia e Neuzinha que moravam com a avó materna. Quando a mãe delas, Neusa Maria, estava bem de saúde, Régio e as irmãs almoçavam com ela, que tratava bem o filho adotivo de Paulino. No entanto, quando as visitas eram realizadas nos momentos de crise de Neusa Maria, as irmãs aconselhavam Régio a não visitar a mãe delas.

Em algumas dessas visitas a Santa Cruz, Régio dormia na casa da avó das irmãs Silva. Em fins de semana prolongados, seguia com os amigos de Sonia e Neuzinha para as praias de Sepetiba. Em um desses passeios, Régio conheceu Carlinhos, namorado de Sônia e futuro esposo. Era um grupo de jovens animados, que viajavam de fusca pela longa estrada de Sepetiba até chegar à praia.

Historicamente, as praias de Sepetiba foram usadas como porto colonial para exportação do pau-brasil para a Europa. No século XIX, com a fazenda de verão da família imperial em Santa Cruz, as praias de Sepetiba eram frequentadas pela elite de nobres e convidados. A diversão eram as touradas, os saraus e as danças portuguesas. Nos anos 1960, a região de Sepetiba começou a ser loteada, mas nos anos 1980, ainda havia poucas casas na região.

No decorrer dos anos 1980, durante o curso nas Faculdades Integradas Bennett, Régio voltou também a visitar a tia Maria em Bangu na zona oeste. Era um bairro onde havia grupos de bandidos, que, de certo modo, controlavam o bairro. Nessas visitas, teve contato com um dos filhos da tia Maria, conhecido como Manoelzinho, um influente comerciante no bairro. Ele

era proprietário de uma loja de móveis e de uma oficina de marcenaria, com criação de mobiliário.

Assim, o primo de Paulino, Manoelzinho aconselhou Reginaldo a ter mais cuidado ao descer na estação de trem em Bangu. Caso fosse importunado por alguém, bastava dizer que era primo de Manoelzinho da loja de móveis, que ele estaria seguro. Na residência de tia Maria, Régio sempre visitava também a avó Francisca, que comentou sobre o filho de nome Manuel que residia no município de Macaé, Rio de Janeiro, distante aproximadamente 180 km da capital.

Régio pegou o endereço com tia Maria, pois sua filha casada, de nome Nilce, era vizinha de Manuel Paulino da Silva. Assim, certo dia, Régio foi até um terminal rodoviário na Central do Brasil e pegou o ônibus para Macaé. Conforme lhe orientou o filho caçula de tia Maria, a viagem era longa pela rodovia, que passava pela Ponte Rio-Niterói e seguia rumo a Macaé.

Esse filho de tia Maria disse a Régio que explicasse ao motorista que, ao longo da rodovia, ao dobrar à direita em direção ao município de Macaé, ele deveria descer no terceiro posto de combustível. Ao descer do ônibus, deveria atravessar a rodovia e seguir até a rua de chão (hoje, Josias Vieira Dantas), paralela à rodovia. Lá teria informações sobre o Ferro Velho de propriedade de Manuel, irmão de Paulino.

Ao deixar o terminal rodoviário, foram quase três horas de viagem de ônibus pela rodovia para Macaé, conforme o prevenira o caçula de tia Maria. Com a orientação do motorista, Régio desceu na rodovia em frente ao posto de gasolina. O jovem roraimense olhou para o outro lado da rodovia e avistou algumas casas. Atravessou a rodovia e caminhou até a primeira rua de chão, paralela à rodovia. Seguindo a orientação do filho da tia Maria, dobrou à esquerda e andou pela rua de chão até uma residência, com amplo terreno e muitas árvores, onde bateu palmas.

Em seguida, um jovem veio atender no portão e Régio pediu informações sobre o Ferro Velho do Sr. Manuel Paulino da

Silva. O jovem disse que conhecia, pois ele era primo da mãe dele, Nilce. Imediatamente, Régio se identificou como filho adotivo de Paulino, foi convidado a entrar e conheceu Nilce. Durante a conversa, Nilce disse que a mãe, Maria, já havia comentado sobre a visita do filho do primo Paulino, que morava na Amazônia.

Depois de tomar um café oferecido por Nilce, o filho dela acompanhou Régio até o Ferro Velho, que ficava na mesma rua. Ao chegarem a uma casa simples, mas com amplo terreno e galpão com muitos pedaços de carros velhos, Régio foi apresentado a Manuel, à esposa, aos filhos e netos. Manuel mostrou-se surpreso com a visita do filho adotivo de Paulino e comentou que os parentes tinham pouco contato. Ele mesmo não tinha mais notícias das filhas de Paulino, que moram em Santa Cruz.

Régio ainda fez outras visitas a Manuel e a Nilce, que se mostravam contentes com a visita do parente de Paulino, que estava na Amazônia e não pretendia mais regressar para o Rio de Janeiro. Ao visitar tia Maria, Régio era sempre recebido com alegria pela idosa senhora, que gostava de receber notícias do sobrinho Paulino na Amazônia. Do mesmo modo, quando Régio visitava as irmãs em Santa Cruz, era sempre bem recebido.

O tempo correu e chegou o fim de 1983. Delzira deixou Boa Vista e chegou ao Rio de Janeiro para assistir à colação de grau da Licenciatura em Educação Artística, com foco nas Artes Plásticas, de Reginaldo nas Faculdades Integradas Bennett. Após o evento e as celebrações, ambos retornaram para Boa Vista. Ao apresentar o currículo na SEC/RR, Reginaldo foi identificado como o primeiro roraimense que chegava com formação superior no campo do Ensino de Arte, com amplo conhecimento em Artes Plásticas e Música na área de Canto.

Parte 40

Do Rio de Janeiro para Boa Vista: outros projetos e troca de saberes no campo da Arte e da Educação

Ao retornar para Boa Vista, o recém-graduado Reginaldo foi morar com a família na Avenida Terêncio Lima, bairro Centro. Depois de entregar o currículo na SEC/RR, foi chamado para a entrevista. Por apresentar formação na área de Música, perguntaram se ele atuaria nesse campo da Arte também. Ele respondeu que sim, tinha uma boa formação em canto. Nesse tempo Reginaldo conheceu a professora de piano e arquiteta Cinthia Marques, que havia chegado do Rio de Janeiro.

Cinthia estava desenvolvendo um trabalho de iniciação musical com crianças no Palácio da Cultura, Praça do Centro Cívico. Ela contava com a participação do maestro da Banda de Música do 6º BEC de nome Francisco, e também tinha o apoio da cantora local Elienai Menezes. Reginaldo foi convidado a juntar-se ao grupo, iniciando uma discussão sobre a possibilidade de um curso de iniciação musical em Boa Vista.

Em seguida, foi contratado pela SEC/RR como professor de Educação Artística, mas com o objetivo de – com o grupo de músicos que estava desenvolvendo as atividades de canto coral com as crianças no Palácio da Cultura – elaborar um projeto para criação da Escola de Música de Roraima, com formação básica em música: instrumentos e canto coral.

Todo o trabalho de discussão e construção do projeto musical era acompanhado pela coordenadora de Artes da SEC/RR, professora Izaíra Evangelista. Nesse momento, a coordenação de Artes estava vinculada ao Departamento de Cultura da SEC/RR, que funcionava em uma dependência do Palácio da Cultura. Novamente, Reginaldo encontrou-se com a professora Augusta (ou Guga), que era a diretora do citado departamento.

Assim, em março de 1984, em um pequeno prédio residencial, transformado em escola, localizado na Rua Coronel

Pinto (Centro), iniciaram-se as aulas de música com ensino teórico e práticas. A prática musical era por meio do canto coral e instrumentos: piano, acordeão, violino, violão e variados de sopro. Paulo Richard, irmão caçula de Reginaldo, iniciou o estudo de piano na Escola de Música de Roraima (Emur). De modo informal, Paulo Richard tocava teclado e violão.

Nesse sentido, a Emur foi considerada a primeira escola de música de Roraima, com um corpo docente qualificado na área. O corpo docente era formado por Cinthia Marques, Reginaldo Oliveira e o maestro Francisco do 6º BEC. Foi incorporada ao grupo inicial a professora Natalina Gavioli, que desenvolvia performance na musicalização para as crianças. Depois, em 1985, chegaram as professoras de piano Jeane Vaptiste e Sandra Asconavieta, ampliando o corpo docente.

Por meio de parceria com a Fundação Nacional das Artes (Funarte), estabelecida no Rio de Janeiro, a SEC/RR desenvolveu cursos de capacitação para os professores de Artes, com foco na música, como política de apoio ao ensino desenvolvido na Emur. Nessa proposta da SEC/RR, os professores da Emur também ministravam cursos de capacitação, com noção de musicalização, para os professores de Artes da rede pública.

Além de professor de Música na Emur, o jovem Reginaldo passou a exercer a função de professor de Educação Artística na Escola Estadual Professor Camilo Dias, localizada no bairro Liberdade, que, na época, estava sendo estruturada. As ruas do bairro ainda eram de chão batido, com poucas casas. Nas aulas desenvolvidas na Escola Camilo Dias, Reginaldo mesclava as orientações polivalentes da Educação Artística com as orientações inovadoras da Arte-Educação.

Na primeira metade dos anos 1980, Boa Vista viveu mudanças culturais, artísticas e históricas, por meio de encontros, seminários, cursos de capacitação, que ampliavam discussões impetuosas sobre temas regionais de identidade, cultura, história e arte de Roraima. Os festivais de música apresentavam nas

canções regionais parte dessa problemática, procurando cantar temas que identificassem culturalmente Roraima.

Foi um período de presença de um grande contingente roraimense com formação universitária, que debatia essa temática regional com profissionais universitários imigrantes. Eram imigrantes com variada formação universitária, que tinham chegado para o trabalho governamental em Boa Vista. O Departamento de Assuntos Culturais de Roraima (DAC/RR) coordenava parte desses eventos culturais e artísticos.

Nesse sentido, em 1984, a canção Roraimeira de Zeca Preto, que ganhou o segundo lugar no II Festival de Música de Roraima, deu visibilidade ao regionalismo roraimense. Com a popularização dessa canção, temas sobre a cidade de Boa Vista, ou termos identificando o rio Branco, os buritizais ou monte Roraima, serra do Tepequém ou lago Caracaranã, tornaram-se signos representativos regionais.

Transformados em símbolos culturais locais, esses temas ilustraram canções e poesias, ou incentivaram performances na dança, ou no teatro, ou emprestaram traços e cores entre as artes visuais, ou da literatura ou da fotografia. Eram temas que incentivavam os debates entre os diferentes profissionais da Arte, Cultura e Educação sobre a identidade de Roraima. Assim, a pluralidade de palavras temáticas do cenário paisagístico natural ampliou o universo da identidade cultural do estado de Roraima. Universo multicultural que influenciou o denominado movimento regional em busca da identidade, da história e cultura local.

Nessa época, a professora da Emur Natalina Gavioli desenvolveu, por meio do DAC/RR, oficinas de expressão corporal ou manifestações performáticas de dança. Eram propostas que tinham sempre temas da cultura regional mesclados com temas nacionais nas apresentações dos dançarinos. Assim, ela coordenou um grupo de jovens dançarinos que apresentavam espetáculos representando o DAC/RR. O conhecido bailarino

Márcio Costa fez parte desse grupo, que teve também a participação de Reginaldo e do irmão Antônio Ranieri.

Foi dessa experiência, por meio das oficinas de dança, que Márcio Costa, Antônio Ranieri e outros jovens de Boa Vista criaram o grupo de dança de rua denominado Complexo A. Os jovens escolhiam o repertório do popular Breakdance ou da cultura do hip hop e criavam a coreografia com muito improviso. As apresentações eram ao ar livre.

No início de 1987, Reginaldo e outros profissionais da arte em Boa Vista participaram de uma oficina de dança, organizada pelo DAC/RR, ministrada pelo bailarino roraimense Paulo Baraúna, já falecido. A oficina realizou-se no prédio da União Operária, que hoje é administrado pela UFRR. O coreógrafo e bailarino Baraúna sentiu-se entusiasmado pela efervescência da temática estética exaltando Roraima. Para encerrar o trabalho na referida oficina, Paulo Baraúna coreografou uma Performance Art denominada Zoodança. Depois dessa oficina, Vânia Coelho desenvolveu essa experiência e apresentou espetáculos com a denominação Zoodança.

Após a referida oficina de dança, Reginaldo retornou aos estudos no Rio de Janeiro. Destaco que, em fins de 1986, houve um incentivo para que o professor da Emur fosse cursar o Mestrado em Música no Conservatório Brasileiro de Música (CBM) no Rio de Janeiro. Reginaldo foi selecionado para o citado curso no CBM e também para a bolsa de estudos do governo de Roraima. Para isso, foi dispensado das atividades de professor em Boa Vista, tanto na Emur como na Escola Camilo Dias.

Porém, antes de iniciar o mestrado, exigia-se o curso de Especialização em Educação Musical, que se realizava no CBM. Em março de 1987, Reginaldo iniciou o curso de Especialização, tendo novamente aulas com a professora Noêmia Varela, uma das ministrantes das disciplinas oferecidas na Especialização. Nesse tempo, Reginaldo retomou as aulas de canto com a professora Maria Helena Bezzi na residência da professora, localizada na Rua Ribeiro de Almeida, bairro Laranjeiras.

Para acomodação na cidade do Rio de Janeiro, Reginaldo contou com o auxílio da professora Cidalina Thomé Abdala. Durante uma conversa com a professora, comentou-se que o apartamento no bairro de Fátima, no Rio de Janeiro, estava desocupado. Assim, ele foi autorizado a se instalar no apartamento durante o curso. Com o apoio da professora Cidalina, Reginaldo conseguiu ter tranquilidade para cursar a pós-graduação no CBM.

Para a monografia final da Especialização no CBM, Reginaldo foi orientado pela professora Cecília Conde, filha de Dona Amália Fernandez. Durante o curso de Especialização, ele foi aluno da professora Cecília que também participava dos debates da Arte-Educação e Musicoterapia. Ao fim do curso, Reginaldo foi aprovado, e no ano seguinte iniciou o mestrado.

Nesse período Reginaldo retomou a participação no debate sobre Arte-Educação por meio das oficinas ministradas por Ana Mae Barbosa e outras profissionais da Arte-Educação. As oficinas eram ministradas durante os encontros de Arte-Educação, que se realizavam no Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília.

Assim, com essas experiências das oficinas e dos encontros, foram surgindo as associações estaduais de Arte-Educação. Nesse movimento das associações de Arte-Educação, Reginaldo conheceu Sônia Lobato, de quem se tornou amigo, uma das presidentes da Associação de Arte-Educadores do Rio de Janeiro (AERJ). Em 1977, durante um desses encontros dos arte-educadores, Reginaldo teve participação no grupo de arte-educadores que criou a Federação dos Arte-Educadores do Brasil (Faeb), a qual desempenhou papel fundamental durante a Constituição de 1988, com posicionamentos em favor do ensino de Artes nas escolas e nas universidades.

Simultaneamente aos estudos de formação acadêmica, Régio sempre visitava os parentes de Paulino. Assim, em 1987, durante uma visita à tia Maria, soube que a avó Francisca tinha ficado cega e foi morar com o filho Manuel Paulino da Silva

no município de Macaé, Rio de Janeiro. Assim, Régio pegou o ônibus na Central do Brasil e chegou a Macaé, no endereço já conhecido, onde moravam a prima Nilce e o irmão de Paulino, Manuel. Na visita, Régio sempre passava na casa da prima Nilce e, de lá, seguia para a casa de Manuel no Ferro Velho.

Ao chegar ao Ferro Velho, foi recebido por Manuel, que explicou a situação de saúde da mãe, Francisca. Ele havia trazido a mãe para morar com ele para dar melhor assistência, pois um dos problemas era a catarata que a deixou cega. Após esse momento de conversa, Manuel levou Régio ao quarto onde estava a avó Francisca.

Quando chegou ao quarto simples, Francisca ouviu a voz de Régio; ela reconheceu e começou a chorar e perguntou por Paulino. Ela dizia que sentia muita tristeza em ter perdido a visão, pois não sabia mais quando era dia ou noite. Em 1988, Régio foi informado do falecimento da avó Maria Francisca da Silva. Depois disso, Régio não voltou mais a Macaé e foi perdendo o contato com os parentes. Uma das causas foi o aumento da violência e dos assaltos no Rio de Janeiro. Os bairros distantes tornaram-se mais perigosos para visitação. Andar de ônibus ou de trem não era mais seguro.

Parte 41

Outros desdobramentos históricos na família na década de 1980

Ainda no segundo semestre de 1981, o casamento de Rosanir com Marcos Braga chegou ao fim. A filha, Lana, tinha aproximadamente três meses de nascida. Rosanir ficou com a filha em Manaus e continuou o trabalho como professora na rede municipal. Mudou-se para uma casa menor na Rua Belo Horizonte, vizinha à antiga Paróquia São José. Nas férias escolares, deixava Manaus e viajava de ônibus com Lana para Boa Vista, onde desfrutava com a família as celebrações de fim de ano.

Depois, Rosanir conseguiu comprar uma casa no conjunto Residencial Campos Elíseos, deixando de pagar aluguel. Continuou com o trabalho de professora para as séries iniciais, de 1ª a 4ª séries do primário. Na segunda metade da década de 1980, conheceu Francisco de Andrade (popular Chico), nascido em Santos, São Paulo, que estava em Manaus desenvolvendo trabalho no campo da Informática.

Assim, por volta de 1988, Chico e Rosanir resolveram assumir um compromisso de casamento e iniciaram um novo ramo da família, os Oliveira de Andrade. Rosanir entrou com o pedido de divórcio de Marcos Braga, que demorou um pouco em razão da burocracia. Ao ser liberada a documentação do divórcio, Chico e Rosanir oficializaram o casamento.

Nesse espaço de tempo, Rosanir resolveu vender a casa em Manaus e, com Chico e Lana, imigrou para o estado de Pernambuco. Lá, Chico continuou desenvolvendo o trabalho no campo da Informática. Assim, em 1989, o casal iniciou uma nova história no município pernambucano de Jaboatão dos Guararapes, onde residiram.

Rossinete continuava o trabalho como professora de Educação Artística para alunos do 1º e 2º graus. Ela prosseguia

com o trabalho na Escola de Formação de Professores (Magistério). Comprou uma casa no bairro dos Estados, onde passou a residir com o marido, Cezário, e os filhos pequenos: Kroiff, Kelly Cristina e Klaus Rainer. De vez em quando, visitava os pais na Avenida Terêncio Lima, levando as crianças.

Entre o fim de 1983 e início de 1984, Doralice e Raimundo resolveram vender a casa no bairro São Vicente. Estavam querendo visitar a cidade de Santarém e passar uma temporada por lá. O Sr. Paulino aconselhou Rosângela a pensar no futuro com o filho e comprar a casa da tia. Ele poderia ajudar mantendo-os em casa. Ela poderia usar o salário integral que recebia para ir pagando a casa.

Assim, Rosângela conversou com a tia Doralice e comprou a casa no São Vicente. Doralice e Raimundo viajaram para Santarém. Aos poucos, Rosângela foi reformando a casa e mudou-se com Rian para lá. O tempo correu e Doralice com Raimundo não se adaptaram em Santarém. Entre o fim de 1985 e início de 1986, retornaram para Boa Vista e compraram uma casa em um bairro recém-criado, de nome Asa Branca. Era um bairro com muitos nordestinos, talvez isso tenha influenciado o nome em homenagem ao “rei do baião” – Luiz Gonzaga.

Rosângela também continuava com o trabalho como professora de Educação Artística e Português para alunos do 1º e 2º graus. O filho Rian Noelo começou os estudos na Escola Estadual São José. A avó Amélia morou um tempo com a filha Doralice, depois foi para uma pequena casa alugada na Avenida Benjamin Constant. No entanto, por motivos de saúde e da idade, em 1985, avó Amélia (76 anos) passou a morar com a filha Delzira na Avenida Terêncio Lima.

Após ter dado baixa no Exército, Rinaldo começou um trabalho como professor na Emur com o instrumento violão. No entanto, atendendo uma convocação para o serviço militar na Polícia Militar de Boa Vista, ele resolveu ingressar nessa nova carreira profissional da Polícia Militar. Nesse tempo, assumiu um

compromisso de casamento com Socorro Carvalho, que vinha de um primeiro casamento, com duas filhas, Gisely e Gizane, que foram adotadas por Rinaldo.

Nesse contexto, na festa de Réveillon de 1983 para 1984, nasceu o filho de Rinaldo e Socorro. Rinaldo desfrutava com os pais e irmãos a animada festa da passagem do ano na casa da Avenida Terêncio Lima. Alguns minutos após os brindes da meia-noite, o telefone tocou e Rinaldo foi chamado para ir até a maternidade. Assim, na madrugada do dia 1º de janeiro de 1984, nasceu Radvan Carvalho de Oliveira.

Ainda na segunda metade dos anos 1980, em Boa Vista, durante as férias de fim de ano, Reginaldo ministrou novamente cursos de capacitação, no campo do ensino de Artes, para professores de Arte e também para professores rurais do Magistério Indígena. Percebeu o crescimento musical do irmão Paulo Richard, que continuava estudando na Emur. Assim, Régio convidou o irmão para ir com ele para o Rio de Janeiro e tentar fazer a Licenciatura em Música, voltada para o ensino de piano. O irmão caçula aceitou e, no início de 1988, acompanhou Régio para a cidade maravilhosa.

No entanto, em dezembro de 1987, a avó Amélia não estava bem. Sentiu dores no peito, falta de ar e foi internada no Hospital Coronel Mota. Diagnosticaram entupimento nas artérias coronárias. A solução seria uma cirurgia para colocação de ponte de safena. Infelizmente, não era possível realizar a cirurgia no Hospital Coronel Mota. O médico cardiologista informou a Reginaldo que, em Boa Vista, não era realizado tratamento cardíaco de alto risco.

Assim, sem chance de realizar a cirurgia cardíaca, Régio e os familiares viram a situação de saúde da avó Amélia agravar-se. Em um final de tarde, após a visita da filha Doralice ao hospital, Lucinda Amélia Bezerra faleceu. O velório da avó Amélia foi na Igreja Nossa Senhora de Nazaré na Avenida Ville Roy. O enterro foi no Cemitério Nossa Senhora da Conceição no bairro

São Vicente. Era o mês de aniversário dela, que completaria 79 anos. Foi um dezembro muito triste para a família, que viu partir a matriarca cearense, uma mulher guerreira que lutou pela felicidade e bem-estar da família.

Parte 42

O ano de 1988: Paulo Richard e Reginaldo, os estudos acadêmicos no Rio de Janeiro

Era a primeira vez que Paulo Richard visitava o Rio de Janeiro. Ficou entusiasmado com a cidade e as distintas ofertas de lazer no âmbito da cultura e da arte. Passou a morar com Régio no apartamento da professora Cidalina no bairro de Fátima. Régio introduziu o irmão no mundo técnico da performance do piano. Paulo Richard acreditava que sabia tudo sobre o modo de tocar piano, porém logo percebeu que o mundo musical vivido em Boa Vista estava muito distante das manifestações inovadoras musicais do Rio de Janeiro.

Antes de fazer o vestibular em Música na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Régio explicou ao irmão que ele necessitava melhorar a técnica de passagem dos dedos pelo teclado, produzindo melhor qualidade sonora na interpretação pianista. Isso era importante para a aula prática na seleção do vestibular. Para isso, contou com a ajuda do amigo pianista e professor Luiz Senise, que, em momentos especiais, acompanhava os alunos de canto da professora Maria Helena.

Antes de apresentar Paulo Richard ao pianista Luiz Senise, Régio explicou ao irmão que ele teria contato com uma das maiores referências do piano brasileiro, elogiado pela crítica internacional em decorrência de suas fantásticas interpretações de Debussy e Liszt no Carnegie Recital Hall, cidade de New York, Estados Unidos. Luiz Senise tinha aperfeiçoado seus estudos internacionais na Áustria, Suíça e França. Régio esperava que o irmão aproveitasse cada explicação do músico e professor Senise.

Assim, após contato de Reginaldo, Luiz Senise recebeu os irmãos no seu apartamento, com um belo piano na sala, onde explicou algumas técnicas do instrumento e pediu para Richard tocar qualquer peça do repertório desenvolvido na Emur em

Boa Vista. Após a apresentação de Richard, Senise demonstrou alguns dos vícios de erros adquiridos pelo estudante. Senise conversou com Reginaldo e explicou que Richard era talentoso, mas precisava corrigir os erros de interpretação para realizar uma boa audiência prática no vestibular. Aceitou ajudar o irmão de Régio com aulas, mas exigiu que Richard tivesse acesso a um piano para praticar diariamente os exercícios indicados por Senise.

Para ajudar no desenvolvimento das aulas de piano, Reginaldo contou com o auxílio da professora Maria Helena, que, nas horas vagas, cedia o piano na sua residência para Richard praticar. Contou também com o apoio da amiga de canto Heloisa Martins, que morava no Flamengo, com a mãe, Victoria, na Rua Marquês de Abrantes. Heloisa marcava também horários para Richard estudar no seu piano na sala do apartamento. Com apoio dessas amigas, Paulo Richard foi preparado musicalmente no piano para o vestibular.

Paulo Richard foi aprovado no vestibular, e no segundo semestre de 1988, iniciou o curso de Licenciatura em Música, na área do instrumento piano, na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Reginaldo fez um esforço econômico e comprou um piano, para ele e o irmão estudarem juntos no apartamento da professora Cidalina, onde moravam.

No fim de 1988, chegava ao apartamento no bairro de Fátima o sobrinho da professora Cidalina, Wesley Thomé. Ele estava preparando-se para prestar exame de vestibular para o curso de Enfermagem na Universidade Federal. Assim, os três estudantes de Roraima compartilharam o apartamento e a troca de experiências acadêmicas.

Entretanto, durante o ano de 1988, Régio foi convidado pelas irmãs Sônia e Neusinha para um aniversário familiar em Campo Grande, onde Neusinha residia com o marido, Almir, e a pequena filha, Caroline. A festa de aniversário era de Caroline, e Régio levou o irmão Paulo Richard para conhecer as irmãs e os

sobrinhos. Durante a festa, foi feita a apresentação às irmãs, aos cunhados, às crianças e também à mãe, Neusa Maria.

Nesse meio tempo, Paulo Richard estava tendo bom desempenho nos estudos de piano. Começou a estudar técnica vocal, ao lado do irmão Régio, com a professora Maria Helena Bezzi. Durante as aulas, Maria Helena explicava a Paulo Richard dicas de acompanhamento ao piano. Para Maria Helena, o pianista que acompanha os cantores intérpretes de Óperas tem de respirar com o cantor. Nas férias de fim de ano, os dois irmãos vieram para Boa Vista. Os amigos boa-vistenses de Richard perceberam a grande diferença para melhor na interpretação das canções que ele tocava no piano.

Em 1989, ao retornarem para o Rio de Janeiro, Régio e Richard retomaram as atividades acadêmicas. Régio preparava o material para o Exame de Qualificação, para depois concluir o curso de Mestrado com a defesa da Dissertação. Richard, por meio da Universidade, fez amizades com vários músicos da noite carioca e começou a trabalhar na noite. Em vista disso, Régio sempre o alertava sobre a sedução e os perigos da noite carioca.

Assim que chegaram ao Rio de Janeiro, receberam um telefonema de Boa Vista comunicando o falecimento do tio Raimundo Brabo, deixando Doralice viúva, que também tinha uma saúde frágil. Rosiana, filha de Rosimar, continuava morando com a avó-mãe Doralice.

No decorrer de 1989, o casal Chico e Rosanir, e a filha Lana (8 anos) continuavam a vida em Recife, onde nasceram as filhas Mayra e Tayna com o sobrenome: Oliveira de Andrade. Durante a temporada em Recife, a mãe, Delzira, acompanhada do neto Rian, visitou o casal e as filhas em Pernambuco.

No segundo semestre de 1989, Régio foi aprovado na Qualificação do Mestrado e deu início à elaboração da Dissertação. Usava uma máquina de datilografia, para desespero dos outros estudantes roraimenses que dividiam o apartamento no bairro de Fátima. Eles comentavam que sonhavam com o incessante barulho das teclas da máquina.

No fim do ano, Régio foi passar as festas de fim de ano com os pais, e Paulo Richard resolveu ficar no Rio de Janeiro, por ter compromissos com o trabalho de músico na noite carioca. Durante o curso de capacitação de professores de Artes em Boa Vista, Régio soube da criação da Universidade Federal, que seria implantada no início de 1990. Estavam preparando editais para contratação de professores e técnicos para a nova universidade.

Nesse ínterim, Régio soube que havia sido extinto o Curso Superior realizado pelo Centro de Ensino Superior de Roraima (Cesur), que funcionava no prédio da Prelazia, mantido pela Fundação de Educação Ciência e Cultura de Roraima (Fecec). O referido curso foi criado em 1986 para qualificar professores para a rede pública de Roraima com formação universitária. Os alunos que não concluíram o curso na Cesur/Fecec foram transferidos para a nova universidade, denominada Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Após as férias, Régio regressou para o Rio de Janeiro, onde concluiria a dissertação para a Defesa. O Território Federal de Roraima, transformado em Estado Federado com a Constituição Federal em 1988, estava sendo preparado para efetivação do Estado com a eleição em outubro de 1990. Momento em que seriam eleitos o primeiro governador e os representantes da Assembleia Legislativa e do Senado.

No segundo semestre de 1989, Rosângela comprou uma casa no Conjunto Cambará. Ela estava inscrita no programa do governo local, para seleção de uma dessas casas do referido Conjunto Residencial quando estava em construção. No primeiro semestre de 1990, Rosângela conheceu o jovem Eguinaldo Pereira da Cruz. Ele tinha vindo de Ji-Paraná, onde nasceu em 1967. O município interiorano faz parte do estado de Rondônia.

Em Boa Vista, Eguinaldo era funcionário do governo territorial na função de motorista da Secretaria do Trabalho e Bem-Estar Social (Setrabes). Em seguida, Rosângela e Eguinaldo resolveram assumir um compromisso de casamento. Ela se

mudou com o marido e o filho, Rian (11 anos), para a casa no Conjunto Cambará, e a casa do bairro São Vicente entrou em uma grande reforma.

Com a iniciação do ano letivo na UFRR, em março de 1990, Ranieri começou a pensar em realizar os estudos universitários. Muitos jovens roraimenses iniciaram a preparação para o vestibular na UFRR. A cidade de Boa Vista começou a receber muitos jovens de outros estados para o referido vestibular. Ranieri estava concluindo o curso do Magistério e gostaria de prestar o exame de vestibular na UFRR. Ele continuava como professor de Educação Artística, vinculado à SEC/RR, e gostaria de continuar a formação em um curso universitário.

Em meados de 1990, Régio concluiu a Dissertação de Mestrado com o título Roraima, Amazônia de Makunaima e o ensino de música. Com a defesa da dissertação, recebeu o grau de Mestre em Música pelo Conservatório Brasileiro de Música. A orientação foi do professor Dr. Mauro José Sá Rêgo Costa, ou simplesmente professor Mauro Costa.

A dissertação teve como foco principal a avaliação da compreensão do professor ao desenvolver a música no processo educacional, vinculado ao modo de viver/criar/educar, tendo como base, o ensino de música na disciplina Educação Artística. O lugar da pesquisa foi Boa Vista, onde sete escolas de 1º grau foram selecionadas. Das sete escolas, cinco eram públicas e duas privadas. As escolas localizavam-se nos bairros do Centro, São Francisco e Asa Branca. Além disso, foram levantados dados em órgãos oficiais do governo de Roraima e da Prefeitura de Boa Vista, que eram responsáveis pela área de Educação e Cultura.

Ao mostrar a versão final ao orientador, Régio foi surpreendido pela indicação de um novo capítulo para a dissertação que estava concluída. O capítulo deveria apresentar uma pesquisa sobre o não aproveitamento do repertório indígena no ensino de música nas escolas de Roraima.

Régio argumentou com o orientador que o tema era importante, mas se tivesse sido sugerido durante a Qualificação,

poderia ter atendido a sugestão. Porém, com a dissertação concluída, não seria possível levantar os dados em Boa Vista, realizar análise das informações e elaborar o texto do capítulo. Reforçou a fala dizendo que a dissertação cumpriu os objetivos aprovados na Qualificação.

Além disso, o prazo de afastamento das atividades em Roraima para cursar o Mestrado estava no fim. Reginaldo deveria apresentar-se à SEC/RR para o retorno das atividades educacionais. O professor Mauro Costa decidiu que não autorizaria a entrega do trabalho à Coordenação para Defesa. Para isso, teria de ter o capítulo com o tema sugerido pelo orientador. Ele argumentou que, de acordo com o Regimento da Pós-Graduação do CBM, o aluno tinha mais um ano para concluir o curso. Assim, teria tempo para pesquisar e escrever o novo capítulo.

Régio despediu-se do orientador triste e sentindo-se humilhado. Ao chegar ao apartamento no bairro de Fátima, questionava-se sobre a arrogância do orientador em exigir outro tema, que ele não percebeu na Qualificação. Era um tema para outra dissertação, e não tinha tempo hábil para levantar os dados e reescrever aquela dissertação.

Tinha consciência de que, ao voltar para Boa Vista, trabalharia oito horas diárias na Escola de Música de Roraima. Era o momento, então, de regressar para Boa Vista, e não concordava em ser castigado. Sabia que tinha cumprido o planejado para o Mestrado e se sentia humilhado por não realizar a defesa da dissertação por vaidade do orientador.

Na qualidade de professor, Reginaldo tomou uma decisão. Escreveu um documento e anexou à Dissertação, que foi entregue à Coordenação do Mestrado no CBM/RJ. Assim, ao elaborar o documento com base no projeto de qualificação e na conclusão da dissertação, Reginaldo explicou os seguintes pontos:

- 1) o mestrando seguiu a orientação do professor Mauro Costa conforme as sugestões aprovadas na qualificação;

- 2) após conclusão da Dissertação, o orientador sugeriu outro tema para elaboração de um capítulo que não foi contemplado durante as sugestões na qualificação;
- 3) o tema sugerido fazia referência a outra problemática, e a dissertação teria de ser toda reescrita;
- 4) o aluno estava com prazo finalizado do afastamento das atividades educacionais em Roraima para cursar o Mestrado; assim, não teria tempo hábil para desenvolver nova pesquisa, analisar os dados, elaborar a redação ao mesmo tempo que trabalhava 40 horas semanais nas escolas em Boa Vista, Roraima.

Reginaldo apresentou à secretaria do Mestrado esse documento com a Dissertação em anexo. Esperava que a Coordenação do Mestrado em Música analisasse a situação e tomasse as devidas providências para a solução do caso.

Após protocolar o documento na secretaria da Pós-Graduação no CBM, Régio regressou para Boa Vista, assumindo as aulas no curso de Música na Emur, que estava ocupando novas instalações no Parque Anauá. Seu irmão, Richard, ficou no Rio de Janeiro cursando a Licenciatura em Música com o instrumento piano. Continuava também tocando na noite carioca e participava de bandas formadas por amigos, que iniciavam a carreira de músico.

Parte 43

Outros desdobramentos narrativos na década de 1990

Os anos 1990 trouxeram muitas mudanças na vida dos membros da família de Reginaldo em Boa Vista. Por não ter sucesso com as poucas namoradas encontradas, ele desistiu de formar família porque não gostaria de ter filhos sendo solteiro ou separado. Esse tema era muito doloroso para o professor roraimense. Assim, resolveu investir na carreira profissional, com foco na educação, ou seja, na formação de profissionais que valorizassem também a vida e as relações socioculturais.

Porém, ao retomar seus trabalhos de professor em Boa Vista, ficou surpreso com o grande contingente de novos professores na capital. Ao iniciar os trabalhos na Emur, Reginaldo encontrou um novo quadro de professores com formação de curso técnico em Música e estudos informais no campo da Música. Os antigos amigos e professores tinham deixado a Emur por questões pessoais e também por política partidária. Sentiu-se desestimulado, pois, ao cursar o Mestrado em Música, deveria conciliar uma proposta teórico-metodológica com a diversidade de atividades musicais que estavam sendo desenvolvidas na Emur. Não era uma fácil tarefa, pois alguns professores estavam satisfeitos com a metodologia que vinham desenvolvendo.

Nesse tempo, visitou o Câmpus da UFRR, que era muito pequeno, com dois prédios, onde estavam abertos editais de concurso para professor. Reginaldo sentiu-se sem ânimo para fazer o concurso, pois achou uma estrutura física muito improvisada. No contato com os profissionais que atendiam para inscrição do concurso, percebeu que atuavam com pouca experiência na condução das atividades acadêmicas. Assim, desistiu de fazer o concurso, pois na Emur, onde trabalhava, a situação era bem melhor.

No entanto, ao chegar o ano de 1991, Reginaldo passou a lecionar também a disciplina Educação Artística para alunos do curso do Magistério, onde estava trabalhando a irmã Rossinete. Assim, ele dividia suas atividades entre a Escola de Formação de Professores e a Escola de Música. Nesse tempo, Rosângela iniciou o curso de Licenciatura em Letras na UFRR, por meio de uma parceria do governo do Estado e a reitoria da UFRR. A parceria envolvia a qualificação de profissionais da Educação para as escolas de 1º e 2º graus da rede pública.

Ainda em 1991, o casal Chico e Rosanir, com as três filhas, resolveu deixar a cidade de Jaboaão e imigraram para Santos, São Paulo. A família de Chico é de Santos, e ele voltava para a terra natal. Assim, foram recebidos pelos pais de Chico: Sr. Francisco Andrade e Sra. Genir, pela irmã, Sônia, e os dois irmãos mais jovens, conhecidos como Cacau e Dinho.

No início da temporada em Santos, o casal Chico e Rosanir residiu com as filhas em São Vicente. No entanto, logo se estabilizaram em Santos, residindo em um sobrado localizado na Rua Martins Francisco, vizinho da irmã de Chico. Nesse local, Sônia e o esposo, Luiz Sá, residiam em um sobrado com os dois filhos: Gabriel e Bianca. A residência de Sônia e Luiz localizava-se de frente para a Rua Martins Francisco, na Rua Júlio Conceição. Nesse contexto urbano, todos estavam próximos da Avenida Ana Costa. Os pais de Chico residiam na área da Vila Belmiro em uma rua próxima da Rua Doutor Carvalho de Mendonça.

Entre os meses de maio e início de junho de 1991, Régio ficou preocupado em ser jubilado no Mestrado em Música, pois não havia recebido nenhum comunicado do CBM/RJ sobre a defesa da Dissertação. Resolveu pedir ajuda à Secretaria de Educação. Na época, a secretária era a Sra. Diva Brígia. Ele foi recebido pela secretária e narrou o ocorrido com o orientador na fase final da Dissertação. Ela se mostrou surpresa pela atitude do orientador e prometeu escrever um ofício, em nome do governo de Roraima (Ottomar Pinto), pedindo esclarecimentos à Coordenação do Mestrado em Música no CBM/RJ.

Por volta de 11 de julho de 1991, Régio recebeu pelos Correios um comunicado da Coordenação do Mestrado avisando que no próximo dia 17 de julho de 1991, na sala de apresentação de defesa, seria feita a defesa pública do candidato. Ele ficou alegre, mas também apreensivo, pois tinha pouco tempo para se organizar e viajar para o Rio de Janeiro. Isso era uma quinta-feira e no sábado, 13 de julho de 1991, viajou para o Rio de Janeiro levando vários materiais culturais para ilustrar sua apresentação durante a defesa.

Ao chegar ao Rio, ficou hospedado no Flamengo, no apartamento da amiga Heloisa Martins, que ajudou a organizar a apresentação e os convites para colegas e professores se fazerem presentes. Havia um burburinho nos corredores do CBM/RJ de que o orientador reprovaria o orientando por não ter acatado as ordens dele. Isso serviria de exemplo para orientandos rebeldes.

Por volta das 14h30 do dia 17 de julho de 1991, a sala estava lotada de amigos de Reginaldo. A sala comportava umas 40 pessoas, e tinha pouco mais de 60 entre professores e alunos. A banca foi composta pelas professoras Noêmia de Araújo Varela, Kleyde Ferreira do Amaral Pereira, Helena Rosa Trope e Mauro Costa. A Coordenação indicou para a presidência a professora Helena Rosa Trope. Reginaldo pensou que havia algo estranho, porque, geralmente, o presidente da banca é o orientador.

Tranquilamente e seguro nos argumentos, Reginaldo apresentou a defesa dentro do limite de minutos estabelecido pela banca. Todas as professoras da banca comentaram sobre o grande contingente de pessoas na plateia, atentas à defesa do roraimense. Era comum ter poucas pessoas na plateia durante as defesas. As professoras elogiaram o trabalho, mas comentaram a falta do tema sobre a música indígena no ensino das escolas em Boa Vista. Gostariam de saber por que o aluno não incorporou esse tema.

O professor Mauro comentou sobre o esforço e a dedicação do aluno. No entanto, argumentou que, por ser professor em uma

região distante do debate acadêmico, tinha dificuldades em seguir as regras do Mestrado. Ao responder, Reginaldo argumentou com clareza sobre todos os itens postos anteriormente quando entregou a Dissertação. Após os esclarecimentos, a banca se reuniu para avaliar a nota do aluno. Em seguida, a presidente da banca anunciou a aprovação do novo Mestre em Música, com o conceito B – A, B e C eram os conceitos para aprovação.

Todos felicitaram Reginaldo pelo êxito. Comentaram que foi uma bela vitória. Régio agradeceu aos professores e amigos o apoio. Aproveitou para visitar o irmão Paulo Richard, que se mudara do bairro de Fátima para um apartamento no bairro da Tijuca. Continuava o trabalho de músico na noite carioca e os estudos na UFRJ. Depois, Régio retornou para Boa Vista e comemorou com os familiares o título de Mestre.

Parte 44

Régio e a entrada na Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Em Boa Vista, Roraima, no segundo semestre de 1991, ao participar de encontros de professores de Arte organizados pela Secretaria de Educação e Cultura de Roraima (SEC/RR) e o Departamento de Cultura, Régio teve contato com a professora de jornalismo da UFRR, Maria Goretti Leite. Ela ficou surpresa ao saber que havia um professor no Ensino Médio com Mestrado e não foi convidado para a UFRR. Reginaldo comentou com a professora que esteve em 1990 na UFRR, mas não desejou realizar o concurso. Ela comentou que estavam precisando de professor de História da Arte para o curso de Jornalismo e seria importante a contribuição dele. Disse que não precisaria fazer o concurso, poderia trabalhar provisoriamente como professor substituto.

Reginaldo aceitou o convite e se apresentou à Coordenação do curso de Jornalismo. Lá, foi informado que a disciplina História da Arte era selecionada pelo curso de História, pois fazia parte da grade curricular do referido curso. Assim, Reginaldo foi encaminhado ao Departamento de História, onde apresentou a documentação exigida e foi selecionado para ministrar a disciplina em questão aos alunos do curso de jornalismo, entre os meses de janeiro e fevereiro de 1992.

Após o curso, o chefe do Departamento de História convidou Reginaldo para fazer o concurso para História, pois precisavam de professor qualificado para essa área de Artes. Reginaldo fez a inscrição conforme o edital e foi selecionado para avaliação pela banca. Após as etapas da avaliação (prova escrita, prova prática e currículo), ele foi aprovado para uma das duas vagas na Licenciatura em História ao mesmo tempo da aprovação de uma professora do Rio de Janeiro de nome Vânia, que, ao assumir as funções, não gostou do curso nem de

sua estrutura física. Ela considerava tudo muito improvisado. No semestre seguinte, a professora Vânia, que era Mestre em História, demitiu-se e retornou para o Rio de Janeiro.

Foi assim que Reginaldo pediu exoneração da função de professor do ensino médio do ex-Território Federal, tendo o contrato homologado para a carreira de professor do ensino superior na UFRR. Isso ocorreu em 15 de maio de 1992. Nessa época, a irmã Rosângela tinha trancado o curso de Letras por motivo da licença-maternidade.

Em janeiro de 1992, nasceu o primeiro filho do casal Eguinaldo e Rosângela, que recebeu o nome de Erick Gomes Pereira da Cruz. A nova família Gomes de Oliveira e Pereira da Cruz continuava residindo na casa do Conjunto Cambará. A casa do bairro São Vicente continuava no acabamento da reforma. Em 1993, na Igreja de Nossa Senhora da Consolata, no São Vicente, Eguinaldo e Rosângela oficializaram o casamento. Mudaram da residência no bairro Cambará para o São Vicente. Nesse tempo, Rosângela retomou os estudos na Licenciatura em Letras na UFRR, mas, ainda no primeiro semestre do referido ano, foi anunciada a segunda gravidez de Rosângela.

Rosângela, grávida e com uma criança pequena, abandonou o curso de Letras. Em 2 de novembro de 1993, nasceu o segundo filho do casal Eguinaldo e Rosângela, que recebeu o nome de Eguinaldo Gomes Pereira da Cruz (Naldinho). Em 1994, Rosângela voltou ao cargo de professora do ensino de 1º e 2º graus e contratou uma babá para cuidar das crianças, enquanto Rian continuava os estudos e o marido trabalhava como motorista no Setrabes.

Em julho de 1994, Reginaldo foi participar de um evento sobre o ensino de Artes na Universidade de Montreal, Canadá. Durante o evento, visitou o setor de Pós-Graduação e foi incentivado a prestar exames para o doutorado na área de Artes da referida Universidade. Ao retornar para a UFRR, com apoio da amiga e professora Maria Helena Ducan, do curso de Letras/

Francês, organizou a documentação traduzida em francês para ser enviada para Montreal. Antes do fim do ano, Reginaldo retornou ao Canadá para entrevista na Universidade de Montreal.

Em Montreal, Reginaldo era acompanhando de um amigo professor da Universidade Federal do Pará (UFPA), que cursava o doutorado nessa cidade canadense. Assim, ao receber a notícia de aprovado, tanto na documentação como na entrevista, Reginaldo foi indicado para fazer a inscrição para o doutorado na área de Artes na Universidade de Montreal. Novamente, em Boa Vista, com apoio da amiga e professora Maria Helena, Reginaldo organizou toda a documentação e enviou a Montreal para o amigo da UFPA, que fez sua matrícula.

Ao receber a documentação de matriculado no curso na Universidade de Montreal, Reginaldo entrou com o pedido de afastamento na UFRR para cursar o doutorado no Canadá. No entanto, depois de ser aprovado pelo colegiado de História e homologado pela Reitoria, o documento não foi homologado em Brasília. O motivo foi uma portaria ministerial (MP) que proibia o funcionário público cursar pós-graduação fora do Brasil em cursos que poderiam ser realizados no Brasil. Isso foi uma medida do governo Fernando Henrique Cardoso, que tinha assumido a Presidência em 1º de janeiro de 1995.

Desse modo, Reginaldo retomou as atividades acadêmicas na UFRR, tendo de esperar o retorno dos colegas que tinham saído para a pós-graduação em 1995. Nesse tempo, como chefe do Departamento de História, Reginaldo, com o apoio dos professores, organizou a documentação para o reconhecimento da Licenciatura em História pelo MEC. O referido curso de Licenciatura foi o primeiro curso da UFRR que conquistou o reconhecimento pelo MEC.

Nesse tempo, Ranieri foi aprovado no vestibular para o curso de Direito na UFRR. O curso de Bacharelado em Direito foi criado em novembro de 1991. Ranieri estudava e continuava como professor, ministrando as aulas de Educação Artística

nas escolas públicas. Contudo, em 1999, ao concluir o curso de Bacharelado em Direito, ele deixou a profissão de professor de Educação Artística, exercendo a função de advogado em escritório de advocacia, compartilhado com outros advogados. Rinaldo, na função de motorista, continuava o trabalho na Polícia Militar de Roraima.

A viúva Doralice começou a ter o estado de saúde agravado; eram vários problemas inflamatórios que envolviam complicações no fígado, rins, ampliados com a diabetes. Em julho de 1996, Doralice faleceu deixando os filhos, netos e bisnetos, que continuam a história dessa guerreira cearense, filha de Amélia e Antônio.

Os meses correram e o ano de 1997 chegou. No entanto, outra triste notícia chegou para os familiares. Foi a informação recebida sobre um acidente de trânsito na Rua Manuel Felipe no bairro Liberdade. O carro dirigido por Eguinaldo Cruz bateu em um ônibus no cruzamento da citada rua. Ele foi socorrido e levado para o Hospital Geral de Roraima, entrou em coma e ficou na UTI por uns dias, mas não resistiu.

Eguinaldo Cruz tinha completado 30 anos quando deixou Rosângela viúva com os três filhos. Na época, Rian Noelo era um jovem de 18 anos, Erick estava com 5 anos e Naldinho com 4 anos. A viúva Rosângela continuava na casa do bairro São Vicente, e a casa do Cambará estava alugada. No fim de 1999, Rosângela e os três filhos foram residir em Manaus, deixando as duas casas alugadas. Ela desejava que o filho Rian continuasse os estudos universitários em Manaus.

Rosângela foi designada pelo governo local para coordenar as duas casas de estudantes em Manaus; a masculina no prédio histórico próximo do Teatro Amazonas e a feminina no bairro da Praça 14. Ela residia em uma casa alugada na Rua Afonso Pena, próxima da Avenida Álvaro Maia, onde se encontra o Cemitério São João Batista. Nesse tempo, enquanto Rian estudava fisioterapia no Centro Universitário Nilton Lins, Rosângela

retomou os estudos na Faculdade Salesiana Dom Bosco no curso de bacharel em Serviço Social.

Entretanto, ainda na segunda metade de 1990, Richard tinha concluído a Licenciatura em Música e estava trabalhando como regente e pianista na Igreja Missionária Evangélica Maranata da Tijuca no Rio de Janeiro. Nesse tempo, ele iniciou um namoro com a jovem Isabelle Martinello, gêmea com Gabi Martinello, frequentadoras da Igreja Maranata. As gêmeas e a irmã Danielle são filhas de Tereza e Fernando Martinello, que, na época, moravam na cidade de Lambari, Minas Gerais.

Assim, na função de regente e pianista, Richard participou de bandas evangélicas, com apresentações de músicas gospel no Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais. Em uma dessas apresentações em São Paulo, foi até Santos, onde realizou apresentação com os amigos da banda. Rosanir e as três filhas foram prestigiar o evento gospel.

Em junho de 1998, durante os festejos de aniversário da noiva, Isabelle, e do noivado na casa dos pais dela em Lambari, Richard faleceu. No outro dia, depois da festa, Richard, a noiva e dois amigos deixaram Lambari de carro para Poços de Caldas. Ao dirigirem o carro na Rodovia Fernão Dias, que liga São Paulo a Belo Horizonte, foram atingidos por um caminhão de cargas. Richard e a noiva, sentados no banco traseiro, não resistiram e faleceram no local. Foram sepultados no cemitério em Lambari.

A família, em Boa Vista, não teve condições de realizar uma viagem para Lambari. Além da distância, Boa Vista era servida com poucos voos, que não facilitavam os familiares chegarem com tempo para o enterro. Assim, de Santos, Chico, Rosanir e as filhas representaram os familiares no enterro do jovem casal em Lambari.

Nesse tempo, no segundo semestre de 1998, Reginaldo realizou os exames de seleção para o doutorado na Universidade de São Paulo (USP) na área de História. Foi aprovado e teve como orientadora a professora Dra. Marlene Suano (História Antiga e

História Cultural), esposa do professor Ulpiano Meneses. Assim, em março de 1999, retomou os estudos do doutorado em História Social. Afastou-se das atividades acadêmicas em Boa Vista/RR, com bolsa de estudos, para desenvolver conhecimentos sobre a História de Roraima em São Paulo.

Para isso, Reginaldo alugou um pequeno apartamento no 23º andar do Edifício Copan, localizado na Avenida Ipiranga, próximo da Rua da Consolação. O Copan foi projetado na década de 1950 pelo arquiteto Oscar Niemeyer. O prédio tornou-se um dos símbolos paulistanos, com mais de cinco mil moradores, em diferentes tamanhos de apartamentos. Morando em São Paulo, nos fins de semana, Régio viajava de carro para Santos, onde curtiava um pouco a praia e os familiares. Ficava hospedado no sobrado de Rosanir e Chico, na rua Martins Francisco. No início do primeiro semestre de 2003, Reginaldo concluiu o doutorado e regressou para exercer suas atividades acadêmicas em Boa Vista –nessa época, a orientadora Marlene Suano estava em uma missão científica na Itália, e a defesa e aprovação realizou-se no segundo semestre de 2003.

Parte 45

A família e as primeiras décadas do século XXI

O século XXI chegou trazendo novas formas de relação com o mundo, por meio das ferramentas tecnológicas e virtuais. As cartas escritas à mão e enviadas pelos Correios deram lugar aos e-mails, enviados pelas ferramentas da internet. Nesse espaço de ensino-aprendizagem no ambiente virtual, o mundo digital iniciou uma nova era de contato entre as pessoas. Nesse processo, interagindo com as mídias sociais, o celular foi popularizado como ferramenta de fácil transporte e fazendo uso de vários aplicativos digitais, para comunicação on-line; ou seja, novas expressões surgiram para o contato entre as pessoas, e foram inseridas no denominado mundo virtual.

Reginaldo, acompanhado da família de Chico e Rosanir, assistiu ao Réveillon de 1999 para 2000 na Praia de Santos, São Paulo. Os diversificados fogos de artifício brilharam e coloriram o céu santista. Em Boa Vista, a família desfrutou a queima de fogos de artifício no Parque Anauá, pois as boas energias do século XX fortaleceram a esperança de dias melhores no século XXI. Era o fim de um século e o início de outro que todos estavam vivenciando. Um acontecimento vivido pelos familiares ascendentes na virada do século XIX para o XX, ou melhor, pelos pais e avós de nossos avós.

Em 2006, Reginaldo, por um período, afastou-se da UFRR para participar de um curso de Capacitação na Universidade da Flórida Central - University of Central Florida (UCF), Estados Unidos -, onde morou por quatro meses. Lá, ele contou com o apoio dos amigos Antônio Stevens e John Stevens. A UCF localiza-se nos arredores da cidade de Orlando. O curso e a pesquisa tiveram como foco os estudos históricos e culturais na América do Sul em especial para a Amazônia. Reginaldo vinha desenvolvendo estudos sobre a História das Guianas ou da Amazônia Caribenha.

Nesse período o irmão Ranieri casou com a jovem Ellen Cheeatow Barbosa em junho de 2006. Ellen é filha do casal: Idio Garcia Barbosa e Wendy Cheeatow. A Sra. Wendy nasceu em Georgetown/Guyana. O jovem casal Ranieri Gomes da Silva e Ellen Cheeatow Barbosa deu origem a um ramo da família, que trazia incorporada na formação de parentesco ascendente membros do Brasil e de Guyana. Assim, o grupo da família incorporou membros do Brasil, Venezuela e Guyana, tornando-se uma família Amazônica Caribenha com membros nacionais e internacionais. Nesse caso, a comunicação envolveu as línguas: portuguesa, espanhola e inglesa. O casal Ranieri e Ellen tem dois filhos: Yuri Ranieri e Daniel Alecsander.

Rosângela e os filhos, nesse novo tempo, continuavam morando em Manaus, no bairro Praça 14. Rosângela e Rian concluíram o curso universitário, e Rian começou a trabalhar como fisioterapeuta no hospital no setor de UTI. Enquanto isso, Rosângela foi firmando a nova profissão de assistente social. Os filhos, Erick e Naldinho, estavam concluindo o ensino médio. Nesse período Rian conheceu Márcia Lopes, nascida em Boa Vista. Eles noivaram e se casaram na Igreja Nossa Senhora de Nazaré, localizada na Avenida Ville Roy em Boa Vista. Desse modo, o bisneto da linha materna da avó Amélia e da paterna avó Antônia iniciou outro ramo da família: os Gomes de Oliveira Pérez e Lopes. Após o casamento, Rosângela e a nova família retornaram para Manaus.

Nesse contexto de casamentos das novas gerações no século XXI, o filho mais velho de Rossinete e Cezário, de nome Kroiff Gomes de Oliveira Cezario, namorou e casou com a jovem professora de Educação Física Elcynara Menezes. O novo casal foi ampliando outro ramo da família, com o nascimento do filho Kayo Eduardo em 2000 e, mais tarde, da filha Eryka. Nessa perspectiva o novo grupo de sobrinhos e primos foi incorporando novos membros na organização de parentesco.

Os primos e sobrinhos deram origem, no século XXI, a outros grupos de novas gerações, que continuarão a História da

Família iniciada em Boa Vista. Família que, no século XX, tinha como referência os quatro avós: Amélia e Antônio, pelo lado materno, dos Pereira de Albuquerque e dos Gomes de Oliveira/Gomes da Silva; além do casal de um dos lados paternos: Antônia e João Lídio. No século XXI, os quatro avós eram falecidos.

Por volta de 2010, Rosângela e a família continuavam em Manaus. O filho casado, Rian, e Márcia eram pais da conhecida Belinha, primeira neta de Rosângela. Todos moravam juntos no bairro Praça 14. No entanto, após praticamente dez anos em Manaus, Rosângela e a família retornaram para Boa Vista e foram residir, todos juntos, na casa no bairro São Vicente. Nessa ocasião, o filho Erick realizou o vestibular e foi aprovado para o curso de Direito. Naldinho estava concluindo o ensino médio, para, em seguida, submeter-se ao vestibular também para o curso de Direito.

Em Santos, as filhas de Chico e Rosanir também estavam cursando a graduação na área de Informática e a filha Lana tinha concluído o curso de Jornalismo, mas todas as três irmãs trabalhavam no campo da Informática, com as ferramentas digitais. Como foi comentado, era a nova área de trabalho do século XXI, que envolveu as novas gerações e suas profissões.

Depois que retornou dos Estados Unidos, no segundo semestre de 2006, Reginaldo dedicou-se aos estudos sobre os índios urbanos e seus deslocamentos na região amazônica, como também a História da ilha da Guiana, ou Amazônia Caribenha. Para isso, liderou o grupo de pesquisadores que envolveu professores da Universidade Central da Venezuela e da Universidade Andrés Bello em Caracas, Venezuela; Universidade de Guyana em Georgetown, Guyana; Universidade do Suriname em Paramaribo, Suriname; Universidade de Amsterdam em Amsterdam, Holanda; University of the West Indies, Trinidad.

O sucesso das atividades acadêmicas e profissionais do neto primogênito de Amélia e Antônio, sendo segundo neto de Antônia e João Lídio, era festejado e elogiado pelos familiares

em especial nos encontros e celebrações de fim de ano. Contudo, notícias do agravamento de saúde de Rosimar, filha de Raimundo e Doralice, não eram animadoras. Rosimar tinha um estágio avançado de diabetes, e a saúde começou a complicar-se. Foi internada no hospital, mas em setembro de 2010, faleceu. Deixou filhos e netos para continuar sua história de vida.

Em fins de 2011, Reginaldo foi convidado para compor a chapa para a eleição da Reitoria da UFRR (gestão março de 2012 a março de 2016) com a professora Gioconda Martinez. A dupla Gioconda e Reginaldo venceu as eleições e assumiram o cargo de Reitora (Gioconda) e Vice-Reitor (Reginaldo) em 8 de março de 2012. Foi com esse evento da eleição para a Reitoria da UFRR que Reginaldo envolveu-se nas mídias on-line, com ferramentas das redes sociais. Eram ferramentas usadas para os debates com a comunidade acadêmica que participava da votação para a Reitoria.

Assim, a partir de 2012, com o uso das redes sociais, Reginaldo passou a ter contato com antigos amigos e parentes do ramo familiar da avó Antônia e João Lídio. Eles olhavam o perfil on-line de Reginaldo e enviavam mensagens solicitando incorporação ao grupo de amigos virtuais. Desse modo, Reginaldo ativou as relações de parentesco com o ramo da família paterna (José Nelson).

O início dos contatos virtuais foi pelo Facebook com o primo Max Douglas, filho do tio Barrigola (Otávio), que Reginaldo tinha conhecido em Boa Vista na década de 1980. Com as conversas on-line, Reginaldo e o primo Max tiveram alguns encontros em Manaus, onde a família de Max estava residindo. Os encontros ocorreram quando Reginaldo participou de eventos acadêmicos na Ufam, representando a UFRR na cidade de Manaus.

Durante os encontros com Max, Reginaldo teve contato on-line com a irmã dele, de nome Ana Lilian. Nas conversas com Max, soube do falecimento da avó Antônia, em meados dos anos 1980, na cidade Boa Vista; também do falecimento

das tias Angélica e Etelvina na Venezuela, por complicações de saúde. Nessa ocasião, o primo Max confirmou o falecimento de todos os irmãos, também por complicações de saúde: Chico, Nelson, Rubens, Barrigola. Todos deixaram filhos e netos para continuidade da história de vida da família.

Chegou o ano de 2013, e uma notícia triste anunciou uma misteriosa enfermidade diagnosticada no filho de Rossinete e Cezário, Klaus Rainer Gomes de Oliveira Cezário. Ele foi hospitalizado no Hospital Geral de Roraima (HGR), mas não teve sucesso na recuperação da saúde. Ele faleceu em março do citado ano e deixou um casal de filhos com diferentes mães: Jhennifer e Ângelo.

No desenrolar dos acontecimentos familiares, em março de 2014, o ramo familiar dos Gomes de Oliveira/Gomes da Silva, organizou uma festa para celebrar os 80 anos da matriarca: Delzira. A festa reuniu grande parte da família e a confraternização foi na residência de Rosângela no bairro São Vicente. Delzira ficou muito feliz com a grande reunião familiar, celebrando seus 80 anos com três gerações: filhos, netos, bisnetos e gerações de sobrinhos.

Entretanto, no segundo semestre de 2014, correram notícias do agravamento de saúde de Nicinha (Eunice), filha de Raimundo e Doralice. Nicinha estava com problemas cardíacos, diabete e depressão, sendo internada no HGR. Porém, a doença degenerativa venceu, e ela faleceu em novembro do citado ano. Deixou filhos e netos para contarem sua história e darem prosseguimento ao ramo familiar originado por ela e Nancy (ele era falecido).

Nesse meio tempo, em fins de dezembro de 2014, Delzira sofreu uma queda em casa e quebrou uma perna. Foi hospitalizada e fez cirurgia para colocar placas e pinos, dando mobilidade e segurança para voltar a andar. Enquanto estava no Hospital da Mulher (bairro São Pedro), o filho Rinaldo foi visitá-la. Ao deixar o hospital, ele sofreu um acidente no trânsito de Boa Vista e faleceu no local.

Ao tentar atravessar a Avenida Consolata com a Avenida Santos Dumont, no bairro São Pedro, a motocicleta conduzida por ele foi arremessada pela picape dirigida em alta velocidade por Valdenrique Alves de Macedo, que estava completamente embriagado. Essa notícia abalou a família, e Delzira perdeu mais um filho em acidente de trânsito no dia 2 de janeiro de 2015. Foi mais um velório e enterro de que Delzira não pôde participar.

Enquanto os anos corriam, Reginaldo recebeu mensagem de Floraci Oliveira, filha do tio Chico (Francisco) e Flora. Ela convidou o primo para visitar a casa da mãe dela, que completaria 90 anos. Estava residindo em Boa Vista, na Rua Arco Íris, bairro Raiar do Sol. Muito surpreso com o convite, Reginaldo aceitou participar da celebração em homenagem à viúva do tio Chico. Floraci comentou que os pais nunca deixaram a residência na região da Serra da Lua para morar em Boa Vista. No entanto, com o falecimento do pai, Francisco Gomes de Oliveira, em 24 de novembro de 2000, a viúva Flora resolveu mudar-se para Boa Vista.

Nesse contexto de reaproximação familiar Reginaldo compareceu ao aniversário de 90 anos da tia Flora. O aniversário foi celebrado em 8 de janeiro de 2017, na residência da aniversariante, com um jantar a partir das 19h30. Ao estacionar o carro próximo do portão de madeira, Reginaldo foi bem recebido pela prima Floraci, que o apresentou aos demais parentes, presentes na festa. Conheceu os irmãos de Floraci: Francinete e Haroldo, com a esposa Valdelise Gurgel. Reencontrou a prima Sônia, filha de tia Angélica, que estava acompanhada de um filho e uma neta. Sônia comentou que tinha uma filha morando na Venezuela, Eliane Oliveira Almeida, que residia no município de Caracará e trabalhava em uma escola. A conversa foi fluído, e Reginaldo foi apresentado a outros familiares. Não deu para lembrar-se de todos os nomes.

Durante a conversa com os primos da família paterna, Régio comentou sobre o enfarto sofrido em abril de 2015 e a

cirurgia para colocação de duas pontes de safena e uma ponte mamária em julho do mesmo ano. Disse que em Boa Vista não tem tratamento para paciente cardíaco, e a cirurgia realizou-se em São Paulo. Nessa cidade, ele continuava com a assistência médica e tratamento cardíaco. Disse que estava preparando-se para viajar a São Paulo em fevereiro de 2017, onde realizaria exames e consultas para avaliação do referido tratamento. A prima Sônia comentou a cirurgia cardíaca semelhante a que se submetera em 2012, fora de Boa Vista.

Entretanto, foi a partir desse evento de aniversário dos 90 anos da tia Flora, fazendo uso do Facebook, que os outros filhos do tio Barrigola entraram em contato com Reginaldo: Monah Figueiredo de Oliveira, Emília Figueiredo de Oliveira, Jaqueline (Jacke) Figueiredo de Oliveira e Márcio Otávio Figueiredo de Oliveira. Por meio desses contatos on-line, o filho músico, do segundo casamento de Nelson, que era amigo de Paulo Richard, de nome Darci Oliveira, entrou em contato com Reginaldo, ampliando as relações da família paterna no mundo digital. Darci tornou-se baterista e, nessa época, era integrante de Banda de Forró e tocava acompanhando a banda pelo Nordeste brasileiro.

As festas juninas, em 2017, estavam realizando-se quando a família em Boa Vista recebeu a notícia do nascimento do filho de Rian e Márcia na maternidade. O garoto, primeiro neto de Rosângela, recebeu o nome de Arthur. O casal Rian e Márcia comemorou a ampliação da família, agora com os dois filhos: Belinha e Arthur. Durante o decorrente ano, Erick, filho de Rosângela, estava formado em Direito e tinha assumido compromisso de casamento com Isabela Andrade. Isabela nasceu em Boa Vista, sendo filha de Edna e Irlan Andrade. Ela é neta do conhecido e antigo comerciante Sr. Francisco Custódio de Andrade e da esposa, Dona Edna. Eram proprietários da Casa Caça e Pesca.

Nesse novo ramo familiar, em novembro de 2017, nasceu a filha do casal Erick e Isabela, que recebeu o nome de Mariana.

Rosângela ficou feliz com a chegada da nova neta e bisneta de Delzira. Enquanto isso, o casal Chico e Rosanir continuava residindo em Santos e tinha a companhia da filha Tayna. A filha Mayra tinha casado com Raphael Pires de Albuquerque em Recife, Pernambuco, onde estavam residindo. Raphael nasceu em Recife em 2 de dezembro de 1982, filho de Francisco Claudino de Albuquerque Neto e Thereza Helena Fernandes de Carvalho Pires. Ambos são padrinhos de batismo de Mayra. A filha Lana tinha assumido compromisso de casamento com William Vieira e estavam residindo em São Paulo na região de Vila Prudente. William nasceu em São Paulo, tendo como pais Genir e Rubens Vieira. O casal Rubens e Genir teve apenas dois filhos: William e Aline.

Parte 46

Régio e outros desdobramentos na História da Família a partir de 2018

Em razão do tratamento cardíaco em São Paulo, morando em Boa Vista, Roraima, Régio desenvolvia suas atividades na UFRR de forma moderada. Assim, de modo mais lento, continuou desenvolvendo as pesquisas, a participação em eventos de extensão, além das aulas e orientação de alunos. Porém, após os exames e a avaliação médica em julho de 2018 na cidade de São Paulo, recebeu a notícia de que o tratamento era longo e demorado, mas estava dando certo.

Após essa avaliação com o cardiologista Dr. Rodrigo Noronha, Régio gozou férias e aproveitou a temporada em São Paulo para ir ao Rio de Janeiro visitar amigos e parentes. Nesse sentido, no dia 18 de julho de 2018, no voo da Avianca, deixou o Aeroporto de Congonhas com destino ao Aeroporto Santos Dumont no Rio de Janeiro. A viagem foi tranquila e, chegando lá, ele pegou um táxi para o Petit Rio Hotel, localizado na Rua Arthur Bernardes, entre a Rua do Catete e a Rua Bento Lisboa, na fronteira do bairro do Flamengo, Largo do Machado e Catete.

Nos dias seguintes, Régio fez visita à amiga Sônia Lobato, que estava residindo em Botafogo, no Pensionato do Colégio Nossa Senhora de Lourdes. Depois do casamento de Sônia e Luciano ser desfeito, e os três filhos terem constituído família, Sônia não estava conseguindo conciliar diferentes tarefas domésticas e administrar o apartamento sozinha. A visita foi comemorada com um almoço no restaurante que Sônia escolheu: Lima Cocina Peruana, localizado na Rua Visconde de Caravelas, em Botafogo, onde degustaram um saboroso peixe grelhado.

Em outro dia, Régio visitou a amiga Heloisa Martins (Helô), que reside na Rua Martins Ribeiro, no Flamengo, próximo ao Largo do Machado. Durante a animada conversa de Helô e

Régio, com lembranças da época do curso de canto na década de 1980, receberam a visita da prima de Helô, de nome Alda. Em seguida, a anfitriã Helô serviu um chá com biscoitos e sanduíches aos visitantes. A amizade entre os três é antiga, e a conversa fluiu, com atualização das notícias por meio do animado bate-papo.

Depois desses encontros entre amigos, Régio foi visitar as irmãs, filhas de Paulino e Neusa Maria. Assim, pegou um ônibus executivo para Santa Cruz, desceu na estação de trem, onde Carlinhos, o esposo de Sônia, estava esperando pelo cunhado. O encontro familiar foi comemorado com um almoço preparado por Sônia. Chegaram para o almoço a irmã Neusinha e o filho caçula de Sônia, Igor. Depois, chegou o marido de Neusinha, Almir. Foi um dia divertido e animado pelas conversas e lembranças.

Ao voltar para o Petit Rio Hotel na zona sul, Régio foi conduzido pelo serviço de táxi de um motorista que fazia serviços para o casal Carlinhos e Sônia. Nesse retorno, o motorista André Marques (Dezinho) pegou Régio na casa de Sônia e, no trajeto, iniciaram uma conversa sobre o casal Carlinhos e Sônia. Nesse bate-papo Dezinho soube que Reginaldo é professor na UFRR e comentou que tinha uma amiga em Roraima que havia estudado na UFRR.

Imediatamente, o motorista Dezinho pegou o celular e ligou para a amiga em Boa Vista, Roraima. Quando a amiga atendeu, ele disse que estava conduzindo no carro uma pessoa de Roraima e disse o nome de Reginaldo, professor de História. A amiga pediu para falar com o professor. Então, ela se identificou como Carla Domingues, e lembrou ao professor Reginaldo que foi aluna dele no Mestrado de Letras (talvez da turma 2010). Atualmente, Carla mora no bairro São Pedro em Boa Vista. Ao fim da viagem, o motorista Dezinho e Reginaldo se mostraram surpresos, pois durante uma longa viagem no trânsito do Rio, conversaram com uma amiga de infância dele: Carla Domingues.

Após essa aventura em Santa Cruz, no domingo dia 22 de julho de 2018, Régio leu durante o café da manhã no hotel uma

nota no Facebook da prima Monah, filha do tio Barrigola. A nota dava notícias de uma missa na Ordem Fraternal Cruzeiro do Sul - CEU, na Rua Washington Luiz, ao lado do Hospital Espanhol, próximo ao bairro de Fátima no Centro do Rio. A referida missa era na intenção da passagem deste plano para o divino de Hiro Figueiredo de Oliveira, filho de Emília, outra filha do tio Barrigola.

Régio sentiu-se curioso e tocado para ir até a Ordem Fraternal Cruzeiro do Sul, encontrar as primas e participar do evento de oração. Assim, por volta das 16 horas, deixou o Petit Rio Hotel e pegou um ônibus na Rua do Catete, em direção à Rua Mem de Sá, para procurar o endereço da Ordem. Chegando ao local, Régio foi atendido por Hyan, um dos filhos de Emília. Ele conduziu Régio até a tia Monah e a mãe Emília, que ficaram surpresas e felizes com a visita do primo, que conheciam apenas no mundo virtual.

Na cerimônia religiosa, Régio foi apresentado a uma filha de Emília, de nome Uly. Depois do evento, todos caminharam até a Rua Mem de Sá, onde Régio pegaria o ônibus para o Flamengo. Na caminhada, encontraram com outro filho de Emília, Rodrigo, que estava trabalhando na banca de revistas.

As férias no Rio de Janeiro estavam chegando ao fim; Reginaldo viveu intensas emoções nos encontros com amigos e familiares. Retornou para São Paulo pelo voo da Avianca, que decolou no Aeroporto Santos Dumont. Em seguida, retornou às atividades acadêmicas em Boa Vista, Roraima.

Em Boa Vista, em um belo fim de tarde, visitou a prima Francinete e a tia Flora, que, em razão da fragilidade de saúde, estava dormindo. Depois, tia Flora acordou e ficou contente com a visita do filho de Nelson. Régio e a prima conversaram sobre quanto a família cresceu. A própria Francinete disse que não conhecia todos os parentes do pai, Francisco (Chico). A prima Sônia (filha de tia Angélica) tem filhos e netos em Boa Vista, mas tem a filha, Eliane Oliveira Almeida, que mora na Venezuela

(Ciudad Bolívar). Eliane tem filhos e netos. Francinete e os irmãos também têm filhos e netos. Alguns moram em Roraima, outros em Manaus.

Francinete comentou que em alguns fins de semana uns primos se reúnem para o almoço com tia Flora. Entre os primos, fazia-se presente um dos filhos de tia Etelvina: Ramon Gomez, com a esposa e o casal de filhos, que imigraram da Venezuela. O outro filho de tia Etelvina ainda está residindo na Venezuela: Sandro Gomez, com esposa e filhos. Aproveitamos para citar os primos que são filhos de tia Angélica: Aloisio (nasceu em 1947) e Sônia (1949), nascidos em Boa Vista, e dois registrados na Venezuela, onde residiam com a mãe: Sebastião (1963) e Carlos (1968). Todos os filhos masculinos de Angélica são falecidos.

Desde o governo de Hugo Chávez, presidente da Venezuela de 1999 a 2013, o país vivenciou uma crise econômica marcada por inflação e desemprego. A partir de 2014, com o presidente Nicolás Maduro, a situação agravou-se. Assim, a Venezuela tornou-se um dos países da América Latina com grande pobreza. Nesse período os venezuelanos e índios Warau imigraram para o Brasil, entrando pela fronteira de Roraima.

Em Manaus e no Rio de Janeiro, moram os primos filhos do tio Barrigola. Aproveito para informar os filhos do tio Barrigola com Francisca Figueiredo de Oliveira, que também deixaram netos e bisnetos: Monah Figueiredo de Oliveira, Jaqueline Figueiredo de Oliveira, Max Douglas Figueiredo de Oliveira, Ana Lilian Figueiredo de Oliveira, Emília Figueiredo de Oliveira e Márcio Otávio Figueiredo de Oliveira.

Durante a conversa com a prima Francinete, Régio informou que, pelo lado da família de Delzira e Nelson, também há um grande número de sobrinhos, sobrinhos-primos, sobrinhos-netos e sobrinhos-bisnetos. Ele também não conhece todos. Os filhos de Raimundo e Doralice tiveram filhos, netos e bisnetos. Assim, também, os filhos de Delzira e Nelson estão com filhos e netos. A filha Rossinete é a que tem mais netos. São três do filho

Kroiff: Kayo Eduardo, Eryka e Kayla; três da filha Kelly Cristina: Anthony, Arthur e Klaus Rainer; além das duas crianças Jhennifer e Ângelo, filhos do falecido Rainer. A filha Rosângela tem três netos, sendo dois do filho Rian: Belinha e Arthur; e uma neta filha de Erick: Mariana; a filha Rosanir tornou-se avó em abril de 2020, com o nascimento de Lívia, filha de Tayna e Henrique Arrais. A filha Lana está grávida, esperando o bebê para o início de 2021.

Abro um parêntese para narrar que estamos vivendo uma invisível guerra por causa da Covid-19, doença causada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2). Desde fevereiro de 2020, o Brasil e os outros países da América do Sul iniciaram um enfrentamento da pandemia causada pelo referido vírus. Conforme noticiários, o vírus originou-se na China em fins de 2019, mas espalhou-se e causou uma pandemia mundial, deixando as pessoas assustadas com o grande número de mortes causadas pelo vírus. Para proteção, as pessoas ficam isoladas em casa e, ao saírem, usam máscara. É um momento diferente culturalmente e difícil economicamente. Muitas pessoas perderam o emprego e várias empresas faliram. Estamos adaptando-nos com as ferramentas on-line para continuarmos os trabalhos.

O mais triste nesta guerra foi o falecimento de parentes e amigos. Nem todos que foram infectados pelo coronavírus conseguiram recuperar-se. Na família, alguns membros foram infectados, mas conseguiram a recuperação. Porém, tivemos a notícia do falecimento da avó de William (esposo de Lana) e da sogra de Kroiff, que foram infectadas pelo referido vírus.

Parte 47

Encaminhamentos para o fim da narrativa histórica

Há muitas informações sobre as novas gerações que nasceram no fim do século XX e início do século XXI que precisariam ser incorporadas nesta obra. No entanto, a intenção foi mostrar um pouco dos parentes mais idosos, que vivenciaram juntos a vida no século XX. Foi uma forma do neto historiador contar para as novas gerações um pouco de sua história, que foi ampliada ao costurar com os retalhos da memória ou das lembranças a história de vida da família.

A obra é também uma homenagem à avó materna Amélia e avó paterna Antônia. Hoje, em 2020, as duas avós vivas da família são Delzira com 86 anos e Flora com 93 anos. Porém, nos anos 1950, as avós lavadeiras do Igarapé Caxangá (Amélia e Antônia) não sonhavam que o neto Reginaldo – pulando no igarapé com as outras crianças, enquanto elas lavavam roupas para o sustento da família – tornar-se-ia um historiador e professor na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Como professor universitário, ocupou vários cargos administrativos, chegando ao “topo da pirâmide” administrativa universitária na UFRR, quando exerceu a função de vice-reitor e reitor em exercício (março-2012 a março-2016). Assim, durante a referida década de 1950, as avós Amélia e Antônia não imaginariam o neto como professor-visitante, ministrando aulas para os alunos do Mestrado e Doutorado em História Econômica na Universidade de São Paulo (USP) em 2016. Na função de professor-visitante, ministrou aulas também para os alunos de Pós-Graduação/Especialização da Universidade do Suriname em Paramaribo, Suriname (2018).

Além disso, o neto Reginaldo inovou a História Regional ao incorporar a História das Guianas ou Amazônia Caribenha na construção da História da Amazônia. Temática inovadora no

processo histórico regional, que o conduziu para conferências nas universidades federais da Amazônia brasileira. Tema que foi compartilhando, por meio das conferências e encontros acadêmicos, com os parceiros do Pitzer College na cidade de Claremont na Califórnia, Estados Unidos; na Universidade Católica Andrés Bello e Universidade Central de Caracas, ambas em Caracas, Venezuela.

O tema foi ampliando-se com as conferências e os seminários compartilhados, com os parceiros da Universidade de Guyana em Georgetown, Guyana; da Universidade do Suriname, em Paramaribo, Suriname; da University of the West Indies, Câmpus em Trinidad; da Universidade de Amsterdam e Universidade de Leiden, Holanda; da Universidade de Viena, na cidade de Viena, Áustria; da Universidade de Ghent, cidade de Ghent, Bélgica.

Nesse sentido, o historiador roraimense, neto primogênito de Amélia e segundo neto de Antônia, deu contribuições importantes ao debate acadêmico local, regional, nacional e internacional. Pôs em evidência os estudos desenvolvidos na UFRR e no estado de Roraima, sua região de nascimento. Homenagem também à bela Boa Vista, terra natal, que viu o crescimento do historiador de Roraima, o neto de amazônidas e nordestinos.

Referência

GUIANA: caminhos da reportagem. Brasil e Guyana reportagem histórica. Tradução: Fábio Cavalcante. [S. l., s. n.], 2011. 1 vídeo (10:30min). Publicado pela TV Brasil/TV Universitária. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6WILY7J-r5k>. Acesso em: 26 set. 2019.

Bibliografia

CRUZ, Maria Odileiz Sousa; HULSMAN, Lodewijk; OLIVEIRA, Reginaldo Gomes. A brief political history of the Guianas: from Tordesillas to Vienna. Boa Vista, RR: EdUFRR, 2014.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. Bourda: a little Brazil em Georgetown. Textos & Debates, Boa Vista, RR, n. 4, p.147-154, jan./jun. 2008a.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. Brasil-Guyana-Venezuela e algumas trilhas indígenas. Revista Tepui: Dossiê das Fronteiras, Boa Vista, RR, 2. sem. 2012.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. A cidade de Boa Vista e os índios urbanos em áreas de fronteiras. In: LIMA, Carmen Lúcia; CIRINO, Carlos Alberto (org.). Moradores da Maloca Grande: reflexões sobre os indígenas no contexto urbano. Boa Vista, RR: EdUFRR, 2016. p. 75-85.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. A herança dos descaminhos na formação do estado de Roraima. Orientadora: Marlene Suano. 2003. 378 f. Tese (Doutorado) – Programa de História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. Notas sobre os holandeses na Amazônia no período colonial. *Textos & Debates*, Boa Vista, RR, n. 11, jul./dez. 2006.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de (org.). Projeto Kuwai Kiri: a experiência amazônica dos índios urbanos de Boa Vista, Roraima. Boa Vista, RR: EdUFRR, 2010.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. O rio Branco no contexto da Amazônia Caribenha: aspectos da colonização europeia entre os séculos XVI e XVIII. In: MARTINS, Estevão Chaves de Rezende; MOREIRA, Felipe Kern (org.). *Relações internacionais na fronteira norte do Brasil*. Boa Vista, RR: EdUFRR, 2008b. (Coletânea de Estudos).

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de. Roraima, Amazônia de Makunaima e o ensino de música. 1991. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Música, Centro de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão, Conservatório Brasileiro de Música, Rio de Janeiro, 1991.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; CAVLAK, Iuri. Relações Internacionais na Guiana Brasileira: a consolidação portuguesa em Roraima e no Amapá. In: MARTINS, Rodrigo Perla; LYRA JÚNIOR, Américo Alves de (org.). *Relações internacionais e política externa brasileira: história e historiografia*. Boa Vista, RR: EdUFRR, 2020. p. 41-80.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; HULSMAN, Lodewijk. Escravidão indígena na Amazônia Caribenha. *Revista Olhares Amazônicos*, Boa Vista, RR, v. 5, n.1, p. 912-929, jan./jun. 2017.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; IFILL, Mellissa (org.). *Dos caminhos históricos aos processos culturais entre Brasil e Guyana*. Boa Vista, RR: EdUFRR, 2011.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; JUBITHANA-FERNAND, Andrea Idelga. Dos caminhos históricos aos processos culturais entre Brasil e Suriname. Boa Vista, RR: EdUFRR, 2014.

OLIVEIRA, Reginaldo Gomes de; MAGALHÃES, Maria das Graças Dias. A Questão do Pirara: Roraima. Textos & Debates: Dossiê Guianas, Boa Vista, RR, n. 14, jan./jun. 2008.

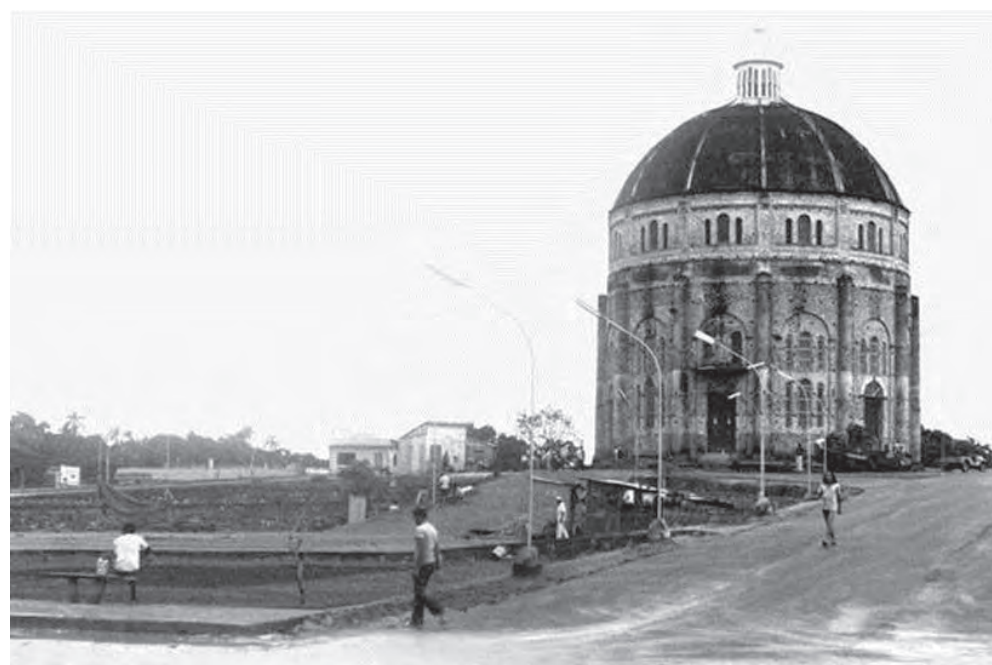
ANEXOS

De modo especial, os anexos dessa obra fazem parte do acervo fotográfico pessoal do autor. As antigas imagens de Manaus foram pesquisadas na página web da Manaus Sorriso - Publicações/ Facebook, visitada em 2020. As fotos de Boa Vista-RR foram colhidas no Arquivo da Casa da Cultura nos anos de 2005 e as fotos da família, foram colhidas nos álbuns de fotografias da família.

A ideia é ilustrar um pouco sobre o que foi comentado na obra. É dar um pouco de visibilidade sobre alguns personagens e paisagens urbanas citadas.

Manaus-AM na década de 1960





Boa Vista - RR antigamente





Avó Amélia e Maria de Jesus (Bibi) em Camocim, na visita aos parentes na década de 1950.



Casamento de Delzira em janeiro de 1952.



Delzira e suas transformações entre os anos de 1950 e começo de 1960



Década de 1950: As irmãs - Doralice e Delzira.



A cunhada de Delzira Angélica e ao lado, Nelson



Carnaval de 1956 em Boa Vista
Régio e Rosângela



**1960 em Boa Vista - Delzira, a
sobrinha Maria Eunice (Nicinha)
e os filhos Régio e Rinaldo**



Final dos anos de 1960:

Os sete irmãos na Praça da Matriz, em Manaus-Am: Reginaldo, Rosângela, Rossinete, Rosanir, Rinaldo, Antônio Ranieri e Paulo Richard.



Delzira e Paulino nos anos de 1960



**Avó Amélia e alguns bisnetos na década de 1980:
Lana e Kelly, Rian, Kroiff e Rainer.**

A lista dos membros antepassados que foram integrando a nossa família é grande. Perdemos os nomes e suas histórias, seja no século XX, ou no século XIX, ou mesmo no século XVIII...

Quantas vidas nos antecederam?

Quantos avós perdemos nas lembranças familiares, ao longo dos séculos?

A partir do nosso nascimento, as novas gerações também estão se multiplicando.

Novas gerações que reorganizam os laços de parentesco.

Logo, seremos lembranças próximas ou distantes, esquecidas entre os retalhos ou fragmentos históricos de nossa grande família.

NUPEPA
Núcleo de Pesquisas Econômicas e Políticas da Anzoânia



ISBN 9786559550074



9 786559 550074